



Centro de Educação
Avenida da Arquitetura s/n
Cidade Universitária,
Recife - PE - Brasil
CEP.: 50.740-550
Fone/Fax: (81) 2126.8952
edumatec@ufpe.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E
TECNOLÓGICA
CURSO DE MESTRADO

Patricia Carvalho Matias

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM OFICINAS DE BLOG NO PROI-
DIGIT@L: PRODUÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL**

RECIFE
2014

PATRICIA CARVALHO MATIAS

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM OFICINAS DE BLOG NO PROI-DIGIT@L:
PRODUÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, EDUMATEC - UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática e Tecnológica.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Auxiliadora Soares Padilha.

RECIFE

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

O433m Matias, Patricia Carvalho.
Mediação pedagógica em oficinas de blog no Proi-digit@I: produção e inclusão digital / Patricia Carvalho Matias. – Recife: O autor, 2014.
149 f.; 30 cm

Orientadora: Maria Auxiliadora Soares Padilha.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2014.

Inclui Referências e Apêndices.

1. Tecnologia educacional. 2. Inclusão digital. 3. Mediação pedagógica. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Padilha, Maria Auxiliadora Soares. II. Título.

371.3078 CDD (22. ed.) UFPE (CE2014-85)



Patrícia Carvalho Matias

**“MEDIÇÃO PEDAGÓGICA EM OFICINAS DE BLOG NO PROI-DIGIT@L:
PRODUÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a conclusão do Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora
Profa. Dra. Maria Auxiliadora Soares Padilha
UFPE

Examinadora Externa
Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva
UFRPE

Examinador Interno
Prof. Dr. Sérgio Paulino Abranches
UFPE

Recife, 24 de fevereiro de 2014.

Dedico este trabalho a Seu Gilson e Dona Cristina, meus pais, a Diógenes, meu irmão, e aos meus parentes próximos, pelo carinho e consolo, em especial a tio Zezinho (Preá), pelos laços e lembranças deixadas e a convicção de que, um dia, voltaremos a nos encontrar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da existência e a seus trabalhadores espirituais que contribuem, a cada dia, no fortalecimento dos laços e ao reencaminhamento aos trabalhos comprometidos.

A minha orientadora, Dra. Auxiliadora Padilha, pela orientação, compreensão e atenção ao trabalho, cujos comentários foram de extrema importância e esclarecimento durante o percurso da pesquisa. Assim como as palavras consoladoras em momentos vividos dessa trajetória. Aprendi muito com a senhora enquanto orientanda, aluna de disciplina e de extensão, cada momento vivido somou a parcela de mim expressada nesse trabalho.

A banca examinadora, Dra. Ivanda Silva e Dr. Sérgio Abranches, pelas considerações feitas na qualificação e na defesa, que contribuíram no melhoramento e encaminhamento da pesquisa.

Ao corpo docente e administrativo do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, o EDUMATEC, e à turma da qual fiz parte, obrigada pela possibilidade de compartilhar saberes e experiências com vocês nesse período.

Ao grupo Proi-Digit@I, cuja convivência me proporcionou intensificar os estudos de minha graduação em Pedagogia e apreender novos conhecimentos, e aos alunos que participaram das oficinas. Agradecimentos especiais a Márcio, Márcia, Adson, Hayanna, as companheiras de blog, Josivania, Marcela, Elizângela, Gabriela e Rayanne, pelas ideias trocadas, oficinas e artigos realizados, assim como os eventos acadêmicos que participamos para, enquanto grupo, apresentarmos nossas experiências e aprendizagens nessa ação extensionista.

Agradecimentos especiais a Amanda, Bione, Cristina, Priscila, Cinthia, Missilane, Angélica e Katiucha pelos momentos vivenciados, entre risos e angústias, e a amizade construída ao longo dos anos. A Edilma e Jackson pela escuta, incentivo e capital cultural trocado, além dos comentários pertinentes. Obrigada por me fazerem tão bem. Poderia expressar de diferentes formas o quanto vocês são importantes pra mim, mas acredito que as reticências são suficientes nesse momento...

À minha família, pais, meu irmão, avós, tios e primos. Aos meus tios e tias de fraternidade: Siqueira, Amélia, Newton, Helena, Laércio, Claudemir, Manuel, Paulo Caldas, Zeca Pina. A convivência com vocês, em cada etapa de minha vida, fez e faz com que eu me esforce a ser melhor a cada dia.

Ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) pelo financiamento inicial da pesquisa; e a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pela continuidade do financiamento, que tornou possível a realização desse trabalho.

E a todos que não foram diretamente citados, mas que contribuíram na minha trajetória, torcendo e emanando positividade, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Diante das possibilidades de expressão na internet para produção de conteúdos digitais a partir de plataformas de manuseio simples, encontramos o blog como um espaço que possibilita essa ação em diferentes linguagens midiáticas, como texto, imagem, vídeo, a escolha de quem o utiliza. Uma ferramenta digital como o blog sendo trabalhada numa ação extensionista, em formato de oficina, que visa possibilidades de inclusão digital com seus participantes para divulgar suas ideias e produções digitais, amplia experiências de aprendizagem que vão além do estímulo à criatividade do produto digital, abordando também reflexões acerca do uso do blog, percepções do “eu” usuário no mundo digital e sobre inclusão digital, numa perspectiva de estimular (re)conhecimentos de mundo e mudanças para melhorar o espaço vivenciado por eles. Nesse quesito reconhecemos pontos chave dentro dessa ação: de alunos e professores, mediadores de um processo por colocarem suas intenções e experiências objetivando aprendizagens significativas. A partir desse contexto, o problema de pesquisa configurou-se em: como a mediação pedagógica promovida nas oficinas de blog do Programa de Extensão Proi-Digit@I contribui na produção de conteúdos digitais com blogs numa perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes? Nesse sentido, a pesquisa analisou qual a contribuição da mediação pedagógica na produção de conteúdos digitais com blogs no programa de extensão Proi-Digit@I da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para a concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes de oficinas em Recife, e especificamente investigou a influência da mediação pedagógica dos professores e dos jovens na produção de conteúdos digitais com blogs; e analisou a relação destas mediações pedagógicas na concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes durante a oficina de blog. Assim sendo, a hipótese ao problema foi que, numa perspectiva de inclusão digital, a mediação pedagógica promovida nas oficinas de blog pelos professores e alunos, contribui para a produção de conteúdos digitais com blogs. Essa ação favorece e estimula um espaço de criação durante o processo de ensino e aprendizagem nas oficinas e na concepção de inclusão digital dos jovens, promovendo a construção de saberes em diversos espaços. No discurso teórico trazemos questões sobre blogs com Primo (2008), extensão universitária com Freire (2006), mediação pedagógica com Feuerstein (apud TÉBAR, 2011), Amorim (2008) e inclusão digital com Brandão (2010), composto por esses e outros autores. Na trajetória metodológica utilizamos um questionário, atividade inicial na oficina para percepção de mundo digital dos alunos, observação de alguns momentos da oficina e entrevista com os alunos. Na análise dos resultados, percebemos diferentes perspectivas e concepções de inclusão digital dos estudantes, com mudanças e acréscimos no decorrer da experiência vivenciada e a expressividade de identidade e autoria nos produtos digitais produzidos, como o estímulo à participação e reflexão a partir da mediação dos sujeitos participantes. Consideramos que a mediação pedagógica ocorrida trouxe possibilidades de expressão de ideias, identidades e elementos autorais nas discussões e nos produtos digitais desenvolvidos, influenciando na aprendizagem e (re)significando concepções e posturas de acordo com a escolha do sujeito.

Palavras-chave: mediação pedagógica; produção digital; blog; inclusão digital; jovem.

ABSTRACT

In face of the possibilities of the expression on the Internet for the production of digital contents by means of friendly-using platforms, we find out blog as a space that enables these auction in different media languages, such as text, image, video, the choice is up to the one who uses it. Tools such as blog, being used in a extension project, by way of a workshop, that aims at the possibilities of digital inclusion toward its participants aiming also at spreading the ideas of digital production, broadening experiences of learning that go far beyond that stimulus and creativity of the digital product, approaching also reflections about the use of blog, perceptions the user's self in the digital world and about digital inclusion, in a perspective of stimulating the re-cognition of the world in change and to better the space lived by them. In this topic with recognizegay points inside these project: of students and teachers, meditators of a process for putting their intentions and experiences aiming at meaningful learning. From this context, the issue of the research appeared as: how pedagogical mediation promoted in the workshops off blogs of the Programa Proi-Digit@I contributes to the production of digital contents and blogs in the perspective of digital inclusion to that youngsters taking part in it? On his way, the research analyzes which contribution of the pedagogical mediation in the production of these contents with blogs in the extension program Proi-Digit@I of Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), for the conception and perspective of digital inclusion of youngsters taking part in the workshops in Recife, and specifically investigated the influence of pedagogical mediation of the teachers and the youngsters in the production of these documents with blogs; and analyzed in the relation of these the pedagogical mediations in the conception and perspective of digital inclusion of the youngsters taking part during the workshop of blog. Therefore, that hypotheses of the problem was that, in the perspective of digital inclusion, pedagogical mediation promoted by the workshops of blogs by teachers and students, contributes to a production of digital contents with blogs. This initiative favors and stimulates a space of creation during the process of learning and teaching into the workshops and in the conception of digital inclusions towards the youngsters, promoting construction of knowledges and diverse spaces. In the theoretical discourse we bring issues about blogs with Primo (2008), university extension Freire (2006), pedagogical mediation with Feuerstein (apud TÉBAR, 2011), Amorim (2008) and digital inclusion with Brandão (2010), comprising these and other authors. In the methodological trajectory we utilized a questionnaire, initial activity in the workshop for the perception of the digital world of the students, observing of some moments of the workshop and interviewing they students. In the analysis of the results we could observe different perspectives and conceptions of digital inclusions of the students, with changes and increases during the experience and throughout the expressiveness the identity and authorship of the digital products made, as stimulus to the participation and reflection from the mediation of the subjects taking part. We consider that the pedagogical mediation occurred brought about possibilities of expression of ideas, identities and elements of authorship in the discussions and in the digital products developed, influencing the learning and re-significating conceptions and postures according the choices of the subject.

Key-words: pedagogical mediation; digital production; blog; digital inclusion; young.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Blog de tecnologia	40
Figura 2: Imagem do Blog A no primeiro dia de oficina	86
Figura 3: Imagem do Blog B no primeiro dia de oficina	87
Figura 4: Imagem do Blog C no primeiro dia de oficina	88
Figura 5: Imagem do Blog D no primeiro dia de oficina	88
Figura 6: Imagem do Blog E no primeiro dia de oficina	89
Figura 7: Blogs C, D e F	92
Figura 8: Blogs E e G	93
Figura 9: Postagem no Blog F sobre o significado do nome da banda	106
Figura 10: Segunda alteração no plano de fundo do Blog D	121
Figura 11: Terceira alteração no plano de fundo do Blog D	122
Figura 12: Blog D após a oficina	124
Figura 13: Blogs criados por E8 após a oficina	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Blogs Pessoal e Profissional e as características de gêneros	37
Quadro 2: Blogs Grupal e Organizacional e as características de gêneros	39
Quadro 3: Blogs criados no primeiro dia de oficina	90
Quadro 4: Blogs manipulados no segundo dia de oficina	91
Quadro 5: Categorias e sub-categorias identificadas	99
Quadro 6: Sub-categorias de perspectivas de inclusão digital na oficina de blog	107
Quadro 7: Sub-categorias de concepções de inclusão digital na oficina de blog	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sites que os alunos possuem cadastro	94
Gráfico 2: Conteúdos das postagens feitas pelos alunos	96
Gráfico 3: Expectativas para a oficina de blog	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE: Centro de Educação

CESAR: Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife

GIF: Graphics Interchange Format

HTML: Hypertext Markup Language

IES: Instituições de Ensino Superior

MEC: Ministério da Educação e Cultura

OJE: Olimpíadas de Jogos Educativos

PEI: Programa de Enriquecimento Instrumental

PE: Pernambuco

TIC: Tecnologias da Informação e Comunicação

UFPE: Universidade Federal de Pernambuco

UPE: Universidade de Pernambuco

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. USO DE BLOG NO ATO EDUCATIVO: ESTIMULANDO SABERES E IDENTIDADES	23
2.1 Tecnologias: Blog, Sociedade e Informação	23
2.2 Juventude e a parceria com as TIC no ato educativo	28
2.3 Identidade e autoria com o uso das TIC	30
2.4 Blogs na educação: a produção na rede	35
3. MEDIAÇÃO E MEDIADORES: UM PROCESSO DE COLABORAÇÃO	46
3.1 Mediação: ação colaborativa entre pares	46
3.2 Universidade pública: discussões e ações sociais	54
3.3 Extensão universitária: ação educativa e transformadora de sujeitos e práticas	56
3.4 Proi-Digit@I e o trabalho com extensão e educação	62
3.5 Contextualizando a Inclusão Digital e a Exclusão Digital	64
4. IDENTIDADE METODOLÓGICA: EXPRESSÃO DE UM PROCESSO DE PESQUISA	74
4.1 A pesquisa qualitativa	74
4.2 O campo de pesquisa	75
4.3 Os sujeitos da pesquisa	76
4.3.1 Professores do Proi-Digit@I	76
4.3.2 Alunos participantes da oficina de blog	78
4.4 Os Instrumentos de coleta de dados	79
4.5 Procedimentos de análise: a análise de conteúdo	82
5. DIALOGANDO COM OS RESULTADOS: UMA ANÁLISE DE EXPRESSÕES	84
5.1 A oficina de blog na escola	84
5.1.1 Primeiro dia de oficina	84
5.1.2 Segundo dia de oficina	90
5.2 Perfil e percepções digitais dos alunos	94

5.3	Análise de Conteúdo	98
5.3.1	Perspectivas de inclusão digital	99
5.3.2	Concepções de inclusão digital	108
5.3.3	Produção Digital	116
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS	134
	APÊNDICES	142
	APÊNDICE A - Questionário para os participantes da oficina de Blog	143
	APÊNDICE B - Perguntas que nortearão a atividade inicial com os jovens	145
	APÊNDICE C – Roteiro de filmagem dos momentos da oficina	146
	APÊNDICE D – Roteiro de observação	148
	APÊNDICE E – Entrevista em grupo com os jovens	149

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as possibilidades via internet de acesso a vídeos, imagens, textos, hipertextos, softwares e diversos recursos tecnológicos vem se desenvolvendo consideravelmente em meio à Web 2.0.

A Web 2.0, terminologia criada em 2003 por Tim O'Reilly, é a segunda geração da internet caracterizada pela interação, novas formas de compartilhamento de informação e pela mudança e diversificação de papéis pelos seus usuários. Nessa perspectiva, destacamos a existência de mais formas de disponibilização de informação, criadas a partir de editores de fácil manuseio, acessíveis a sujeitos que tenham um vasto conhecimento em informática ou simples usuários, com curiosidade e estímulo para utilizar os programas. Na vivência da Web 2.0, vemos também o crescente avanço da comunicação, com diversas possibilidades para tal atividade, como programas, sites de relacionamento, espaços para interação com a notícia divulgada, podendo comentar e conversar com outros usuários.

Uma variedade de usuários, perfis e localidades compõe o ciberespaço, compreendido por Lévy (1999) como um recurso comunicacional envolvido por pessoas, máquinas e informações, e cada um utiliza-o de acordo com o que gosta, trabalha, pesquisa. Em cada momento são selecionados sites, informações, colegas para conversar e o tempo que se passa navegando na internet é justificado pelas atividades a serem feitas e pelo que ela oferece naquele momento.

Esse crescente uso e difusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e das tecnologias digitais alteraram as formas de organização das sociedades, como apontam Kenski (2007), Castells (1999), entre outros autores, e essas mudanças interferem na educação, pois o impacto atinge também as outras dimensões da sociedade. Para Kenski (2003), as tecnologias digitais proporcionam desafios, que impulsionam mais formas de aprendizagem. O sujeito está diante de variadas formas de se comunicar, de acesso rápido a informações, como também a possibilidade de divulgar, tanto sua opinião referente a uma informação disponível quanto um conteúdo produzido pelo próprio usuário, de maneira aberta e pública. Algumas dessas ações vemos emergir na escola, como um aluno mais participativo

e disposto a compartilhar o que encontrou na rede, assim como o que produziu, muitas vezes, fora da escola.

Equipamentos como computador, notebook, tablet, celular e a parceria com a internet possibilitam novos caminhos e novos espaços para realizar determinadas atividades em diversos contextos, incluindo os de ensino e aprendizagem. A Revista Nova Escola, numa edição especial de 2012 intitulada “Guia de Tecnologia na Educação”, traz discussões sobre as TIC na educação, as possibilidades de criação de materiais, de tornar as aulas mais atraentes aos alunos, de buscar inovações ao ensino, aumentando a parceria de professor e aluno utilizando espaços, na maioria das vezes, comuns entre eles. Dentre eles, podemos citar páginas de pesquisas, redes sociais, e-books, jogos e a ferramenta blog, escolhida nesta pesquisa, que são, de maneira geral, páginas da web com mensagens em ordem cronológica sobre temáticas escolhidas pelo seu autor, o blogueiro, conforme destacado por Gomes (2005).

Essa realidade é aparentemente comum entre os jovens e a cada dia percebemos essa intensificação de espaços, perfis, linguagens diversas. E, com relação aos jovens, a percepção da maioria é pensar num sujeito cheio de energia, com uma curiosidade exploratória, disposto a enfrentar desafios, principalmente se for algo de seu interesse ou que desperte a vontade de conhecer e/ou aprender. No ciberespaço, esses sujeitos possuem a tendência de descobrir sites, conhecer grupos afins, se comunicar em diferentes formatos, linguagens e contextos. E o que podemos encontrar em alguns espaços educacionais é o não uso dessas ferramentas digitais, devido à desconfiança do estímulo das potencialidades do sujeito a partir de sua utilização, apesar do discurso feito por alguns estudiosos de TIC sobre os ganhos impulsionados pelo uso a partir de um planejamento objetivo e significativo ao público.

Nesta perspectiva, cabe uma reflexão do ponto de vista do acesso, do uso, reflexão e produção voltados para as TIC, pensando na possibilidade dessas tecnologias digitais serem responsáveis por estimular outras formas de conhecer e aprender. Percebemos que, na prática escolar, a maioria desses interesses e curiosidades não é intensificada, e que poderiam ser mais explorados no contexto didático pedagógico.

É nesse contexto que a inserção das tecnologias em espaços educacionais provoca alguns questionamentos entre os educadores. Entre eles podemos citar se o jovem pode aprender algo na internet, nos jogos, nas redes sociais, nos blogs. E os blogs, seriam eles realmente úteis na aprendizagem do aluno? Por mais que esses questionamentos pareçam “ultrapassados”, o que percebemos é que com o avanço das TIC, inclusive as digitais, as discussões intensificaram-se entre os educadores que enfrentam essa realidade em muitas instituições de ensino, pois a discussão surge de uma incógnita: como essa nova geração se insere neste movimento das tecnologias digitais? E como os jovens se veem nessa configuração digital, incluído ou excluído, agente transformador da realidade ou um espectador do que acontece à sua volta?

De acordo com Kenski (2007), é possível representar e processar diversos tipos de informações através das tecnologias digitais. Assim sendo, os ambientes virtuais são considerados espaços na web de troca de informações, interações entre os sujeitos. Em que diversas possibilidades são possíveis nesses espaços, podemos utilizar as ferramentas do computador e da internet, trocar informações, articular conceitos e ideias e compartilhar com as pessoas, independente de elas estarem em outro país ou na rua onde residem. No blog isso também pode acontecer. É possível, em atividades educacionais com o blog, articular essas atividades, num contínuo processo de aprendizagem e construção do conhecimento (ARAÚJO, 2009; GOMES, 2005).

O blog é consequência da web 2.0, que possibilitou os internautas a, além de visualizarem a informação, publicarem e divulgarem seus próprios conteúdos. São páginas da web que podem ser criadas por qualquer pessoa, por possibilitarem uma manipulação simples. Tendo como pontos fortes a fácil manipulação e gratuidade, os blogs permitem que usuários, famosos ou não, veiculem seus textos na internet e que estes sejam lidos por qualquer indivíduo, além de poder receber comentários e indicações de outras páginas de temática semelhante (SILVA; RÖSING, 2013).

A propagação de meios digitais e de diversas formas de acesso e manuseio de ferramentas nos lembra que ações de inclusão digital são usadas para diminuir quesitos de exclusão digital em algumas comunidades. Brandão (2010) compreende que essas ações, voltadas à educação para informação com uso das TIC de forma

consciente, contribuem na formação do indivíduo e estimulam melhorias para si e seus grupos sociais.

Alguns trabalhos que utilizam TIC são desenvolvidos em projetos de inclusão digital, com propostas de discussão e objetivos específicos para públicos diversos. Dentre eles, destacamos os projetos CLICidadão e o OJE (Olimpíadas de Jogos Educativos), pesquisados por Cunha (2010), os quais possibilitam aos alunos do ensino fundamental e médio de escola pública o acesso às TIC, uso da tecnologia, promovendo a aprendizagem de acordo com o enfoque de cada projeto. O acesso à ferramenta e o conhecimento dos procedimentos básicos para seu manuseio são alguns dos serviços disponíveis aos usuários; da mesma forma outra vertente propõe também trabalhar com a interpretação e visão crítica dessas ferramentas, já utilizadas pelo público alvo ou até mesmo desconhecidas, que podem ser direcionadas e trabalhadas, sendo pensadas em prol de si e/ou de sua comunidade. Como exemplo destacamos o Proi-Digit@I, apresentado a seguir.

A proposta do Programa de extensão “Proi-Digit@I: espaço de criação para inclusão digital de jovens da periferia de Recife, Olinda e Caruaru” (Proi-Digit@I) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), aprovado pelos Editais de Extensão MEC/SESu 2011 e 2012, é desenvolver oficinas de produção de conteúdos digitais, numa perspectiva de inclusão digital, a partir de oficinas de blog, animação, vídeo, podcast, Twitter, entre outros recursos digitais. Cada grupo de jovens produz um material diferente, vídeo, animação, podcast, blog, de acordo com a oficina que eles irão participar. Nas oficinas é incentivado aos jovens serem ativos e participantes desse processo, buscando promover uma oportunidade para que esse jovem fale sobre seus anseios, suas ideias, sua visão de mundo. O Programa tem essa preocupação no quesito de estimular os jovens a falarem sobre si mesmos ou sobre o que quiserem, numa perspectiva aberta, crítica e reflexiva, tendo em vista as configurações da sociedade e suas atuais exigências, ou seja, um mundo midiático e digital.

As oficinas de vídeo digital, segundo Silva et al. (2012), objetivam discutir a importância da produção audiovisual como possibilidade de inclusão digital dos sujeitos participantes. Já a oficina de animação pretende desenvolver com os jovens de periferia o conhecimento de produções animadas (LOPES; MELO FILHO;

PADILHA, 2012). Nessas oficinas os jovens conhecem as mídias e discutem os elementos que as compõem, como imagens, estáticas e/ou em movimento, som, programas de edição, além das etapas de pré-produção, produção e pós-produção, como a escolha do tema, roteirização, edição e compartilhamento. Na oficina de áudio digital, os participantes utilizam recursos como gravador de som e programas de criação e edição de sons para desenvolverem suas ideias e seus produtos digitais e que esses possam ser compartilhados na rede (MARQUES; SOUZA; ALVES, 2011). Atualmente a oficina de áudio digital trabalha com a proposta de produção de podcast¹ com os participantes. Durante a realização dessas oficinas, os jovens também são estimulados a conhecer as características de cada uma dessas mídias, suas possibilidades de uso, a interpretar e produzir o conteúdo de forma criativa e a atribuir reflexão no contexto da produção.

Na oficina de blog, além de discutir com os jovens as características da ferramenta, uso, construção, gerenciamento, políticas de uso e direitos autorais, Matias et al. (2012) acreditam que essa ferramenta pode estimular produção de informação e conhecimento, troca de experiências, vivência de diferentes formas de socialização. O objetivo dessa oficina é estimular o jovem a utilizar o blog para divulgar suas produções digitais, como também sua opinião com relação a outros trabalhos, numa maneira construtiva. Nesse sentido, o sujeito produz e gerencia o seu blog, sendo mediado tanto pelos professores do programa de extensão como pelos próprios jovens entre si. Essa dinamicidade despertou o interesse de pesquisar o processo de mediação dos sujeitos envolvidos nessa ação educativa para a inclusão digital dos mesmos. Esses sujeitos são os professores do Proi-Digit@I e os jovens participantes da oficina.

Por se tratar de um Programa de Extensão vinculado a uma universidade pública, a ação extensionista desenvolvida promove discussões e experiências que nosso sistema educacional formalizado percebe minimamente, não por desmerecer esses debates, mas por ter seu enfoque direcionado a outros objetivos, também contribuintes na formação do sujeito. Compreendemos que essas experiências podem construir ideias, posicionamentos e estimular o desenvolvimento do indivíduo em seus papéis sociais.

¹ Podcast é um arquivo em áudio digital que possibilita o acesso a notícias, depoimentos, entre outras informações via web. Fonte: Wikipedia <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>>

No quesito de construção de saberes e ideias, remetemos aos indivíduos, professores e alunos, participantes dessa ação educativa envolvente, intencional e influenciadora, devido às bagagens trazidas por eles. Essas bagagens, quando postas durante o processo, numa relação de empatia entre os sujeitos, impulsiona uma ação de mediação, vista por Feuerstein (apud TÉBAR, 2011) como uma posição que potencializa, estimula e amplia habilidades dos indivíduos, promovendo aprendizagens. Pautada pelas experiências e habilidades, compreendemos que os alunos podem influenciar na mediação por estarem envolvidos no processo, aprendendo e também ensinando, como seus professores, todos sendo sujeitos no ato educativo, aprender ao ensinar e ensinar ao aprender, conforme discurso de Freire (1996).

Tendo essa abordagem de uso de ferramentas digitais na propagação de ideias e estímulo à criatividade encontramos nas potencialidades do blog de trabalhar com diferentes linguagens midiáticas (texto, imagem, som) uma porta para ação ativa em rede, e no processo de construção da página e discussões referentes ao mundo digital com alunos e professores na oficina a diversidade de experiências a serem conhecidas e trocadas pelas identidades dos sujeitos que, por conta de suas intencionalidades, escolheram estar ali para aprender, mesmo com papéis historicamente determinados de aluno e professor, mas que podem e são vistos como aprendizes e agentes mediadores da (re)construção de conhecimento. Partindo dessa premissa que escolhemos como campo de pesquisa a oficina de blog do Proi-Digit@I.

A partir do contexto, nosso problema de pesquisa configura-se em: como a mediação pedagógica promovida nas oficinas de blog do Programa de Extensão Proi-Digit@I contribui na produção de conteúdos digitais com blogs numa perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes?

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar qual a contribuição da mediação pedagógica na produção de conteúdos digitais com blogs no programa de extensão Proi-Digit@I, para a concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes de oficinas em Recife, no estado de Pernambuco (PE). Apesar de o Programa de Extensão abranger os municípios de Recife/PE, Olinda/PE e Caruaru/PE, esta pesquisa insere-se no contexto de uma escola pública do Recife.

Para atender a esse objetivo geral, nossos objetivos específicos são: investigar a influência da mediação pedagógica dos professores e dos jovens na produção de conteúdos digitais com blogs; e analisar a relação destas mediações pedagógicas na concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes durante a oficina de blog. A partir desses objetivos traçados, pretende-se investigar a contribuição da mediação percebendo as relações participativas dos sujeitos, intervenções no ato educativo e suas discussões.

Assim sendo, nossa hipótese ao problema é que, numa perspectiva de inclusão digital, a mediação pedagógica promovida nas oficinas de blog pelos professores e jovens participantes no programa de extensão Proi-Digit@I contribui para a produção de conteúdos digitais com blogs. A mesma favorece e estimula um espaço de criação durante o processo de ensino e aprendizagem nas oficinas e na concepção de inclusão digital dos jovens, promovendo a construção de saberes em diversos espaços.

O trabalho de pesquisa está organizado nos percursos que envolvem a introdução, as abordagens teóricas, metodologia, discussão e análise dos resultados. Os mesmos estão divididos da seguinte forma:

Esta introdução apresenta a problemática do estudo, o problema, a hipótese e seus objetivos.

A seção “Uso de blog no ato educativo: estimulando saberes e identidades” discute sobre as tecnologias da informação e comunicação (TIC), a sua relação com a escola e com os jovens no contexto escolar, incluindo as tecnologias digitais e suas diferentes interfaces utilizadas no processo por jovens, assim como a expansão de identidades e processos de autoria no ciberespaço. Nesse sentido, discutiremos sobre blog, sua conceituação, características, principais utilidades de forma geral e educacional, visando perceber como os jovens utilizam essa ferramenta digital.

Na seção “Mediação e mediadores: um processo de colaboração” abordaremos sobre mediação, seus conceitos, principais características, tipos de mediação e de mediadores dentro da educação, mediação com tecnologias e os impactos da mediação nos sujeitos envolvidos nesse processo. Nessa seção também discutiremos sobre extensão como ação universitária em prol da sociedade e sobre inclusão digital, sua conceituação e contextualização, sua relação

inseparável com a inclusão social, o jovem e a inclusão digital e projetos de inclusão digital que trabalham com jovens, considerando seus objetivos e características.

Na continuidade, a “Identidade metodológica: expressão de um processo de pesquisa” apresentamos a proposta para a coleta de dados, com descrição do campo empírico, dos instrumentos de coleta de dados e dos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa.

Na seção seguinte trazemos a discussão e análise dos resultados, as interpretações referentes às categorias elencadas no trabalho e, por fim, as últimas considerações, com elementos conclusivos da trajetória de pesquisa vivenciada e sugestões de melhorias e enfoques para trabalhos nessa área.

2 USO DE BLOG NO ATO EDUCATIVO: ESTIMULANDO SABERES E IDENTIDADES

2.1 Tecnologias: Blog, Sociedade e Informação

O mundo contemporâneo é caracterizado por suas transformações constantes e rápidas, influenciando processos em diferentes segmentos da sociedade (BONILLA, 2005). A rapidez, o impulso da quantidade de informações e as mudanças tecnológicas interferem nas relações da sociedade e esta a tais mudanças, porque uma não é passiva a outra.

Para Matta (2006), as tecnologias expandiram as possibilidades de registro, armazenamento, divulgação de informações e acesso às mesmas, tratando-se de uma introdução a um ambiente que possibilite novas visões de mundo, outras relações e paradigmas para essa sociedade. Concordamos com Matta (2006), a partir dos estudos de Lévy, que surge uma sociedade voltada ao conhecimento coletivo, pragmático, que pode ser acessado e atualizado por qualquer usuário, utilizando-o em prol de si e de seus pares. Isso faz com que seja percebida a mudança das estruturas e dos sujeitos pertencentes a esse meio social.

Dentre essas questões de expansão e mudanças dos sujeitos configurados nessa sociedade no qual o acesso à informação aumentou, salvo suas peculiaridades, e o estímulo à participação estão presentes, percebemos uma mudança nas instâncias da própria sociedade, no social, econômico, político e educativo.

Na educação, os processos formativos são “voltados para preparar as pessoas e transformá-las em sujeitos capazes de responder às necessidades sociais dessa sociedade informatizada” (MATTA, 2006, p. 36). Essa sociedade atual, cada dia mais conectada e ativa, estimula novas formas de trabalhar tecnologias, cada qual relacionada aos objetivos a serem alcançados com esses sujeitos.

Dentre as discussões em torno das Tecnologias da Informação e Comunicação, as TIC, estudiosos como Kenski (2007) e Castells (1999) apontam a interferência delas no processo educativo, pois elas contribuem nas formas de

organização de cada grupo social que as utiliza e, em consequência, no ato educativo.

Uma das discussões que a educação vivencia atualmente é o uso das TIC² na escola. Computador, internet, tablet, celular, entre outros, fazem parte do cotidiano da maioria dos alunos. Com essas novas tecnologias os jovens conectam-se com o ciberespaço, enviam fotos, atualizam perfis nas redes sociais, conversam com os colegas, independente se eles estão próximos fisicamente ou não. Segundo Kenski (2007),

Ao se falar em novas tecnologias, na atualidade, estamos nos referindo, principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. Essas tecnologias caracterizam-se por serem evolutivas, ou seja, estão em permanente transformação. Caracterizam-se também por terem uma base imaterial, ou seja, não são tecnologias materializadas em máquinas e equipamentos. Seu principal espaço de ação é virtual e sua matéria-prima é a informação (2007, p. 25).

A internet, atualmente, disponibiliza diversos serviços, com características voltadas à comunicação, interação, compartilhamento de informações entre seus usuários.

A rede, além de possibilitar essas ações, pode contribuir na construção do conhecimento, porque as possibilidades de compartilhamentos em redes digitais são elementos incentivadores das formas e posturas de aprendizagens de jovens imersos no virtual; portanto, a mediação pode ocorrer não só entre os pares, mas em conjunto e em colaboração com os mediadores docentes envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

Esse ciberespaço, conceituado por Lévy (1999) como um novo meio de comunicação surgido a partir das interconexões dos computadores, engloba não só

² Trataremos de TIC as tecnologias referentes à comunicação, produção e divulgação de informações. Segundo Kenski (2007), na história das TIC vemos o grupo de meios de comunicação como jornais, rádio, por utilizarem linguagens específicas e apropriadas para cada recurso, escrita, oral, imagem, enquadrados como “tecnologias específicas de informação e comunicação” (KENSKI, 2007, p. 28). As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) foram surgindo de acordo com o avanço tecnológico, no qual a televisão, internet e redes digitais estavam nessa categoria por conta das novas formas de uso, interação, produção e divulgação de informação em tempo síncrono e assíncrono (KENSKI, 2007). A autora aponta que o uso frequente dessas tecnologias “o adjetivo “novas” vai sendo esquecido e todas são chamadas de TICs” (KENSKI, 2007, p. 28).

os equipamentos utilizados para tal conexão, como também as variadas informações e os sujeitos participantes desse espaço. A cibercultura é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos, de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). E eles são configurados e ressignificados de acordo com o que a sociedade objetiva.

Antes de a internet estar configurada da forma que a encontramos, ela já pertenceu a uma geração anterior, a chamada Web 1.0. Esta possuía uma vasta quantidade de informações para acesso, no qual o usuário era um espectador das informações previamente disponíveis. Para colocar um conteúdo na internet, existiam poucos softwares para a criação de páginas, sendo necessário um conhecimento em programação para a construção da página, em sua maioria, serviços pagos, assim como as licenças de uso desses softwares (COUTINHO; BOTTENTUIT JUNIOR, 2007).

Coutinho e Bottentuit Junior (2007) afirmam que houve uma preocupação em relação a como a internet estava configurada ao seu usuário, deixando-o com a função de visitante, passivo ao conteúdo previamente exposto, para torná-la um meio mais democrático. Nessa mudança de paradigma, a partir da evolução tecnológica junto ao aumento do acesso e das conexões, seus usuários, a partir do uso de algumas ferramentas, passaram a produzir e disponibilizar seus conteúdos na rede. Essa mudança foi chamada de Web 2.0, termo criado por Tim O’Reilly, segundo Coutinho e Bottentuit Junior (2007). Percebemos a mudança da web e, principalmente, em como o internauta começou a participar desse cenário, utilizando as ferramentas de disponibilização de informações na rede. Silva e Rösing (2013) afirmam que, como as ferramentas disponíveis eram fáceis de se trabalhar, qualquer sujeito podia criar seu espaço na web, sem precisar de um conhecimento especializado em informática e que

conectado à rede, os sujeitos podem não apenas acessar o conteúdo disponibilizado na web, mas também podem disponibilizar seus próprios textos em diferentes tipos de espaços e formatos, pois a virtualização permitiu que não só a circulação entre os usuários fosse facilitada, mas também a sua produção (SILVA; RÖSING, 2013, p. 117).

Não estamos negando nem afirmando que uma é melhor do que a outra, mas é necessário apresentar os contrapontos dos serviços disponibilizados e o papel do usuário, que antes era visto como visitante passivo, e na perspectiva da web 2.0 o internauta tem a possibilidade de interagir, produzir e compartilhar conteúdo. Esses pontos contribuem para entendermos como essa evolução trouxe implicações e elementos para reflexão do ato educativo.

Como podemos perceber, a revolução vivenciada pela sociedade não é a da informação em si, mas a do acesso a ela (DUTTON, 1999 apud BONILLA, 2005). A partir do acesso e do contato com informações, o sujeito pode se apropriar delas, usando-as de acordo com seus critérios. Assim, “a informação só adquire significado num contexto humano, pois o sentido está no intérprete e não na informação em si” (BONILLA, 2005, p.18).

O sujeito em si elabora e reelabora seu conhecimento a partir das informações significativas a ele. Porém, para a autora, essa atividade não ocorre de maneira individualizada, mas sim com relações do indivíduo com o mundo, suas linguagens e interações com outros sujeitos. E mais:

[...] o conhecimento nunca está pronto, é sempre provisório, necessitando de constantes argumentações para que possa ser validado. Tal processo gera um movimento em que os conhecimentos validados, frente a novas informações, são ressignificados gerando novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, a profusão de informações que hoje circulam, frente à experiência e ao conhecimento antecedentes do sujeito ou de uma comunidade, podem ser organizadas, sistematizadas, inseridas no contexto de vida desse sujeito ou comunidade, tornando-se significativas a eles. Dessa forma, os conhecimentos são transformados ao mesmo tempo em que transformam os sujeitos que os produziram, pois abrem-se espaços para outras significações, para novas perspectivas de conhecimento e ação, e também para novas questões, para novas áreas, que vão produzir novas discussões, negociações e debates (BONILLA, 2005, p. 19).

Com isso, percebemos a relação e trocas constantes entre os sujeitos e o ambiente no qual os mesmos estão inseridos. Conseqüentemente, o ato educativo é envolvido por essas relações, por conta das informações trazidas e características dos sujeitos envolvidos, fazendo com que o processo tenha elementos diferentes e seja único.

A pesquisa de informações variadas é uma das atividades mais feitas pelos usuários da internet. A busca por informações, troca e a produção delas, faz parte do cotidiano de alguns desses usuários. Os papéis de emissor e receptor de informações não são fixos nessa relação em redes, que cresce em ritmo acelerado nos últimos tempos. Sobre esse novo paradigma, Borges Neto e Rodrigues (2009) afirmam que se quebra um modelo anterior, de usuários passivos às informações e aos produtos disponibilizados no ciberespaço. E ressaltam a importância de que, com o acesso às tecnologias digitais e à internet, os usuários podem disponibilizar suas produções na rede, para que outros tenham contato.

Faz-se necessário que formas de trabalho com as TIC sejam pensadas com o intuito de que o indivíduo não fique passivo ao que é disponível na rede, porque essa “contemporaneidade exige que se pensem os processos de significação, de aprendizagem, de cidadania, de produção de cultura e conhecimento, o que se apóia na disponibilização de informações, mas vai além dela” (BONILLA, 2005, p.18).

Para Dayrell (2007, p.1115), a escola passa a ser “mais permeável ao contexto social e suas influências”. A partir dessa exigência da contemporaneidade, vemos a transformação da escola, que não poderá ficar fechada a essas influências. A disponibilidade de informação e a facilidade de difusão e produção impulsionam o sujeito a participar desse processo, assumindo um ou vários papéis num mesmo período de tempo.

No ambiente educacional, Masetto (2003) afirma que a tecnologia é apresentada como um instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Esta aderida ao uso da tecnologia para a busca de informações, produção de conhecimento, reflexões, desenvolvimento da criticidade. O aluno, num papel ativo e participante, é envolvido nesse processo junto com seus colegas e com o professor, colaborando para a construção do conhecimento e crescimento de todos. Nesse ponto de vista o educador assume o papel de mediador entre o aluno e sua aprendizagem.

Segundo Masetto (2003), não devemos esquecer

[...] de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e

se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem (2003, p.144).

Nesse sentido, é importante que o uso das tecnologias no processo de aprendizagem esteja voltado ao que se objetiva alcançar do seu aluno. O caso de pretender que o estudante seja ativo e reflexivo no processo educativo, é necessário a utilização de tecnologias para favorecer e incentivar tal participação.

2.2 Juventude e a parceria com as TIC no ato educativo

Com relação a esse público atendido na escola, inserido nessa dinamicidade das tecnologias, Dayrell (2007) discute sobre a condição juvenil e a escola, lembrando que os jovens chegam às escolas públicas carregados de características e práticas sociais próprias de uma geração que se diferencia das anteriores, sendo sujeitos que se divertem, amam, pensam sobre suas condições e experiências de vida.

Para discutirmos sobre juventude, precisamos compreender como a mesma é vista nos estudos e contextos atuais. Camacho (2004) visualiza esse grupo perpassando por duas tendências. Uma abordando a juventude composta por sujeitos pertencentes a uma etapa da vida, homogeneizando esse período da geração, e uma tendência que a percebe como conjunto abrangente de diferentes culturas, valorizando a diversidade social, econômica, de ideais.

De acordo com Camacho (2004), a herança da juventude como uma fase da vida está atrelada ao peso histórico e social. É percebida a visão da juventude, no contexto atual, com fatores positivos como o estímulo às mudanças sociais, e visões negativas, sendo considerados como problemas nos contextos socializantes.

Tanto Camacho (2004) quanto Dayrell (2007) discutem sobre essas visões, colocando o jovem em cheque, defendendo esses atores sociais pois eles, diante dessas representações, interveem no espaço e podem travar e trazer discussões para os lugares onde eles vivem.

Esses jovens expressam-se a partir da música, do visual, agrupam-se com outros jovens que compartilham da mesma ideia ou estilo, assim como também

vemos uma ampliação do número de jovens que se tornam produtores culturais, produzindo vídeos ou músicas com seus pares (DAYRELL, 2007). Percebemos que essa ampliação no acesso, a facilidade de manusear equipamentos tecnológicos e a própria mudança do ser usuário de tecnologia podem ter influenciado nesses diferentes papéis, de não somente serem receptores, mas também produtores de conteúdos.

Segundo o autor, “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (DAYRELL, 2007, p.1110). Na rede, os jovens deixam e divulgam sua identidade, mostrando seus gostos, pensamentos e anseios. E nesse movimento é notada a vontade do jovem de estar presente e de se fazer presente nesses espaços, tanto para os colegas que compartilham dos mesmos estilos quanto para outros, como forma de registrar sua identidade. E dentre as formas e os veículos de registro de sua identidade na rede, apresentaremos os blogs, ferramenta bastante popular entre esse grupo ativo e criativo.

Para Prensky (2001), as mudanças nos jovens não foram somente em seus estilos e gírias mas a forma de pensar e processar informações é diferente das gerações anteriores. Ao discutir sobre os nativos digitais, usuários de tecnologia da atualidade, nascidos a partir do período de 1980/90, o autor afirma que essa é uma geração multitarefa, mais rápida no quesito de escolhas e decisões, com preferências de cunho mais gráfico ou outra linguagem do que de textos. Sujeitos com essas características expressam-se na rede utilizando as diferentes linguagens e configurações existentes, não necessariamente e apenas pela escrita, linguagem hegemônica de outrora.

White e Le Cornu (2011) compreendem que os residentes digitais, usuários que percebem a internet como um lugar propício à troca de informações com amigos, expressam sentimentos e opiniões e essas podem ser reformadas e ampliadas nesse espaço. Diferente de Prensky (2001), os autores veem as características desses usuários além de relações de idade ou geração, sendo possível que pessoas mais velhas possuam comportamentos e habilidades na web que os jovens também tenham ou o contrário, que jovens possam ter dificuldades no manuseio e entendimento de TIC, ou medos como alguém não nascido na geração

digital. Para White e Le Cornu (2011) a tipologia de visitantes e residentes digitais é um processo contínuo, de usuários com competências expressadas e intensificadas de acordo com o espaço socializante.

Tendo em vista esses elementos presentes em jovens, faz-se importante a percepção desses fatores, visto que alguns deles são carregados por esses alunos para o espaço escolar. Nesse quesito, concordamos com Freitas (2013) sobre a necessidade de o professor ter noção do

perfil discente que está sobre sua responsabilidade, considerando-se que essa transformação digital tem proporcionado impactos diversos na forma como esses discentes aprendem em meio às possibilidades de acessos à informação no espaço virtual (FREITAS, 2013, p. 64).

Faz-se importante refletir sobre essa questão devido as relações de mediação existentes no ato educativo, nos perfis envolvidos de discente e docente, conforme enfatizado por Freitas (2013). Com isso, percebe-se a importância de atentar para as possibilidades de uso de ferramentas digitais em diferentes linguagens, contribuindo na expressão de identidades. Na sequência apresentamos uma discussão sobre percepções de identidade e autoria em meio digital.

2.3 Identidade e autoria com o uso das TIC

Na discussão em torno da expressão da identidade, Hall (2006) acredita numa identidade fragmentada na atualidade, devido às mudanças culturais, de gênero, nacionalidade de uma sociedade que se transforma compreendendo que, o que antes firmava o indivíduo enquanto pertencente e representante de tal espaço e internalizando determinados valores, esse mesmo sujeito, atualmente, vivencia várias identidades, nem sempre condescendentes. Para o autor, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 13, grifo no original).

Essas identidades são configuradas no espaço social vivenciado pelo sujeito. Goffman (2003) afirma que “um estabelecimento social é qualquer lugar limitado por barreiras estabelecidas à percepção, no qual se realiza regularmente uma forma

particular de atividade” (2003, p. 218). O ciberespaço pode ser considerado um estabelecimento social, visto que as ações são configuradas de acordo com as atividades desenvolvidas pelos seus usuários. E dentro dele é possível representar algumas facetas do eu do sujeito, conforme defende Recuero (2002), ao exemplificar com o blog, abordado posteriormente.

Sobre representação, Goffman (2003) afirma ser a atividade de um sujeito, num determinado período, relacionado a um grupo específico, e que essa representação de um para outros é conhecida na discussão, porém cabe o destaque na forma de estruturar e executar esse “eu” no convívio social, tendo elementos de identificação profunda do sujeito como soma de outras características, também utilizadas na representação. E essa representação será composta de aspectos escolhidos pelo sujeito, e não dados a ele, já que

Quando um indivíduo passa a uma nova posição na sociedade e consegue um novo papel a desempenhar, provavelmente não será informado, com todos os detalhes, sobre o modo como deverá se conduzir, nem os fatos de nova situação o pressionarão suficientemente desde o início para determinar-lhe a conduta, sem que tenha posteriormente de refletir sobre ela (GOFFMAN, 2003, p. 72).

Ao se deparar com atividades no ciberespaço, os usuários podem construir suas representações a partir de elementos disponíveis na rede, ou de parcelas de identidades já expressas por alguém, de modo que eles retirem algo que possa lhe ajudar nesse papel vivenciado. É pouco provável que afirme, siga um manual ou encontre um catálogo de ações para todos os diferentes papéis exercidos em cada espaço da web, devido à gama de realidades envolvidas, além das singularidades dos internautas navegadores. Na socialização, é muito difícil aprender toda a diversidade de papéis, para isso faz-se com que o indivíduo aprenda algumas formas de expressão que complementem a sua representação e os inspire a outras formas (GOFFMAN, 2003).

No papel desempenhado, Goffman (2003) compreende que o papel atual é o mais importante do sujeito, e que as ações conferidas no momento, com suas características específicas, são firmadas e seguidas pelo ator social. Ao vivenciar a ação, o sujeito doa-se ao que vive e expressa sua identidade a partir dos elementos

disponíveis para tal. Dentre os papéis exercidos na internet, temos usuários leitores, produtores de informação, cada qual à sua maneira de expressar suas características na rede. Sobre questões de produção de conteúdos, remetemos ao conceito de autor e seus elementos, destacando as mudanças de concepções, tendo em vista a dinamicidade do mundo digital.

Na discussão sobre função autor de Foucault (2001), este relata sobre a identificação do sujeito no texto e a possibilidade de expressão utilizando a escrita, escrevendo para ser identificado, conhecido. Cavalheiro (2008) afirma que a função autor de Foucault (2001) caracteriza os discursos presentes na sociedade, no tempo em que a obra é vinculada, conhece a origem da obra, há uma linha de racionalidade no processo de construção do autor, e é possível diferenciar os sujeitos presentes na obra e uma linearidade nos trabalhos desenvolvidos. A pesquisadora considera que essa função autor é visualizada a partir de textos feitos pelos, até então, considerados autores, quebrando uma visão de uma obra que possui as vozes do seu criador não vistas como uma única, mas sim pluralizada, ocupando diferentes lugares.

Para Foucault (2001), o autor manifesta o seu modo de ser no alcance do texto, trabalhando com a ruptura e redescoberta de discursos e o seu jeito de ser quem é, e afirma que a função autor é uma “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2001, p. 14).

Há um destaque na pluralidade do ego, das vozes dentro de uma obra, e dos papéis assumidos nela, como escrita na primeira pessoa, considerando sua função enquanto narrador, como também é possível fazer um distanciamento da voz, com “eus” assumindo posições nas produções feitas (FOUCAULT, 2001). Compreende-se que em cada espaço representado pelo sujeito é possível reconhecer elementos de autoria, além de que Cavalheiro (2008) compreende que essa função autor

[...] indica que determinado discurso deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um determinado estatuto. O que faz com que um indivíduo exerça a função autor é o fato de, mediante seu nome, delimitar, recortar e caracterizar os textos que lhes são atribuídos (CAVALHEIRO, 2008, p. 78).

Dentro da questão de autor de Foucault (2001), Possenti (2002) a interpreta que esta estaria atrelada a uma obra, com associações entre eles, de reconhecimento do autor a partir daquela obra, levando em consideração o contexto temporal e seus discursos. Possenti (2002) discute essa questão ao comparar com uma redação de vestibular feita por um estudante, que nesta ideia apresentada o aluno não seria considerado um autor, nem a redação uma obra, e ainda se este sujeito tivesse uma obra, na situação de vestibular ela não seria levada em consideração.

Para ampliar a noção de autoria, Possenti (2002) acredita na necessidade de identificar as marcas do autor e avaliá-las, por exemplo, como o texto está organizado, se há uma qualidade e harmonia entre as ideias. Sobre os indícios de autoria, Possenti (2002) argumenta que se apresentam quando o sujeito abrange na obra outros sujeitos, ou seja, apresenta considerações de outros autores, e a forma como são colocadas essas considerações; e se distancia da sua produção, enunciando o trabalho e as ideias postas. E Possenti (2002) complementa que

há indícios de autoria quando diversos recursos da língua são agenciados mais ou menos pessoalmente – o que poderia dar a entender que se trata de um saber pessoal posto a funcionar segundo um critério de gosto. Mas, simultaneamente, o apelo a tais recursos só produz efeitos de autoria quando agenciados a partir de condicionamentos históricos, pois só então fazem sentido (POSSENTI, 2002, p. 121).

Ao falarmos de autoria, dentro do ciberespaço, temos que ampliar as possibilidades de expressão dessa ação, por conta das diversas linguagens com o uso das TIC. Romão (2008) compreende que os usuários estão envolvidos num discurso de poder, ideologia construída dentre as produções feitas anteriormente, que está diante de “uma superfície de dados prefixados anteriormente, o sujeito se movimenta na rede do já-dado, já-dito e já-traçado por um outro sujeito, embrenhando-se em nós que já foram atados por outrem” (ROMÃO, 2008, p. 163). E mais além, a autora afirma

[...] na rede eletrônica, o sujeito-navegador manifesta-se a partir da voz e pela voz do(s) outro(s), reclamando a teia heterogênea de ditos alheios para fazer girar a sua condição de enunciador. Assim, a

autoria é marcada por vozes que vão se apoiando em superfícies patinadas por outras vozes (sem as quais a navegação e a inscrição de sentidos ficam comprometidas), de modo a desenhar uma estranha cartografia de fragmentações de ditos, retalhos de formulações e de retomadas de relatos, enrolados no pergaminho digital. Na rede, os links também são de areia e desenham um espaço fugidio e volátil, em que a autoria só pode ser pensada afetada pela heterogeneidade do espaço com infinitas vozes, do tempo com infinitos ecos, da rede com infinitos pontos e do hipertexto com infinitos textos (ROMÃO, 2008, p. 176).

Faz-se importante ressaltar que, na rede, as formas de expressão de autoria vão além da escrita, destacada pelos autores citados anteriormente. O desenho autoral é montado de acordo com a escolha das linguagens, assim como as ideias pensadas para construir esse caminho. As reflexões de Romão (2008) nos fazem pensar que a autoria na rede possui elementos de outros autores, formando uma teia digital, com o conhecimento se expandindo nos caminhos dos links e plataformas, e que essa reorganização, várias vozes e possibilidades de expressão que vão além da escrita “dão conta de novas condições de produção que exigem nova formulação teórica e, por conseguinte, um novo conceito de autoria” (ROMÃO, 2008, p. 176).

Para Andrade (2013), a autoria dentro do ciberespaço

oferece novas formas de protagonismo social e cultural a partir da multiplicação da capacidade discursiva, não apenas do ponto de vista dos conteúdos como também dos tipos de mídias que os veiculam (2013, p. 16).

Andrade (2013) acredita que o ato de criar, com o uso das TIC, possibilita o aluno a tomar consciência de sua realidade, podendo interpretá-la e problematizá-la. Como o estudo do autor analisou o ato de criação de narrativas audiovisuais, contemplando as mídias escrita, sonora e visual, é compreendido uma abrangência de perspectiva autoral, pois

ao envolver posicionamentos e sentimentos de realização individual ou coletiva essenciais ao ser humano, a criação artística digital emprega os recursos tecnológicos digitais sob os pressupostos da autoria e da afirmação de identidade dentro e fora do ciberespaço (ANDRADE, 2013, p. 43).

Ao discutir sobre conteúdos educacionais disponibilizados na internet, Mantovani, Dias e Liesenberg (2006) discutem sobre a ação dos professores na construção desses conteúdos abertos, utilizando ambientes colaborativos na própria rede para impulsionar a criação e divulgação desses conhecimentos. O que antes era uma organização didática para guiar uma aula, hoje, impulsionada pela internet e as TIC, pode ser reorganizada, melhorada e divulgada na rede para outros educadores e interessados terem acesso e, por sua vez, adaptarem às condições vivenciadas em seus trabalhos.

De tempos marcados por avanços na disseminação do conhecimento, passamos por um período em que uma pequena parcela da sociedade era habilitada e autorizada a escrever “até atingir o estágio atual em que a maioria não é só capaz de escrever, mas consegue até veicular o que produz” (MANTOVANI; DIAS; LIESENBERG, 2006, p. 267). Podemos incluir no grupo não só professores como qualquer sujeito pode veicular suas produções na internet, contribuindo na geração de conhecimentos em textos, vídeos, fotografias. E dentre esses indivíduos com criatividade e vontade de se expressar no espaço, podendo contribuir com o mesmo, estão os jovens, que como discutimos no tópico anterior, eles utilizam as ferramentas acessíveis para representar sua identidade e elementos de autoria na internet.

2.4 Blogs na educação: a produção na rede

Dentre os estudos realizados por Gomes (2005), Recuero (2002), Primo (2008), entre outros, compreendemos que o recurso digital blog é visto como uma possibilidade de expressão na rede, ficando a escolha do(s) autor(es) o tema, tipo e formato a ser exibido na página e que, ao mesmo tempo que o blogueiro tem esse “domínio” de página, há uma troca da sua própria criação pois, a partir do momento que o sujeito escolhe ter um blog haverá uma possível atenção do que é veiculado, sendo parte de sua identidade, conforme veremos na pesquisa de Recuero (2002), mais adiante.

A nomenclatura *weblog* foi inicialmente utilizada em 1997, por Jorn Barger, com o objetivo de falar sobre sites que armazenavam e também divulgavam *links* em

sua página, sendo que nesse período existiam poucos *weblogs* e a diferença deles para um outro site da web era pouco percebida. Em 1999 começaram a surgir ferramentas de manutenção de sites, ferramentas de publicação que, por não exigirem um conhecimento em programação, em linguagem HTML (Hypertext Markup Language), possibilitaram aos usuários uma maior facilidade nos quesitos de manutenção e publicação de sua página, e também a popularização deles entre os internautas (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Gomes (2005) afirma ser possível encontrar na rede diferentes blogs, dos mais variados temas (futebol, moda, poesia, crônicas), bem como blogueiros de idades diversas, fazendo com que esse ambiente divulgue uma informação sob óticas diferentes e de maneiras diversas. Nas mensagens dos blogs, as postagens, podem ser apresentadas em formas de texto, imagens em vídeo, fotografias, tendo o espaço para interagir com os visitantes através dos comentários, formando assim, uma rede de interação entre os usuários.

A partir do estudo de 50 blogs mais conhecidos no Brasil, levando em consideração suas diferenças e condições de produção das publicações realizadas, Primo (2008) categorizou os tipos de blogs, numa abrangência maior do que outros estudos realizados, que categorizavam essas páginas em publicações pessoais, literários, mistos, e nesta última, o autor acreditava ser uma categoria ampla e ter características mais significativas e diferenciais entre elas. Na tipificação feita, Primo (2008) diferenciou os blogs manipulados por um sujeito como blogs pessoal e profissional, e os blogs controlados por, no mínimo, duas pessoas como blogs grupal e organizacional, e cada um deles tendo como gêneros o auto-reflexivo, reflexivo, informativo interno e informativo, com características diferenciadas.

Para Primo (2008), o blog feito por uma pessoa pode ser um blog profissional ou pessoal. O blog profissional é controlado por um blogueiro que conhece profundamente e profissionalmente o assunto postado, dando ao texto informações válidas e valorativas, devido ao seu conhecimento e atuação na área. Se o blog for uma fonte de renda ao seu criador e o principal motivo de alimentação da página, ou seja, considerado uma atividade profissional, esse blog também será caracterizado como um blog profissional.

Referente ao blog pessoal, Primo (2008) compreende como uma página

regida pelos interesses de seu criador, diferenciando do profissional porque esse interesse não é coordenado pela identidade profissional do mesmo, podendo até comentar sobre sua atuação profissional, mas essa não guia por completo as publicações do blog, como ocorre no anterior. Por mais que seja pessoal, o pesquisador alerta na caracterização dele pela sinceridade ou espontaneidade das publicações, pois eles podem conter opiniões ou histórias reais ou ficcionais escritas pelo dono da página como também “funcionar como um repositório de informações encontradas em outros sites” (PRIMO, 2008, p. 7). Também é possível adicionar propagandas que gerem lucros financeiros ao blogueiro, porém esse não é o principal objetivo do blog, diferente do blog profissional.

Primo (2008) categoriza os gêneros desses blogs profissional e pessoal, que no Quadro 1 apresentaremos suas características:

Quadro 1: Blogs Pessoal e Profissional e as características de gênero

Tipos de Blog Gêneros de Blog	PROFISSIONAL	PESSOAL
AUTO-REFLEXIVO	O indivíduo publica sobre suas atividades profissionais num caráter reflexivo.	Há divulgação de reflexões e opiniões pessoais que giram em torno da vida do <u>blogueiro</u> .
REFLEXIVO	O <u>blogueiro</u> reflete e analisa temáticas de sua área profissional.	Publicações voltadas a temáticas de interesse do dono da página, emitindo suas opiniões, análises e reflexões, podendo ser blogs com temáticas específicas ou gerais.
INFORMATIVO INTERNO	São divulgadas, na página, suas ações, como forma de registro e anúncio de próximas atividades.	Dedicado a publicações envolvendo atividades pessoais em caráter de relato.
INFORMATIVO	Veicula informações do campo de atuação profissional feitas pelo <u>blogueiro</u> ou publicações de outros lugares.	São postados informes de interesse do dono da página, podendo ser produzidos por ele ou republicados de outros lugares.

Fonte: Adaptado de Primo (2008).

Percebemos a diferença dos gêneros do blog profissional individual e o pessoal, nas atividades de reflexão de suas atividades e de temáticas em geral, como também a veiculação de informações sobre sua atividade e informes referentes às temáticas de interesse, sendo elas específicas do campo profissional ou de caráter pessoal, ressaltando que o foco do blog é direcionado.

Sobre os blogs grupais, Primo (2008) compreende como blogs alimentados por, no mínimo, duas pessoas e são publicados posts de interesse de seus blogueiros, sendo essas postagens feitas por todos ou em caráter individual. Esses blogs podem apresentar ideias únicas, em concordância com todos, ou diferentes visões, com opiniões individuais dos sujeitos. Os grupos unem-se por conta de interesses compartilhados, vínculos familiares ou de amizade, entre outras situações. Já os blogs organizacionais são formados no intuito de atingir objetivos, divulgar as ações e suas publicações são identificadas pelo nome da organização em questão. Segundo Primo (2008) há uma formalidade e é organizado de forma estratégica, podendo ter uma hierarquia entre os membros desse blog. Sobre as características dos gêneros nesses tipos de blogs, vemos no quadro resumo abaixo.

Quadro 2: Blogs Grupal e Organizacional e as características de gênero

Tipos de Blog Gêneros de Blog	GRUPAL	ORGANIZACIONAL
AUTO-REFLEXIVO	O grupo compartilha e discute sobre suas atividades, cabendo reflexões sobre suas ações.	As postagens estão relacionadas às atividades da organização, com reflexões sobre o andamento da mesma.
REFLEXIVO	As publicações são referentes a reflexões e análises de seus membros sobre temáticas afins, podendo ser construídas coletivamente ou apresentadas de forma individual, com opiniões parecidas ou contraditórias.	Relacionadas às opiniões da organização sobre temáticas de seu interesse.
INFORMATIVO INTERNO	Pode divulgar, deixar registrado e anunciar as ações do grupo.	Referente a notícias internas, informações aos membros, divulgação do trabalho da organização.
INFORMATIVO	Divulgar notícias e informes sobre temas de interesse do grupo, produzidas pelos sujeitos ou reproduzidas de outros sites ou lugares. A publicação de links e outros materiais sem reflexão de seus membros também faz parte desse gênero.	Divulgação de temáticas envolvendo a área de trabalho da organização, não contendo a opinião da mesma, funcionando como informativo.

Fonte: Adaptado de Primo (2008).

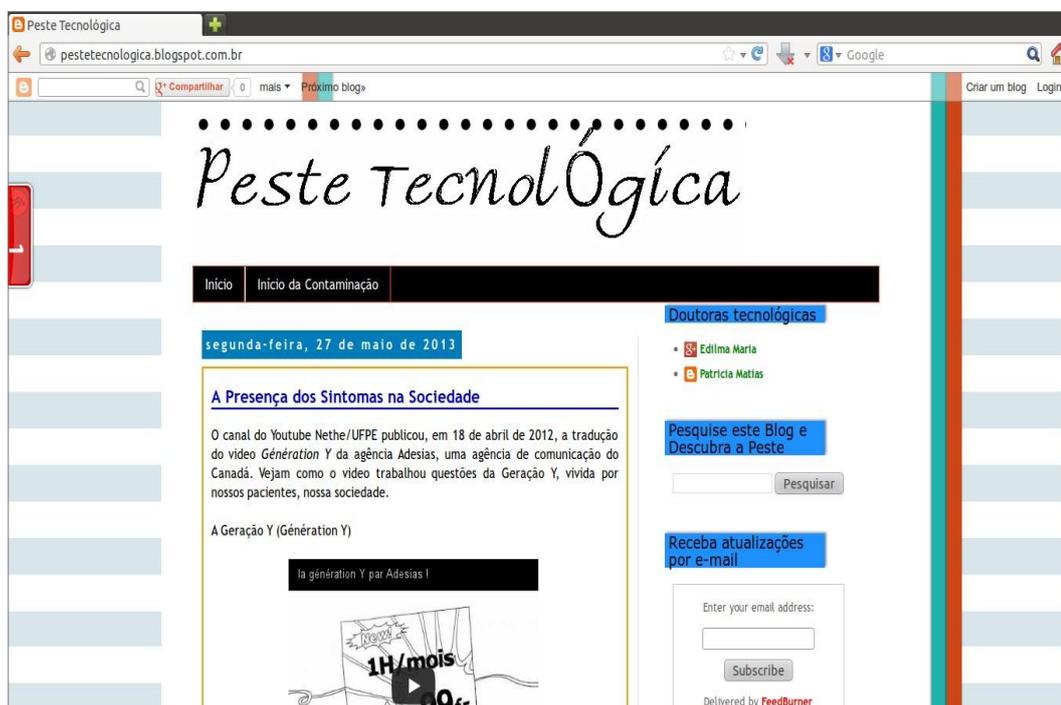
Conforme apresentado anteriormente, percebemos os interesses de cada grupo norteando o andamento de seus blogs, de acordo com a organização pertencente e seu objetivo centralizado, abordando o interesse da mesma, e o blog grupal com publicações relacionadas e opinadas por seus membros, podendo assiná-las em grupo ou individualmente, unidos por causas diversas.

E de acordo com a ideia e postagens feitas nos blogs, sejam eles dos tipos e gêneros abordados por Primo (2008), percebemos a ação do(s) sujeito(s) em

relação à página criada e alimentada, podendo ter inserções de autoria, criatividade, sendo direcionadas a partir dos objetivos vinculados ao blog.

No Blogger plataforma do Google para criação de blogs utilizado em nosso estudo são disponibilizadas estruturas prévias para criação e edição dos blogs produzidos a partir de uma conta válida. É possível adicionar aplicativos, planos de fundo e outras ferramentas, personalizando o blog de acordo com os interesses do usuário. Nessa organização e trabalho, os blogs são construídos e disponibilizados na rede, sendo alimentados com postagens temáticas. Analisemos o blog abaixo:

Figura 1: Blog de tecnologia



Fonte: <http://pestetecnologica.blogspot.com.br/>

Nessa página, além das postagens, temos cabeçalho, barra de pesquisa, indicação dos perfis dos blogueiros, personalizando o blog com aplicativos disponíveis tanto na plataforma Blogger como em sites que disponibilizam aplicativos para blogs. Podemos perceber que a criação está atrelada a elementos já encontrados na rede, como estruturas e aplicativos, ideia do blog e sua temática, harmonia entre as informações. A mudança na web contribui na forma que o sujeito a utiliza, conforme destacado por Coutinho e Bottentuit Junior (2007), o que na web

1.0 essas páginas eram criadas por profissionais especializados, na web atual encontramos essas estruturas previamente montadas e propícias a modificações por qualquer usuário.

Sobre as práticas na página, Recuero (2002) compreende que o blog possibilita ao seu blogueiro expressar parte de sua identidade, podendo a página ser reconfigurada na busca para melhor representar a concepção de identidade mais atual de seu criador. Para atender essa questão alguns blogs passam frequentemente por modificações de layout, como foi percebido na pesquisa da autora: dos 22 blogs analisados, 16 tiveram mudanças, desde pequenas como alteração de cores até reconfigurações totais. E destaca que

A idéia de que se “constrói” a identidade é extremamente importante para a compreensão do *weblog* como uma faceta desta identidade. Ao mesmo tempo em que um *blog* é mutante (constantemente modificado, atualizado, reformulado, reconstruído), a identidade do indivíduo também o é (RECUERO, 2002, s/p, grifos no original).

Diante de tantas plataformas pré-moldadas, áudios e imagens disponibilizados no ciberespaço, podemos encontrar diversos materiais desses sendo compartilhados pelos usuários. Dessa forma, podemos visualizar facetas de identidade configuradas por blogs, essas compostas por postagens, imagens, vídeos e textos, a escolha do blogueiro.

Rosa e Islas (2009) afirmam que os blogs se tornaram famosos e populares devido à possibilidade de divulgar informações e pela gratuidade dos serviços, tendo os jovens como seus usuários, que em sua maioria, utilizam os serviços pela vontade de participar da rede como protagonistas, além de poderem colaborar, interagir com outros usuários.

O blog possibilitou a divulgação de informações e estimulou a própria produção delas, tendo em vista a gratuidade do serviço, o fácil manuseio e a vontade do jovem de ser visto. Pimentel (2010) constata que os adolescentes participantes de blogs tendem a criar grupos dentro da blogosfera, de acordo com as temáticas abordadas em suas páginas, expressando sentimentos, interagindo com usuários com interesses em comum, desenvolvendo marcas linguísticas, e sobre elas esses jovens firmam-se na rede, enquanto identidade em um grupo, assim

como nas roupas e nas músicas ouvidas.

No âmbito educacional, os blogs podem ser utilizados como uma estratégia pedagógica, sendo um espaço de integração, colaboração e debate (GOMES, 2005). Tendo em vista um planejamento que veja o aluno como sujeito ativo e participativo do processo de aprendizagem, esse ambiente sendo trabalhado junto com os alunos proporcionaria o exercício de pesquisar temas a serem desenvolvidos por eles, além de incentivar a comunicação, discutir opiniões, desenvolver a criticidade, tendo como mediador o educador.

Araújo (2009) afirma que

É importante esclarecer que a inserção do blog no ato educativo não teve a intenção de transpor a sala de aula para os meios digitais. Pensamos que os blogs, direcionados a projetos educacionais, poderiam desencadear, entre seus participantes, o exercício da expressão criadora da escrita, artística, hipertextual. Em virtude da sua estrutura, acreditamos que o blog tende a facilitar o diálogo, a autoria e co-autoria, inclusive na alteração da própria estrutura. Eles possibilitam, também, o retorno à própria produção, à reflexão crítica, à re-interpretação de conceitos e práticas (2009, p. 65).

O blog pode ser utilizado como uma estratégia pedagógica, tendo em vista o que é pretendido alcançar com seu uso. O professor pode tanto criar o blog da turma, criar um blog individual e disponibilizar mais informações para serem acessadas após a aula, como também estimular os alunos a criarem seus blogs e divulgarem suas próprias produções, tornando-os autores na rede.

Pimentel (2010) investigou sobre as práticas de escrita de adolescentes em blogs pessoais e constatou que os blogs formam comunidades virtuais, a partir de suas postagens e comentários trocados pelos leitores, estabelecendo relações entre autor e leitor. A escrita e a leitura na rede vêm crescendo atualmente, conforme é apontado pela autora, assim como os tipos de escrita, suas gírias e abreviações, presentes nas produções escritas compartilhadas. Pimentel (2010) também discute sobre as possibilidades do uso de blog no ensino, auxiliando na divulgação dos trabalhos escolares, busca de informações sobre os conteúdos explorados e estímulo à autoria dos participantes da blogosfera.

Amorim (2008) investigou, entre os meses de setembro de 2006 a novembro de 2007, a construção de conhecimento a partir da ação mediada por ela e por

alguns dos usuários, com idades entre dez e vinte e um anos, da Biblioteca Pública Belmonte, em São Paulo, no desenvolvimento de blogs pedagógico-literários. Os participantes foram divididos em dois grupos: um grupo, dos participantes mais jovens, trabalhou num blog com postagens voltadas à informação de autores, resenhas e indicações de livros com a temática de literatura infantojuvenil e o grupo dos participantes mais velhos ficou responsável por um blog sobre Cultura Popular. Durante o processo foram trabalhadas funcionalidades do computador e internet, como edição de texto, pesquisa na web, uso do e-mail, para trabalhar com blogs, fazer suas postagens, inserir imagens e links.

A pesquisadora afirma que os participantes colaboraram entre si, auxiliaram os colegas a usarem as ferramentas do computador, tomaram decisões sobre o que iam postar, a organização dessas postagens, de modo que ficassem padronizadas. A pesquisa concluiu que os participantes, após adquirirem conhecimentos de criação, edição e alimentação de blogs, poderiam “utilizar essa ferramenta de forma autônoma, criando novas redes de aprendizagem colaborativa como ferramenta cultural de uso, autoria e desenvolvimento de novos conhecimentos” (AMORIM, 2008, p.8).

Já Silveira (2010) trabalhou incentivando a leitura e escrita de uma turma de adolescentes, no término do ensino fundamental, numa escola pública no interior do Rio Grande do Sul, no laboratório da escola, como uma proposta de inserção digital utilizando um blog. A pesquisa de campo teve três fases: uma de inserção da ferramenta blog, pois a maioria dos estudantes possuía poucas habilidades na informática; na segunda fase os sujeitos pesquisaram blogs, comentaram as postagens e entraram em contato com alguns blogueiros; a terceira fase foi a de criação do blog da turma, que teve como algumas das postagens principais a participação deles numa jornada de literatura, desde as expectativas de participar até a vivência do evento. A cada encontro os sujeitos enviavam e-mails à pesquisadora, contando como foi cada dia, o que gostaram e não gostaram. Na pesquisa concluiu que foi possível realizar o trabalho com esses jovens por eles terem um certo nível de letramento, intensificado nas atividades da jornada literária por terem participado e postado no blog da turma suas experiências, colaborando na aquisição de novos conhecimentos, hábitos de leitura e escrita, visão de mundo. A

inserção na interface blog, segundo a pesquisadora, contribuiu para que os participantes trocassem informações entre si, buscassem novas informações e apresentassem suas produções para outros colegas, mudança percebida na sala de aula da turma, que esses estudantes passaram a participar mais da aula, comentando os encontros na pesquisa aos colegas, apresentando suas criações.

O estímulo às práticas de leitura e escrita utilizando a tecnologia com alunos mais jovens foi relatado por Kist e Carvalho (2013), em pesquisa que, com 19 estudantes de alfabetização de uma escola pública de Porto Alegre, investigou o impacto do uso de laptop e suas possibilidades e condições, visando práticas de letramento com essa turma, compreendendo que práticas de letramento atreladas à tecnologia possibilitam a inclusão digital.

Para esse público, de faixa etária de seis anos, a escola é um espaço que possibilita o conhecimento da língua, seus processos de codificação, uso, funcionalidade, contribuindo nas práticas de escrita e leitura (KIST; CARVALHO, 2013). E o trabalho desenvolvido pela professora dessa turma estimulou os participantes a expressarem curiosidades e descobertas sobre animais, publicadas num ambiente virtual de aprendizagem.

Nesse trabalho, os alunos buscaram informações e imagens na internet e utilizaram a língua escrita para se expressarem. O ato de salvar a imagem alterando o nome do arquivo, descoberta esta feita durante o processo, foi considerado por Kist e Carvalho (2013) como indicativo de “uma compreensão da função da língua e um exercício da função de autoria, porque é possível agir sobre o código e expressar significações próprias” (2013, p. 147). Outro exercício de autoria identificado foi de um estudante que publicava, espontaneamente, assuntos de seu cotidiano e de seu interesse, influenciando posteriormente alguns colegas a fazerem o mesmo. Percebe-se o estímulo à expressividade e autoria num ambiente virtual e uma proposta favorável a tal exercício. A partir da temática de curiosidades, proposta pela professora da turma, os alunos participaram, fizeram descobertas e expressaram-se utilizando a língua escrita e imagens da internet de uma forma criativa, autoral e significativa.

Podemos perceber, a partir das pesquisas citadas, que os jovens participantes, no contato com a ferramenta blog, tiveram suas práticas de leitura e

escrita intensificadas, assim como foram estimulados a pesquisar informações, interagir com outros usuários e também produzir conteúdos para serem disponibilizados em rede. Ressaltamos a importância dos trabalhos desenvolvidos pelos participantes, tanto os alunos quanto professora, pesquisadora, trabalhando em grupo na troca e produção de informações, caracterizando alguns aspectos da mediação presente nesses espaços.

Compreendemos, diante da discussão, variadas formas de expressão e o blog, como ferramenta investigada, uma possibilidade de voz na rede, podendo ser estimulada por outras vozes a intensificar autoria, criticidade e criatividade, elementos importante que, atrelados a outras questões, podem auxiliar o estudante em seu processo de aprendizagem. Essas questões de relação, mediações entre sujeitos em ato educativo, discutiremos na seção a seguir.

3 MEDIAÇÃO E MEDIADORES: UM PROCESSO DE COLABORAÇÃO

3.1 Mediação: ação colaborativa entre pares

As relações humanas, de uma forma geral, contribuem para a construção do outro, numa tomada de decisão, consciência e/ou aprendizagem, seja ela numa intencionalidade planejada ou espontânea. O indivíduo em si possui uma predisposição a se comunicar com o outro, processo esse que o leva a assumir papéis de emissor e receptor no e em cada momento dessa interação. Sobre interação, Tébar (2011, p. 539) trata como “toda forma de relação no processo de aprendizagem mediada”. Já Silva e Caldas (2002) apresentam sua visão de interação como

[...] um processo de influência recíproca, em que a acção de um pode modelar o outro, e está associada à existência de benefício de um ou dos dois participantes. As interacções são, portanto, processos comunicativos, mais ou menos intencionais, que participam no desenvolvimento dos indivíduos e na sua integração sociocultural. Por consequência, as interacções sociais também assumem papel relevante no processo de aprendizagem (SILVA; CALDAS, 2002, p. 919).

Já Silva (2010) atenta ao conceito de interatividade a um significativo de intervenção nas mensagens trocadas pelos sujeitos, coautoria, bidirecionalidade, seja ela entre humanos como também indivíduo e máquina. O de interação em seus estudos é visto como um conceito complexo e, para o autor, o de interatividade seria um tipo específico de interação, visto suas particularidades.

Nas conceituações apresentadas, percebemos a influência do outro, contribuindo para a construção e o desenvolvimento dos pares. O ambiente e a interação ocorridas estimulam o outro a compartilhar seus pensamentos, indagações. Esse processo deixa marcas nos sujeitos que participam dele, possibilitando novas experiências e aprendizagens.

Vigotski (2007, p. 94) afirma que “qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”, ou seja,

experiências envolvendo conteúdos discutidos na escola podem ser vivenciadas em outros espaços, diferenciando a abordagem e o sentido daquela situação. A relação entre essas situações, experienciadas dentro e fora da escola possibilita ganhos significativos e de extrema importância na construção de conhecimentos, sobretudo os científicos, muitas vezes trabalhados em espaços escolares.

Essa relação pode ser feita ao trabalhar a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) do aluno. A ZDP é conceituada como

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2007, p. 97).

Para o autor, o desenvolvimento real está atrelado ao que ele pode fazer sozinho, e o potencial ao que ele solucionará com auxílio de um outro sujeito, seja este um adulto ou colegas que já consigam solucionar aquele problema. Percebe-se a importância do outro na construção de um conhecimento e resolução de problemas, podendo esse ser o professor como também os colegas que vivenciam, em conjunto, aquela experiência.

Hedegaard (2002) afirma que o ensino atrelado ao trabalho com a ZDP pode estimular diversos processos internos de desenvolvimento, de acordo com o planejamento, currículo, professor, mediação, fatores que permeiam os processos de ensino e de aprendizagem. Ao se trabalhar com a ZDP dos alunos, o professor pode estimulá-los a investigar os problemas propostos, relacionando com situações que os mesmos já venham a ter passado, assim como também os colegas podem auxiliar uns aos outros. A partir dessa discussão podemos perceber que o trabalho com a ZDP dos alunos pode estimular o diálogo, a investigação e a troca de conhecimentos entre os alunos e o professor. A ZDP pode ser trabalhada na educação formal, na sala de aula, e também na educação não-formal, como em oficina, extra sala de aula, ambiente este que investigaremos nesse trabalho.

No processo educativo, a relação entre os pares torna-se indispensável para a apropriação de um conceito, resolver uma situação-problema. Vigotski (2007) afirma que *“um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal”* (p.

57, grifo no original), a construção de um conceito ocorre numa relação entre os sujeitos para posteriormente ser interiorizada pelo indivíduo. Nesse caso um sujeito auxilia o outro no seu processo de construção de conhecimento, a partir de diálogos, estímulo à reflexão, problematizando situações.

Fontana (2005) diz que essa re-construção parte de uma mediação semiótica, advinda da linguagem, no qual os conhecimentos e as ações do indivíduo são envolvidos com os conhecimentos e as ações de outro sujeito e/o grupo, além da própria produção vinda dessas interações.

Ainda segundo os estudos da autora, a formação de conceitos depende das possibilidades que os sujeitos possuem de, a partir das interações feitas, se apropriarem e objetivarem esses conteúdos, assim como suas formas de organização e elaboração desse saber, que é construído historicamente. Assim, ela afirma que esse desenvolvimento parte de uma “incorporação da experiência geral da humanidade, mediada pela prática social, pela palavra (também ela uma prática social), na interação com o(s) outro(s)” (FONTANA, 2005, p.14, grifo no original).

Com relação à mediação, Paschoal (2009) trata como uma ação ocorrida a partir da comunicação, “envolvendo linguagens que estabelecem e restabelecem laços de sociabilidade. Estar vivo é, portanto, estar mediando e sendo mediado” (PASCHOAL, 2009, p. 20). Para Tébar (2011), mediação está incluída na interação, como uma característica, ocorrida a partir de uma empatia e aceitação entre os sujeitos envolvidos no processo, marcada pela experiência de aprendizagem e transmissão cultural, objetivando a construção de habilidade no indivíduo, contribuindo para sua autonomia, e destaca que devemos entendê-la como “uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora no complexo mundo da relação educativa” (TÉBAR, 2011, p. 74).

Podemos perceber que a mediação pode ocorrer em diferentes momentos do indivíduo em sua sociedade. Esse envolvimento numa determinada atividade estabelece uma construção de aprendizagem, pois há troca de experiências, conhecimento de novas informações, novas ideias, interpretar e discutir situações. Percebe-se, também, que os sujeitos envolvidos no processo de mediação são ativos.

Num ambiente educativo, todos os sujeitos envolvidos podem contribuir nessa

construção. Paulo Freire (1987) defende os papéis do educador e dos educandos como sujeitos no ato quando os mesmos se propõem a não só descobrir mas também de recriar um conhecimento. O conhecer para propor mudanças significativas. Isso nos remete ao que Gohn (2006) discute sobre educação não-formal, apresentada anteriormente, sobre o conhecimento do mundo que vive, consciência de suas ações.

Masetto (2003), ao tratar sobre mediação pedagógica, afirma que ela está relacionada à forma de apresentar e tratar um conteúdo, buscando as opiniões dos colegas, promovendo debates, com o educador assumindo uma atitude de facilitador ou motivador dessa aprendizagem, tendo essa situação como forma de promover a produção de um conhecimento significativo ao educando. Algumas características presentes na mediação pedagógica são

[...] dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento; trocar experiências; debater dúvidas, questões ou problemas; [...] orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho; [...] propor situações-problema e desafios; desencadear e incentivar reflexões; criar intercâmbio entre a aprendizagem e a sociedade real onde nos encontramos, nos mais diferentes aspectos; colaborar para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e novos conceitos [...] (MASETTO, 2003, p. 145).

Dentre essas características apresentadas, percebe-se a importância do papel do mediador no processo de aprendizagem. É importante que a situação apresentada aos alunos seja incentivadora de sua participação e o mediador, entendendo o seu papel, proporcione esse caminho colaborativo de ambas as partes.

Ainda sobre as características da mediação pedagógica, destacamos o estímulo à troca de experiências e relação com conhecimentos prévios dos alunos e suas aprendizagens futuras.

Segundo os conceitos de Feuerstein sobre o potencial da aprendizagem discutidos por Tébar (2011), “todas as pessoas podem ampliar seu potencial e sua capacidade através da mediação” (TÉBAR, 2011, p. 70), e Feurestein (apud TÉBAR, 2011) elencou doze critérios relacionados à mediação pedagógica, tendo o professor como mediador do processo educativo. Esses critérios fazem parte de um estudo do

autor, o Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI), que visa “ampliar a estrutura cognitiva das pessoas, independentemente de sexo, etnia, faixa etária” (VARELA, 2007, p.131), a partir da mediação. Segundo os estudos de Varela (2007) e Tébar (2011), o PEI trabalha, em geral, com alunos com dificuldades de aprendizagem, fracasso escolar, mas já é visto em outras instâncias, como em empresas, por exemplo. Os doze critérios de Feuerstein discutidos por Tébar (2011) são:

1. Mediação de intencionalidade e reciprocidade: fazer com que o indivíduo seja envolvido no processo educativo, na sua aprendizagem, compartilhando os objetivos do trabalho. Como o mediador organiza e escolhe a informação para ser trabalhada e por se ter a mediação como ato intencional, é necessário que o indivíduo seja estimulado a participar, despertar o interesse, para que haja a reciprocidade do ensinar e aprender;
2. Mediação de transcendência: estimular o sujeito a refletir sobre suas ações para além do que está sendo vivenciado no momento, em como essas ações que estão sendo aprendidas podem ser utilizadas em outra situação vivenciada, num tempo adiante;
3. Mediação de significado: atribuir significado ao que é trabalhado, para despertar o interesse e o envolvimento do sujeito na atividade, mostrando a importância e a finalidade das situações de aprendizagem;
4. Mediação do sentimento de capacidade: promover um espaço favorável à aprendizagem no quesito emocional, de competência para se fazer a atividade, mostrando que o indivíduo é capaz de realizar a tarefa, motivando seu aluno no processo educativo;
5. Mediação de autocontrole e regulação de conduta: fazer com que o aluno perceba a responsabilidade de suas atitudes e decisões, e é necessário estimular o aluno a fazer uma reflexão prévia para depois tomar uma decisão, controlando possíveis impulsos do estudante;
6. Mediação de conduta compartilhada: estimular a cooperação entre os sujeitos envolvidos no processo, a interação entre todos os sujeitos, professor e alunos, trabalhando a empatia, respeito às opiniões;

7. Mediação de individualização e diferenciação psicológica: fazer com que seja percebido que, apesar de todos serem aprendizes no processo educativo, todos têm suas características e identidade específicas, que haverá diferenças entre eles. Assim, é necessário fazer com que o aluno possa perceber quais características o definem e que o fazem diferente dos colegas;
8. Mediação de busca, planejamento e conquista de objetivos: estimular os estudantes a traçarem objetivos, fazendo com que eles tracem estratégias para alcançá-los, além de incentivá-los a atingirem suas metas, como também trabalhar a autonomia, o planejamento e a avaliação crítica de sua ação;
9. Mediação do desafio: busca de novidade e complexidade: criar situações que desafiem o aluno, para que o mesmo seja estimulado a conhecer e/ou buscar novos caminhos, novas situações de aprendizagem e novas formas de aprender;
10. Mediação do conhecimento do ser humano como entidade mutável: perceber o indivíduo como um ser que pode mudar, e que essa mudança impulsiona a aprendizagem, assim como incentiva a busca de melhorias para uma determinada situação, a quebra de barreiras, de paradigmas, de possíveis bloqueios na aprendizagem;
11. Mediação da busca de alternativas otimistas: estimular o sujeito, a partir de sua experiência, visão de mundo, a enfrentar os desafios de forma positiva, em prol de melhorias e mudanças significativas a situação enfrentada, ao espaço que vive;
12. Mediação do sentimento de pertença a uma cultura: fazer com que o aluno perceba que ele é integrante de um espaço, de uma cultura, e como ser integrante pode contribuir na melhoria, valorização e/ou mudança de determinado aspecto da mesma.

Quando discutimos sobre a ação educativa em contextos formais e não-formais, percebemos o elemento mediação presente nessas situações, pela relação entre situações, intencionalidade do ato, despertar curiosidade, atitudes de mudança, busca de significado.

Apesar de os estudos de Feuerstein (apud TÉBAR, 2011) e de Masetto (2003)

ressaltarem a atitude mediadora do professor na ação educativa, percebemos a importância de discutir sobre a ação mediadora dos estudantes dentro do contexto educativo, por estarem envolvidos no processo, com troca de experiências, com intencionalidade e reciprocidade. Essa questão é refletida por Silva e Caldas (2002, p. 922-923), que “se começou a considerar a possibilidade dos alunos exercerem influência educativa sobre os colegas, desempenhando, assim, um papel mediador da aprendizagem que parecia reservado ao professor”.

Não nos surpreende pensarmos na possibilidade de termos mediadores diferentes num mesmo ambiente educativo. Moran (2003, p. 26) afirma que “os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural onde vivemos, dos grupos com os quais nos relacionamos”.

A ação mediadora dos educandos foi percebida por Amorim (2008) em sua pesquisa com blogs coletivos numa biblioteca pública, conforme discutido anteriormente. Alguns participantes exerciam uma influência nos colegas, numa intencionalidade espontânea, estimulada pelas atividades propostas pela pesquisadora mediadora. A pesquisadora identificou que, num momento de construção de uma postagem de agradecimento à visita de um escritor à biblioteca, surgiu uma dúvida sobre qual expressão colocar na postagem. Um dizia 'sua presença nos enriqueceu' e outro 'sua presença enriqueceu-nos'. A expressão escolhida foi a última apoiada pela pesquisadora e uma estudante de Letras, participante da pesquisa. Foi percebida a influência dessas duas na decisão, por serem vistas como referências, e afirmou que a mediação contribuiu para modificar as concepções dos sujeitos referente ao “uso da norma padrão e das variações e adequações linguísticas em contextos da Internet” (AMORIM, 2008, p.75). Podemos notar que os posicionamentos da estudante e da pesquisadora influenciaram na decisão do grupo, dando confiança na escolha, trocando saberes. Para tal, Amorim (2008) afirma que

A forma de ensinar e aprender têm sido revista, redesenhada e resignificada. Faz-se necessário uma forma de ensinar mais centrada no aprendiz, com ações compartilhadas e cooperativas. Cooperativa, no sentido de operar com outros. Uma forma de aprender com mais participação dos aprendizes, com objetivos comuns, mediada, em alguns momentos pelo educador, e em outros, pelos próprios aprendizes (AMORIM, 2008, p. 17).

Percebemos que, em um contexto educativo, o mediador pode ser tanto o professor, com sua formação e preparação prévia, intencional de acordo com os objetivos a serem atingidos, quanto o educando, com suas ações e experiências prévias, intencionalizadas de acordo com a proposta lançada pelo próprio educador e estimulada pelo ambiente educativo, promovendo a aprendizagem e construção de significados, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 1996, p. 25).

Com isso, acreditamos que a mediação pedagógica compõe as discussões trazidas por Masetto (2003) e Feuerstein (apud TÉBAR, 2011), sobre a ação do professor no ato educativo como também a contribuição do aluno nesse processo, discutido por Amorim (2008) e Silva e Caldas (2002). Ressaltamos que a mediação é evidenciada na ação do aluno e do professor dentro do ato educativo, pois nesse processo faz-se necessária a participação dos sujeitos envolvidos, da intervenção e interação de um com o outro. Conforme destacado por Tébar (2011), a mediação pode potencializar as capacidades do indivíduo, levando-nos a compreender que o processo educativo é composto por essas ações intencionais que visem agir no ato, potencializando o objeto do aprender e, logo, os sujeitos participantes da ação. Essa ação pode ser percebida desde o planejamento, organização prévia das atividades, e concretizada na ação dos indivíduos, com cada um deles trazendo consigo suas experiências, expectativas, dúvidas, entre outros aspectos componentes desses sujeitos. Compreendemos a mediação como travessia, assim percebida nos estudos realizados, de sujeitos que trazem e levam algo desse meio com propósitos educativos, seja de componentes curriculares como visões de mundo em e para outras experiências sociais. Uma ação com intenções, vindas de diversos meios.

Nas oficinas do Proi-Digit@I, programa integrante da extensão universitária da UFPE, que discutiremos melhor adiante, por ter como proposta a produção crítica de conteúdos digitais dos jovens participantes, promovendo uma inclusão digital, faz-se necessária que a mediação apresente essas e outras características, e que o uso das tecnologias, a participação ativa dos jovens e a mediação dos professores do Programa quanto a dos próprios jovens contribuam para uma aprendizagem colaborativa de todos os sujeitos envolvidos.

A seguir discutiremos sobre os caminhos da universidade e suas ações extensionistas.

3.2 Universidade pública: discussões e ações sociais

Sobre os desafios da universidade pública, abordando as mudanças das relações entre sociedade e conhecimento, como aponta Santos (2005), com relação ao conhecimento universitário, o autor afirma que, nesse século, esse era retratado numa lógica por vezes independente e distante das demandas sociais. Com hierarquia, esse conhecimento era definido e produzido por um grupo específico, que compartilhava dos mesmos anseios, ocasionando a homogeneidade.

Na última década do século XX, Santos (2005) afirma que houve alterações no modelo de conhecimento universitário, no qual se encontrava abalado com indicativo de mudanças, passando a ser um conhecimento pluriuniversitário. Pautado na transdisciplinaridade, esse conhecimento estimula o diálogo, discussão e relações com outros tipos de conhecimento, indo além do espaço universitário. Se o modelo anterior era mais homogêneo, concentrado num grupo com objetivos comuns e descontextualizado, nesse há uma perspectiva mais heterogênea, menos hierárquica. Para tal, Santos (2005) afirma:

Todas as distinções em que assenta o conhecimento universitário são postas em causa pelo conhecimento pluriuniversitário e, no fundo, é a própria relação entre ciência e sociedade que está em causa. A sociedade deixa de ser objecto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações à ciência (SANTOS, 2005, p. 41-42).

Esses momentos contribuem na própria mudança da relação entre conhecimento e sociedade, como o autor aborda. É também pontuada que essa passagem foi percebida mais nos países centrais, porém não descarta a possibilidade de outros países terem sua própria organização de conhecimento pluriuniversitário, sem necessariamente ter passado pela fase de conhecimento universitário.

Diante da mudança, a aplicabilidade do conhecimento pluriuniversitário pode

se dar a partir de parcerias entre os pesquisadores com outros grupos, como movimentos sociais, entidades não governamentais, comunidades populares. Isso sem esquecer grupos voltados às demandas econômicas e de mercado, que impulsionam uma produção para consumo, um conhecimento mercantil, na parceria universidade-indústria (SANTOS, 2005).

Os desafios existentes impulsionam o confronto entre os conhecimentos e o aumento da responsabilidade social por parte das universidades, na busca de melhorias, pois “à medida que a ciência se insere mais na sociedade, esta insere-se mais na ciência” (SANTOS, 2005, p. 43).

O impacto das TIC, pontuada como um desafio à mudança da universidade, Santos (2005) afirma que a partir dela foram proporcionadas novas formas de ensino e de aprendizagem, como à distância, o olhar às TIC como instrumentos pedagógicos, assim como o aumento gradativo das fontes de informação. Cabendo o alerta da possibilidade de gerar novas formas de desigualdades, trazendo a reflexão de

O que falta saber é, por um lado, em que medida estas transformações afetarão a pesquisa, a formação e a extensão universitária nos lugares e nos tempos em que elas se tornarem disponíveis e facilmente acessíveis, e, por outro lado, o impacto que terá a sua ausência nos lugares e nos tempos onde não estiverem disponíveis ou, se disponíveis, dificilmente acessíveis (SANTOS, 2005, p. 50).

Essa pontuação nos faz compreender a importância da reflexão feita na universidade e seus pesquisadores, assim como a formação dada aos profissionais para a vivência nos seus espaços socializantes, tratando formação e vivência não só no pós formatura, podendo elas serem refletidas, analisadas, atuadas e trabalhadas também durante a estadia nos cursos e suas atividades. Percebemos que, ao fazer a reflexão sobre as mudanças no modelo de conhecimento universitário e sua ação na sociedade, o trabalho em parceria com os grupos sociais trazem ganhos para ambos os lados, que precisam se relacionar para buscar melhorias.

Dessas relações de conhecimento, vemos o segmento da extensão universitária como um espaço que possibilita essa troca de experiências entre a comunidade acadêmica e grupos sociais, trabalhando temáticas que podem

influenciar nas visões de mundo dos sujeitos, interferindo no cotidiano e perspectivas futuras desses indivíduos.

3.3 Extensão universitária: ação educativa e transformadora de sujeitos e práticas

Em continuidade com a seção anterior, dentre as discussões do papel das Instituições de Ensino Superior, as IES, em particular das universidades, ao longo do tempo, vemos ações de aproximação entre a universidade e a sociedade. Tratamos as pontuações feitas por Santos (2005) e suas relações entre como o conhecimento produzido na universidade, suas relações com as demandas sociais e seus respectivos desafios, além de discutir sobre impactos desses elementos com as atividades da universidade, na formação, pesquisa e extensão.

Cunha (2012) relata que, em 1919, na Universidade de Córdoba, localizada na Argentina, houve uma ação que impulsionava essa aproximação e a democratização da academia, trazendo a extensão para o debate e ação da educação superior. Seus estudos ressaltam que a extensão é, de certo modo, característica das universidades da América Latina, e estão estritamente ligadas às condições da sociedade nas quais se estabelecem, com suas desigualdades sociais e suas buscas por melhorias, pois se

Exige que a universidade, em especial a de natureza pública, tenha responsabilidades com o desenvolvimento social equilibrado, produzindo saberes com e para a melhoria de vida de toda a população (CUNHA, 2012, p. 21).

Paulo Freire (2006) reflete sobre o conceito e propósitos da extensão. Para ele, dentre os sentidos dados ao termo, a extensão está voltada à ação, relacionada ao sujeito que age, aquele que recebe e o objeto em questão. Diferente de um comprimento, prolongamento, o termo pode ser envolvido num sentido de transmissão, conteúdo, do sujeito que entrega e o que recebe, superioridade, inferioridade. Com isso

Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer

que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo (FREIRE, 2006, p.22, grifos do autor).

Faz-se o alerta para o sentido do conceito de extensão, para que o mesmo não entre em contradição com as propostas das ações, pois o homem pode ser visto como objeto e não como sujeito na ação. Compreendendo a incompatibilidade, na visão semântica, do termo extensão como uma ação educativa com propósito libertador, pois para o autor

[...] a expressão “extensão educativa” só tem sentido se se toma a educação como prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber os que habitam nesta.

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 2006, p. 25, grifos do autor).

As discussões de Freire (2006) nos fazem pensar que devemos superar a herança semântica da palavra extensão, e com ela suas ações de transferir, entregar algo, mudar para se assemelhar ao que é trazido de um sujeito que age e outro que recebe. Um conjunto envolvendo a substituição de conhecimento, uma mecanização do ato, a distinção entre o sujeito que sabe e o que não sabe não pode ser considerado uma ação educativa, visto que o reconhecimento do outro se perde nesse processo. Nessa ação há uma sobreposição de um saber no outro, pautado por um discurso transformador com objetivos de valorização a uma cultura dominante.

Para Lima (2002), Paulo Freire propõe em seus estudos uma visão de ruptura de concepções de educação bancária, visões técnico-instrumentais para a educação e críticas a participação passiva de sujeitos, devido ao cenário vivenciado em suas indagações. Considerações que nos ajudam a pensar na importância dos atores envolvidos e sua participação ativa, crítica e igualitária nos processos sociais, cada qual contribuindo com suas visões e ações.

Uma ação educativa deverá promover uma reflexão estimulada pelo sujeito

com base na sua curiosidade, interesse, pelo diálogo com o outro, busca de conteúdo, com questões problematizadoras. Lembrando que a mudança se dará a partir da escolha e ação do sujeito, transformando sua realidade, e não de um depósito de conhecimento a uma conta vazia, pois

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos (FREIRE, 2006, p.53, grifos do autor).

Outro ponto destacado por Freire (2006) é o da não separação do homem com seu espaço socializante. O sujeito é participante do meio, marcado e influenciado por ele, tendo essa participação influenciadora de atitudes e reflexões numa situação vivenciada.

Tratando a extensão como função social da universidade para o desenvolvimento de sua sociedade, como apontado por Cunha (2012), o Ministério da Educação e Cultura, o MEC, define extensão no edital da PROEXT 2013 (BRASIL, 2012) para as IES municipais, estaduais e federais como:

- a) Extensão: tendo em vista a indissociabilidade com ensino e pesquisa, promovendo a interação da universidade com a sociedade com ações de caráter interdisciplinar, cultural, educativo.
- b) Projeto de Extensão: possui um objetivo específico, com prazo determinado para o conjunto de ações processuais estabelecidas, de caráter social, cultural, educativo, tecnológico.
- c) Programa de Extensão: que possa ser executado em tempo médio ou longo, sendo direcionado por um objetivo comum com caráter orgânico-institucional e de integração no território ou em grupos da sociedade, com articulações em projetos e ações de extensão, pautadas na multidisciplinaridade, integrado à pesquisa e ao ensino.

Essas ações objetivam contribuir na melhoria da educação brasileira, estimular a criticidade e desenvolvimento social dos estudantes de ensino superior,

ampliar e potencializar a melhoria na qualidade das ações das IES do setor público, dar melhores condições ao serviço das IES nessas ações de extensão (BRASIL, 2012).

Percebemos a importância das IES com o trabalho em conjunto com as demandas sociais, no quesito de lutar em prol de melhorias e formação dos sujeitos conviventes nesses espaços, ressaltando ao que Paulo Freire (2006) afirma sobre a importância do sujeito, valorização do seu espaço e suas experiências no mesmo, no intuito de não haver distâncias nem superioridade de um grupo ao outro, numa ação articulada com a diversidade de saberes.

Em se tratando de ambientes que propiciem essa ação educativa, seja ela voltada a conteúdos curriculares escolares ou para formação em geral, extra-escolar, pode ocorrer em contextos formais, não-formais e informais. Para Amorim (2008), a educação formal é aquela ofertada em instituições privadas ou públicas, regulamentadas, com uma continuidade de conteúdos trabalhados no período de escolaridade do sujeito. A educação não-formal, embora não apresente uma sequência seriada e institucional como na educação formal, possui estrutura e objetivos educacionais definidos, e são atividades, oficinas ou programas que podem ocorrer tanto fora quanto dentro de instituições educacionais. E a educação informal, segundo a autora, são ações contínuas voltadas principalmente para o desenvolvimento da cidadania do indivíduo, que ocorre no ambiente familiar, no trabalho, no bairro.

Para entendermos melhor o contexto da educação não-formal, Gohn (2006) nos traz reflexões pertinentes sobre essa ação, e dentre elas destacamos:

- A participação é opcional, de acordo com os objetivos e das escolhas do indivíduo;
- É movida pela intencionalidade, na ação de participar, de aprender e de ensinar, de trocar experiências e saberes;
- Tem como propósito “[...] abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais” (GOHN, 2006, p.29);
- Objetiva que o sujeito construa e reconstrua sua(s) concepção(ões) tanto de mundo e como também sobre o mundo que o rodeia;

- Que se possa adquirir saberes relacionados a própria ação do sujeito em questão, podendo ele aprender a fazer leitura(s) e interpretação(ões) do mundo que vive.

Como o campo de investigação dessa pesquisa é uma oficina de um programa de extensão, a educação promovida traz elementos da educação não-formal, por possuir uma intencionalidade educativa voltada para a reflexão, interpretação e produção de conteúdos digitais numa perspectiva de inclusão digital, que será explicada mais adiante.

Gohn (2008) ressalta a importância da educação nesse contexto informacional, globalizado, reconhecendo a diversidade cultural, histórica e do indivíduo inserido na mesma. Esse sujeito que precisa ser formado para atuar no espaço, no mercado de trabalho, enquanto cidadão de mundo. A autora trabalha com a ideia da educação estendida para além da escola, com abertura para a comunidade e para temas relacionados ao cotidiano dos sujeitos desse espaço, sejam eles alunos, professores, pais, demais funcionários.

Isso requer mudanças na organização pedagógica dessa escola. Gohn (2008) afirma que os resultados de reformas educacionais de sucesso apontam para aquelas onde houve participação desses sujeitos nessas mudanças, contribuindo na formulação de ideias, trazendo discussões da vivência da comunidade para dentro da escola, promovendo um trabalho articulado entre educação formal e não-formal, pois

É preciso agregar ao ensino formal, ministrado nas escolas, conteúdos da educação não-formal, como os conhecimentos relativos às motivações, à situação social, à origem cultural dos alunos, etc (GOHN, 2008, p. 15).

A educação não-formal, segundo Gohn (2008), possui áreas abrangentes nas seguintes dimensões: aprendizagem política dos direitos dos sujeitos como cidadãos, consistindo em conscientizar esses sujeitos, via participação em grupos, como o conselho escolar, para compreensão de suas atividades, direitos, no seu espaço socializante; capacitação dos sujeitos para o trabalho, para desenvolver as potencialidades e competências desse indivíduo no aprender, com propósito de

trabalho; aprendizagem e exercício de práticas com objetivos comunitários, para organização de sujeitos em prol da resolução de problemas de sua comunidade; aprendizagem de conteúdos da escolarização formal e educação exercida na e pela mídia. Nesta última, a autora percebe que os educadores dão pouca importância a essa questão. Pouca no sentido de poder ser mais discutido, com propostas reflexivas sobre e para o uso da mídia.

Tendo a televisão como exemplo, Gohn (2008) aborda seu uso para o estímulo ao debate sobre seus programas e informações apresentadas. Esse uso gera uma forma de vê-la com outro olhar, podendo articular conteúdos escolares com conhecimentos sociais e culturais dos estudantes, trabalhando a educação formal e não-formal.

Em se tratando de TIC, essa articulação de educação formal, informal e não-formal também pode ser feita. Diante do debate atual, os processos educativos de ensino e de aprendizagem, na visão de Padilha et al. (2012)

[...] precisam considerar esse contexto midiático, atentando para os tipos de linguagem e comunicação que são possíveis em suas diversas formas: seja visual, auditiva, hipertextual, multimídia, etc. Nesse sentido, a educação tem buscado, cada vez mais, diversificar e inovar os métodos comunicativos que possam atuar como elemento facilitador na troca de conhecimentos e de conteúdo educativo entre professores e alunos, dentro e fora da sala de aula (2012, p.50).

A partir dessa consideração das diversas possibilidades midiáticas como formas de diversificar a comunicação de ideias, percebemos a necessidade do trabalho com os sujeitos relacionando também seus pontos de experiências sociais e culturais. Referente ao programa de extensão, especificamente às ações educativas da oficina de blog estudada, para atingir as questões de estímulo à leitura, interpretação, construção e reconstrução de concepções de mundo faz-se necessária a atenção aos posicionamentos dos sujeitos integrantes dessa ação educativa. Até mesmo porque alguns desses posicionamentos podem ter sido construídos a partir de uma experiência anterior a essa ação intencional educativa. Com isso percebemos uma relação entre as discussões envolvidas na escola e na experiência com o programa de extensão, assim como a contribuição dessa instituição com uma ação promovida pela universidade, ambas com funções sociais

estabelecidas para atender às demandas da nossa sociedade ocidental.

Compreendemos o papel dos agentes educacionais e sua atuação nos espaços, com trabalhos de extensão universitária, no quesito de contribuir na concretização de objetivos que auxiliem os participantes em sua aprendizagem, não só de conteúdos escolares como também na abrangência de temáticas que influenciam escolhas, determinam futuros e deixam marcas no espaço. O trabalho na extensão universitária pode ter enfoques diversos e suas ações podem mobilizar saberes de educação informal, formal e não-formal, não havendo distinções visíveis mas relações fortes que se complementam e são contribuintes na aprendizagem de alunos e professores. Discutiremos a seguir sobre o Programa de Extensão Proi-Digit@I e seus embates na educação.

3.4 Proi-Digit@I e o trabalho com extensão e educação

Inicialmente podemos compreender que em se tratando de um programa de extensão o Proi-Digit@I já incluiria o debate sobre essa atividade educativa. Ao tratar dessa discussão, lembramos das reflexões de Paulo Freire (2006) e Gohn (2008) sobre o ato educativo em prol da autonomia, criticidade, buscar ao conhecer a livre escolha do sujeito. Essas dimensões possibilitam ampliar o olhar referente aos trabalhos desenvolvidos nesse programa.

O programa de extensão Proi-Digit@I, da UFPE, atualmente, possui três anos de trabalho com estudantes universitários de diferentes áreas e estudantes da educação básica. Integram essa categoria tanto o público participante quanto o grupo componente do programa.

No primeiro ano, em 2011, o Proi-Digit@I, era um projeto de extensão. O grupo era composto por estudantes de graduação de cursos como Pedagogia, Biblioteconomia, licenciaturas em História e Expressão Gráfica, Design, estudantes de pós-graduação e voluntários não estudantes da UFPE, orientados por professores do Centro de Educação (CE) e de outros centros (PADILHA, et al., 2012). O trabalho se desenvolvia em estudos referentes às TIC, como mídias digitais, inclusão digital, uso dessas TIC no ensino, além de estudos referentes ao

público desse projeto, os jovens de periferia³. Intercalados com esses estudos, ocorriam os planejamentos das oficinas de áudio digital, animação, blog e vídeo, ferramentas escolhidas para trabalhar com o público, visando ao objetivo do projeto que é proporcionar a leitura, interpretação, produção e compartilhamento de conteúdos digitais, estimulando os participantes a serem atores e produtores no seu espaço social, conforme afirmado por Padilha et al. (2012).

Percebemos que esse trabalho atinge não só o público participante das oficinas como também os integrantes do projeto. Para estes o projeto contribui na formação enquanto professores, além do envolvimento com a pesquisa e estudo sobre a temática (PADILHA et al., 2012).

Nos anos seguintes, mudanças nas estruturas das oficinas, como a de áudio digital para podcast, e o desenvolvimento de novas oficinas, a de Twitter e a de GIF (Graphics Interchange Format)⁴, foram evidenciadas no Proi-Digit@I, além de ser categorizado como um programa de extensão. O trabalho em escola e participação em eventos acadêmicos foram algumas das experiências vivenciadas por esses atores sociais.

Essa atividade extensionista, além de promover as oficinas voltadas ao público jovem de periferia, é estendida ao público universitário e científico, em formato de oficinas e trabalhos científicos, na apresentação de artigos relacionados à temática blog e experiências de oficinas realizadas. Esse conjunto de práticas contribui para a formação dos integrantes enquanto educadores e sujeitos capazes de refletir e transformar sua realidade, assim como estimular a reflexão nos outros indivíduos.

Como o Programa de Extensão promove, a partir de suas oficinas, ações que visam contribuir para a inclusão digital dos participantes, a seguir discutiremos sobre a temática da inclusão digital e da exclusão digital, na visão de alguns autores sobre o tema e apresentação de outros projetos que objetiva contribuir com a inclusão digital sob óticas diferentes.

³ Alunos de escola pública, bibliotecas comunitárias e do pontão de cultura da feira de Caruaru, Pernambuco (PADILHA et al, 2012).

⁴ Nova oficina de animação digital desenvolvida pelo grupo para trabalhar com esse formato de arquivo.

3.5 Contextualizando a Inclusão Digital e a Exclusão Digital

Quando discutimos sobre inclusão digital, percebemos a dimensão de aspectos envolvidos nessa relação, como os aspectos econômicos, políticos, sociais, entre outros. Além de pensarmos também sobre a exclusão digital, já que elas não podem ser vistas separadamente por existirem, cada uma em sua proporção, nos contextos específicos de cada espaço social.

Inclusão, por Abbagnano (2007), é conceituada como uma relação entre classes, cujos elementos que pertencem a uma classe estão contidos na outra, porém o inverso não ocorre. Se formos pensar em cores, as variações da cor verde pertencem ao grupo maior das cores, mas esse grupo maior de cores não pertence por completo ao grupo da cor verde. Essa relação pode ser feita com a inclusão digital e inclusão social, tendo a inclusão digital pertencente à inclusão social, mas a abrangência da última não é comportada pela primeira.

A crescente difusão das TIC tende a colaborar com os gradientes de inclusão e exclusão social de uma sociedade. Oportunidades de acesso, posse, disponibilidade para uso, objetivos desse uso, reflexão e criticidade podem estar presentes na relação sujeito e tecnologia, de acordo com a situação vivenciada, seja ela cotidiana ou esporádica.

Malacarne et al. (2013) afirmam que, por conta das diferentes ramificações envolvendo a exclusão social, embates teóricos são apresentados para melhor compreender esse conceito que, para eles, está estritamente ligado à inclusão social, por pensarmos em inclusão por existir exclusão.

Os autores compreendem que, devido ao contexto atual de avanços tecnológicos, má distribuição de renda, desigualdade social, a exclusão social é manifestada como um fenômeno comum no espaço social. E sendo a atual exclusão social um produto do capitalismo, modelo econômico em vigor, ela deve ser compreendida levando-se em consideração os aspectos econômicos, políticos, sociais, entre outros, e a realidade de cada situação (MALACARNE et al., 2013). E, para os autores, a exclusão digital é parte desse fenômeno, pois embora haja desenvolvimento e crescimento tecnológico, as condições de acesso são desiguais, além de não garantirem a inclusão.

Brandão (2010) afirma que a exclusão digital possui bases históricas e sociais, tornando as discussões e as ações para diminuir essa situação cada vez mais complexas. Ainda que a discussão de exclusão social seja complexa e cheia de ramificações e particularidades, concordamos com Malacarne et al. (2013) sobre a existência de práticas promotoras de inclusão social via inclusão digital. Com isso, Brandão (2010) acredita que os processos de inclusão digital deveriam abranger a educação para a informação, trabalhando de forma relacionada e contribuindo para uma formação cultural informacional, pois

a exclusão que vivenciamos, que ousamos chamar de “digital”, é, antes de qualquer coisa, uma exclusão histórica e, do ponto de vista tecnológico, de todo e qualquer instrumento de poder [...] Seria oportuno, então, se abordar a questão da inclusão digital como a resposta à exclusão que começa com a Educação, tão imprescindível à inserção na sociedade (BRANDÃO, 2010, p. 14).

Para Brandão (2010), a preocupação com a exclusão digital potencializa ações pela inclusão digital, para atingir todos os indivíduos no quesito de acesso, busca e produção de informação com uso das TIC. Em se tratando de inclusão digital, a mesma “deve favorecer a apropriação da tecnologia de forma consciente, que torne o indivíduo capaz de decidir quando, como e para que utiliza-la” (De LUCA, 2004, p. 9 apud BRANDÃO, 2010, p. 35).

Para Lemos e Costa (2005, p. 7), “a inclusão deve ser pensada de forma complexa para abranger os capitais social, cultural, técnico e intelectual”. Eles também afirmam que a inclusão digital não deve estar voltada apenas para a dimensão técnica, para os alunos aprenderem a usar algumas ferramentas e navegar na internet, que a inclusão possa estimular a interpretação, reflexão crítica e produção de informações, possibilitando novas experiências e compartilhando com outros usuários.

Para esses autores, existem dois modelos de inclusão, o *espontâneo*, que por vivermos numa sociedade onde, cotidianamente, utilizamos recursos eletrônicos para resolver ou facilitar algumas situações; e o *induzido*, quando os indivíduos participam de projetos voltados ao acesso às TIC, formação, sendo geridos por instituições públicas, privadas, entre outras. Sobre a inclusão digital induzida, os autores a destringem em três categorias:

Técnica – Destreza no manuseio do computador, dos principais softwares e do acesso à Internet. Estímulo do capital técnico.

Cognitiva – autonomia e independência no uso complexo das TICs. Visão crítica dos meios, estímulo dos capitais cultural, social e intelectual. Prática social transformadora e consciente. Capacidade de compreender os desafios da sociedade contemporânea.

Econômica – capacidade financeira em adquirir e manter computadores e custeio para acesso à rede e softwares básicos. Reforço dos quatro capitais (técnico, social, cultural, intelectual) (LEMOS; COSTA, 2005, p. 10).

Diante das categorias apresentadas anteriormente, percebemos a importância de a inclusão digital abranger os capitais abordados pelos autores, com o propósito de os usuários serem estimulados a usar as ferramentas de uma forma mais extensa, manipulando-os, refletindo, de maneira crítica, sobre o uso, criando outras possibilidades em prol de objetivos específicos, seja de cunho pessoal ou de uma comunidade, concordando com Warschauer (2006, p. 25), em que “a capacidade de acessar, adaptar e criar novo conhecimento por meio do uso da nova tecnologia de informação e comunicação é decisiva para a inclusão social na época atual”.

Brandão (2010) aponta dimensões para compreender as questões que envolvem a inclusão digital diante de sua complexidade. São elas:

- Dimensão técnica: referente ao espaço, equipamentos, e ferramentas que possibilitam o acesso à informação e às tecnologias. Faz-se necessária essa infraestrutura para possibilitar uma ação de inclusão digital, sendo vista em diversos projetos como base primordial da inclusão digital;
- Dimensão educacional: capacidade do sujeito de entender a informação a qual se depara, buscar nas fontes diversas como na internet, nos livros. Mais que um treinamento para fazer uma atividade, estimulando ações de reflexão, análise, crítica;
- Dimensão comunicativa: abrange todos os sujeitos pela capacidade de comunicar, presente nos diversos espaços, não só no digital. A discussão da multimídia como uma linguagem de apresentação da informação traz importantes contribuições, como a integração da mídia visual, imagética, mídia sonora e oral, mídia escrita e mídia tátil-motora. Brandão (2010) afirma

que essa dimensão tem como aliado o computador, como ferramenta de integração dessas mídias, estimulando a inclusão digital em suas variadas capacidades.

- Dimensão de competência informacional: relacionada a compreender e trabalhar a informação com autonomia, senso crítico, de forma objetiva.

Cazeloto (2008) ressalta a crescente hegemonia do computador, que antes não tinha tanta importância mas na atualidade o mesmo é visto como indispensável. Em se tratando de juventude, podemos pensar num trabalho que possibilite o uso, porém não a dependência da máquina. Compreendemos como válidas as ações que estimulem o uso das ferramentas em prol de melhorias para o indivíduo e seu contexto, mas que as mesmas não sejam impostas ou apresentadas de forma que sobreponham ações e contextos já vivenciados. Que a ação estimule a reflexão, com o sujeito sendo responsável e consciente de sua transformação, a livre escolha, e não levado a mesma, como aponta Freire (2006).

Apesar da imensa quantidade de páginas e conteúdos disponível na web, Warschauer (2006) acredita que elas não atendem de maneira satisfatória às necessidades de diferentes públicos localizados no globo, e isso implica nas questões de inclusão social dos mesmos. Com ações de produção e publicação de conteúdo local, alguns grupos desenvolvem esses trabalhos e incentivam a participação de cidadãos da comunidade nessas ações. Dentre os grupos destacados por Warschauer (2006), tem o trabalho exercido pela Sampa.org, em São Paulo, que com a participação da comunidade na coleta, produção e publicação, disponibiliza, de forma online, informações referentes à região, eventos culturais, assuntos locais e acervo musical desenvolvido pelos grupos da comunidade, compartilhando músicas. Há também o trabalho da HarlemLive, que é uma publicação de matérias online, lançada em 1996, sobre arte, cultura, notícias da comunidade, feita por jovens do Harlem, Nova York, que também são treinados para serem jornalistas, locutores, trabalho com sites. O autor considera que o estímulo à publicação serve

para os jovens desenvolverem e exibirem suas habilidades técnicas e comunicativas, enquanto tratam de questões de interesse da

comunidade e criam conteúdo original, que ajuda a lhe dar voz (WARSCHAUER, 2006, p. 131).

Ações como essas contribuem para os processos de inclusão digital e social desses cidadãos, ao fazer com que eles participem de atividades que envolvam suas habilidades, ideias, estimulados à produção de conteúdos e publicação de informações, como podem também aprender novos saberes a partir dessas atividades, (re)construindo concepções do mundo que rodeiam (GOHN, 2006), que contribuam para o crescimento de si e da comunidade.

As iniciativas em prol da inclusão digital são pautadas pelo interesse de minimizar as desigualdades referentes ao acesso às TIC por algumas parcelas da sociedade (BONILLA; OLIVEIRA, 2011).

Com relação a projetos de inclusão digital de caráter induzido, conforme conceituado por Lemos e Costa (2005), Cunha (2010) pesquisou sobre as perspectivas e concepções de inclusão social e digital de estudantes de escolas públicas que participaram de dois projetos de inclusão digital do estado de Pernambuco, o projeto CLICidadão desenvolvido pelo Espaço Ciência – Museu de Ciência, que trabalha com ensino de ciências e o uso de TIC, promovendo acesso, uso de tecnologias, estimulando o conhecimento tecnológico e científico, fazendo também relação com outros conteúdos; e o projeto Olimpíada de Jogos Escolares (OJE), promovido pela Secretaria de Educação do estado e o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (CESAR), que trabalha com o uso de softwares e jogos digitais voltados à educação, estimulando a aprendizagem e a interdisciplinaridade com estudantes do ensino fundamental e médio.

Segundo a pesquisadora, os dois projetos visavam “contribuir com a aprendizagem e formação sócio-educativa dos sujeitos participantes, cada qual com sua especificidade” (CUNHA, 2010, p. 82). Os dados apontaram que, com relação à perspectiva de inclusão digital, a dos participantes do projeto CLICidadão estavam relacionadas à aprendizagem quanto ao uso do computador e programas, novos saberes e a qualificação para o mercado de trabalho. Sobre as concepções de inclusão digital, essas estavam voltadas à tecnologia e à comunicação, e as de inclusão social, a cidadania, comunicação, construção de conhecimento. Já para os participantes da OJE, as perspectivas dos jovens participantes estavam voltadas à

curiosidade, relação com os amigos, representar a escola, aprendizagem, escolha profissional, e as concepções estavam relacionadas à tecnologia, computador, acesso à internet e à sociedade, e quando referente à inclusão social, a pesquisa evidencia que essa relação envolve diversão, possibilidades de aprendizagem e um reconhecimento, por parte da sociedade, por representar a escola e vencer a olimpíada.

Cunha (2010) afirma que ambos os projetos trabalham numa perspectiva de inclusão digital além da apropriação técnica, que o trabalho nos projetos estimula a aprendizagem dos participantes, com suas finalidades diferentes, e que “efetivam a inclusão digital, pois existe uma proposta de informatização aliada à formação dos jovens inscritos” (CUNHA, 2010, p.157), mas que apesar da relação entre empregabilidade e perspectivas de futuro dos participantes estarem presentes nos projetos, a autora ressalta que os mesmos “não superam uma visão crítica de inclusão digital numa formação emancipatória” (CUNHA, 2010, p. 158).

Já o estudo de Andrade (2013) analisou os processos de criação de narrativas audiovisuais, utilizando as tecnologias digitais, para a inclusão digital, feitos com 21 alunos do ensino fundamental de uma escola pública do Recife, participantes de oficinas de vídeo realizadas na escola pelo Programa de Extensão Proi-Digit@l.

A partir de questionários e entrevistas feitas em duas turmas, sendo a primeira turma com dezesseis alunos e a segunda com cinco, o autor identificou as concepções deles sobre inclusão digital. Antes da oficina, a maioria afirmou não saber o conceito de inclusão digital e dos alunos que apresentaram uma ideia desse conceito, surgiram sobre relações pessoais pela internet; inclusão em diversas redes sociais; direito do cidadão ao acesso às tecnologias; e sujeito incluído em alguma coisa. Andrade (2013) relacionou as duas primeiras afirmativas ao ato comunicativo entre sujeitos, a terceira ao conceito de inclusão digital mais divulgado, por conta de projetos que se dedicam a proporcionar acesso à tecnologia, e a última a uma relação ampla porém pouco explicativa da inclusão digital. O autor compreendeu que esse desconhecimento e relações superficiais da inclusão digital feita pelos alunos antes da oficina se davam “provavelmente pelo fato deste conceito não fazer parte da pauta de discussões no cotidiano destes jovens e estar mais restrito a ambientes

mais acadêmicos ou institucionais” (ANDRADE, 2013, p. 200).

Após a oficina, os alunos “começaram a relacionar inclusão digital às atividades de comunicação possibilitadas pelas redes e mídias sociais digitais no ciberespaço” (ANDRADE, 2013, p. 202), evidenciando que a experiência de participação contribuiu para eles terem um contato discursivo como também apresentarem outras visões do fenômeno, ampliando as já percebidas.

Com relação às perspectivas de inclusão digital desses jovens, antes e depois da oficina, a partir de questionários e entrevistas, Andrade (2013) evidenciou que, os motivos de participação estavam voltados à qualificação profissional, em sua maioria, seguidos de exercício à criatividade, possibilidade de criação, aprender a utilizar o computador e a internet e melhorar seu desempenho escolar. Já suas expectativas estavam voltadas ao aprendizado, tanto de maneira geral, para aprender elementos novos, seguido de aprendizado para produção audiovisual com uso de seus recursos tecnológicos, utilizar o computador, utilizar redes sociais e aprender para melhorar em situações escolares e no trabalho, no futuro.

Andrade (2013) também perguntou aos sujeitos sobre as perspectivas de uso do que eles acreditavam que aprenderiam na oficina de vídeo, e a maioria dos achados na primeira turma “direcionou suas expectativas para a empregabilidade, considerando as possibilidades de se profissionalizar a partir das atividades relacionadas na oficina” (ANDRADE, 2013, p. 212-213) e a segunda turma apresentou considerações voltadas à produção audiovisual. Sobre a motivação dos alunos, o autor compreende que, sendo ela relacionada à expressão criativa e qualificação profissional, “estas funcionam como pontos de partida que conduziram as ações que desejariam empreender para se direcionarem às aprendizagens diversas que podem ser consideradas alvos” (ANDRADE, 2013, p. 215).

E com relação às perspectivas após a realização da oficina de vídeo, Andrade (2013) evidenciou, na primeira turma, novas atividades com o computador, para atos de criação, pesquisas escolares e jogos. Na segunda turma, também foram percebidas as perspectivas para novas atividades com o computador para atos de criação. Houve colocações referentes a atividades em outros cursos, essas pela primeira turma visavam empregabilidade, aprendizagem técnica e criação utilizando a tecnologia. Na segunda turma, foram evidenciadas as duas últimas

atividades citadas anteriormente, compreendido por Andrade (2013) como a vontade de alguns alunos em continuar expressando sua criatividade, ideias e sentimentos com a tecnologia, e para outros de aprender elementos que possam ser utilizados num emprego no futuro. O autor compreende que, a partir das perspectivas antes e depois da oficina encontradas vê-se, pelos participantes, a possibilidade do ato de criação contribuir para sua inclusão digital, ao destacarem a aprendizagem de recursos técnicos do computador e empregabilidade futura.

Tendo em vista os resultados apresentados anteriormente, com iniciativas de trabalho com as TIC, estímulo ao uso e aprendizagem para a efetivação da inclusão digital, cabe a nós refletir sobre o papel da educação para a inclusão social, utilizando as TIC disponíveis no contexto. Gohn (2006) relembra a importância da educação como “promotora de mecanismos de inclusão social” (2006, p. 36), tendo em vista as ações que podem ser trabalhadas dentro de uma proposta educacional, seja ela formal, não-formal e informal. Como discutimos nesse trabalho sobre educação extensionista, com elementos integrados da educação formal e não-formal, configurada num espaço de oficina, com jovens de periferia, utilizando a ferramenta blog, podemos perceber as possibilidades de trabalho relacionando esses elementos.

Nessa discussão de educação e informação, ressaltamos a importância da ação do outro para tomada de consciência do sujeito. Em se tratando de se entender enquanto sujeito do mundo e que pode modificar uma situação desfavorável, é necessário que essa ação tenha um significado, para que a mudança seja plena, tanto do sujeito quanto do ambiente em questão.

Moran (2003) diz que

De tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista (MORAN, 2003, p.22).

Dentro de uma ação educativa podemos trabalhar variadas temáticas, desde que elas tenham objetivos bem definidos, em prol de uma aprendizagem significativa. Podemos trazer uma visão diferente de um determinado contexto,

estimular a reflexão de uma visão de mundo vivido pela turma, questionando eles sobre a organização dessa visão e dessa vivência, incentivando-os a pensarem formas de melhorar o contexto vivido. Discussões sobre inclusão e exclusão digital estimulam o sujeito a refletir sobre o seu contexto vivido, até que ponto é incluído e em qual(is) outros pontos não é, em como isso pode interferir no seu modo de vida, nas ações cotidianas, no uso que faz dos artefatos digitais presentes e acessíveis à sua realidade. As colocações do outro, seja ele professor, colega ou ambos, o(s) mediador(es) em questão, podem influenciar na reflexão do indivíduo e contribuir para a apreensão de novas visões, novas perspectivas.

Moran (2003) também destaca que

Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal – intelectual e emocional – não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente (MORAN, 2003, p.30).

Faz-se necessária a reciprocidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo, seja ele no ensino formal ou no não-formal, como é o caso da oficina de blog do Proi-Digit@I, para que as discussões sejam significativas e atendam à proposta desse programa de inclusão digital, “no sentido de que as pessoas não devem apenas ter acesso a recursos digitais, mas precisam compreender, interpretar e produzir a partir das diversas linguagens digitais ” (PADILHA et al., 2012, p. 53).

Para Padilha e colaboradores (2012), a inclusão digital é imprescindível na formação do cidadão atualmente. E esse processo nos remete a pensar que uma ação social inclusiva trabalhe com a transformação de informação e conhecimento, como apontam Sorj e Guedes (2005) ao afirmarem que

O valor efetivo da informação depende da capacidade dos usuários de interpretá-la. Informação só existe na forma de conhecimento, e conhecimento depende de um longo processo de socialização e de práticas que criam a capacidade analítica que transforma *bits* em conhecimento (SORJ; GUEDES, 2005, p. 115-116, grifo no original).

Acreditando que a mediação pode contribuir para produção de conteúdos digitais, estimulando além de um espaço de criação a reflexão sobre a concepção de

inclusão digital, os mediadores, sejam eles o professor e/ou o aluno, podem a partir de suas experiências e visões de mundo, estimular(rem) o colega, também participante dessa ação, a refletir sobre o seu contexto e sua inserção nele e que podem utilizar as tecnologias digitais de acordo com seu interesse, de uma forma significativa para si e para sua comunidade. Até porque

promover uma iniciação dos sujeitos no uso das tecnologias não deixa de ser uma ação social válida. No entanto, o que se discute é o quanto tais abordagens contribuem para que os sujeitos se articulem ativamente nessas novas dinâmicas sociais, através das tecnologias, para gerar as transformações necessárias às suas demandas sociais, econômicas, culturais e políticas (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p. 32).

Pensando nisso os sujeitos poderão colaborar, entre si e para si, nos processos de mediação em prol de aprendizagens e mudanças.

No quesito de colaboração entre as reflexões e os estudos realizados, apresentamos a seguir os caminhos metodológicos utilizados para essa pesquisa, expressando a identidade desenvolvida para atingir os objetivos propostos e discussões teóricas realizadas nas seções anteriores.

4 IDENTIDADE METODOLÓGICA: EXPRESSÃO DE UM PROCESSO DE PESQUISA

4.1 A pesquisa qualitativa

A busca por respostas às indagações sobre fatos contextuais fazem parte do exercício de ser humano. Para Minayo (2008), os discursos filosóficos e religiosos, a arte e a poesia, cada qual ao seu modo, contribuem com explicações e interpretações, envolvendo o homem e sua coletividade, e a ciência configura-se como uma maneira de manifestar essa ação, que é contínua, tendo em vista as variadas formas de busca, interpretação e realidades.

Em se tratando de ciências sociais, para a autora, é válido ressaltar que o objeto de estudo dessa ciência organiza-se de acordo com a época vivenciada. Alguns de seus costumes e características apresentam determinados traços que são semelhantes a outros grupos participantes da mesma era, por mais que as realidades sejam distintas. Por conta disso, há uma consciência histórica no objeto de estudo, pela atribuição de significado ao trabalho feito pelo homem, ação racional e projeções de futuro, característica essa concedida a qualquer sujeito, não somente ao pesquisador (MINAYO, 2008).

Outro ponto em destaque na discussão de Minayo (2008) é que uma relação de comprometimento entre indivíduo e objeto de estudo se estabelece devido a características próximas de identidade, por se tratarem de seres humanos, tendo na investigação social uma relação firmada entre eles, campo de estudo e investigador, na busca de respostas, sendo uma abordagem qualitativa, por conta da complexidade e riqueza de sua realidade e de seus indivíduos porque “trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2008, p. 21).

Diante dessas questões compreendemos que esse trabalho se enquadra nos pressupostos de pesquisa em ciências sociais, por tratamos de uma parcela da realidade experienciada por alunos e professores em uma oficina de blog de um programa de extensão, e optamos por uma abordagem qualitativa, por objetivar analisar qual a contribuição da mediação pedagógica ocorrida na oficina na

produção de blogs para a concepção e perspectivas de inclusão digital, compreendendo a riqueza do momento para os envolvidos no processo, dando relevância aos elementos e expressões dos sujeitos envolvidos numa situação educativa de caráter único.

4.2 O campo de pesquisa

O campo de pesquisa foi uma oficina de blog desenvolvida pelo Programa de Extensão Proi-Digit@I para jovens estudantes de Ensino Médio de uma escola da rede pública em Recife. Essa escola funciona, no Ensino Médio com o modelo semi-integral, que consiste em aulas no turno e atividades em alguns dias no contraturno dos alunos; essas podem ser organizadas pela escola como também por agentes educacionais externos.

A relação entre ferramentas digitais e a escola tinha elementos divergentes. Apesar da visão do celular como um equipamento dispersivo na aprendizagem nas aulas, devido à orientação no mural de avisos da escola, os agentes da escola acharam interessante a proposta de trabalhar com tecnologias com seus alunos, e que o laboratório de informática tinha passado por uma reforma, colocando balcões de mármore, para serem trabalhados com as turmas. No mural da sala da coordenação havia uma frase de Bill Gates, refletindo sobre as TIC e os negócios, que estavam se tornando um só elemento, possivelmente devido ao uso de tecnologias na demanda de mercado. Esses elementos observados remetem a uma visão que é possível mudar concepções referentes ao uso de tecnologia, conhecer novas possibilidades e ideias. A escola em questão possuía abertura ao uso, como também à proibição do mesmo, mas essa proibição pode ser repensada quando a ferramenta digital for considerada como um elemento potencializador de aprendizagem, relacionado ao planejamento dos professores e propósito de uso.

Com dois encontros para realização da oficina e uma carga horária total de 08 (oito) horas, no mês de maio de 2013, os alunos da escola e os professores do Proi-Digit@I encontraram-se no laboratório de informática da escola, no turno da tarde, para aprender sobre blog, seus conceitos, características e temáticas acerca do mundo digital. O horário da oficina foi acordado de modo a não coincidir com aulas e

atividades nas quais os alunos estejam inscritos. Os estudantes participantes dessa oficina estudavam no turno diferente daquele quando foi realizada a atividade extensionista.

A divulgação da oficina foi realizada pelos próprios professores do Programa de Extensão na sala de aula dos alunos, por dois dias. Nesse momento foi apresentado o Proi-Digit@I, as oficinas de vídeo e blog, ofertadas naquele período, seus objetivos e as atividades feitas na oficina, possíveis dúvidas, datas e horários da realização das oficinas. Na divulgação foram informadas as temáticas que seriam discutidas na oficina, além da construção do blog e importância dele para a expressividade no mundo digital. Os interessados procuraram a coordenação da escola para fazer a inscrição, preenchida por ordem de chegada. Quinze foi o total de vagas para a oficina de blog, pois estava de acordo com a quantidade de equipamentos disponíveis para realização da mesma. Foram utilizados quatro notebooks e um netbook do Programa de Extensão

Na inscrição tivemos ao todo vinte inscritos, sendo cinco deles na fila de espera. No primeiro dia participaram onze alunos, e no segundo dia, seis compareceram. Dos cinco alunos que faltaram, um precisou ir ao trabalho e quatro acreditaram que a oficina tinha duração de um dia, apesar da divulgação nas salas informar o período da oficina e os comunicados das professoras no primeiro dia de encontro.

4.3 Os sujeitos da pesquisa

Estamos denominando os sujeitos da pesquisa os 11 alunos da escola, participantes da oficina, e as cinco (5) professoras do Proi-Digit@I que ministraram essa oficina.

4.3.1 Professores do Proi-Digit@I

As cinco professoras que mediarão a oficina de blog têm entre 21 a 30 anos de idade e são do sexo feminino. Identificamo-las na discussão com a letra P, de professor, seguido por um número, para distinção das educadoras. Foi necessária a

diferenciação das mesmas no processo da oficina, pois cada uma possui identidade e experiências próprias que acreditamos influenciar na mediação do ato educativo.

No período de realização da oficina, a maioria das professoras eram estudantes da UFPE e participavam do Proi-Digit@I há, pelo menos, um ano. P1, P2, P3 e P4 eram do curso de Pedagogia, sendo P2 e P4 em processo de conclusão de curso e P3 já concluinte, cursando disciplinas para extensão do seu currículo. P5 é formada em Administração, em outra universidade, e era pós-graduanda em Administração na Universidade de Pernambuco (UPE).

Com relação à ferramenta digital trabalhada, as professoras possuíam blogs, e sua maioria criou as páginas estimuladas pelo trabalho delas no Proi-Digit@I, diferente de P5, que já possuía blog mesmo antes da entrada no Programa de Extensão.

Todas participavam das atividades do Programa de extensão, como estudos sobre as temáticas de mídias digitais, inclusão digital, produção de artigos científicos, participação em eventos acadêmicos, além da realização de oficinas em escolas e congressos científicos. Com exceção de P5, as demais professoras trabalham na oficina de blog desde suas entradas no Programa, construindo o planejamento, fazendo reuniões de grupo e estudando a ferramenta digital trabalhada. Já P5 fazia parte de outra oficina do Proi-Digit@I, a de vídeo, e foi convidada para participar dessa oficina, devido à sua experiência de trabalho com blogs, principalmente na edição das páginas, e por já ter acompanhado momentos anteriores com o grupo, oficina, reunião, discussão temática, além de conhecer o planejamento da oficina de blog e realizar uma análise desse material.

Nos momentos vivenciados na oficina campo de pesquisa, as professoras do Programa organizaram-se para cada uma, ou duas, ficarem responsáveis em trabalhar cada momento da oficina. Essa organização já fazia parte do planejamento do grupo, tendo professoras mais envolvidas com um momento, para discussão teórica, relação com os recursos didáticos utilizados, como vídeos, slides, com a turma. Porém, essa organização não impedia as demais de se colocarem na discussão, dando contribuições e tirando dúvidas junto à docente responsável pelo momento específico.

Nas atividades dos alunos nos blogs, as professoras mostravam-se presentes

em algumas circunstâncias, para orientar, questionar algumas ações, tirar dúvidas, e em outras, os alunos discutiam entre eles, buscando trabalhar a atividade.

No tempo disponibilizado para os trabalhos nos blogs, as professoras se organizavam para acompanhar os alunos, tirar dúvidas quando solicitadas. Na dupla acompanhada, uma professora ficava em silêncio para não interferir no processo e esclarecer questões quando a dupla perguntava, registrando com a câmera o processo. Essa situação foi escolhida para evitar que os alunos perguntassem à pesquisadora sobre as atividades feitas com o blog, para que eles não a confundissem com as professoras responsáveis pela oficina. Com a professora mais próxima à dupla, esses poderiam tirar suas dúvidas de maneira livre e a pesquisadora, sem tanta proximidade, poderia observar e fazer anotações do processo sem risco de interferência na mediação dos sujeitos.

4.3.2 Alunos participantes da oficina de blog

A oficina de blog contou com a participação de onze estudantes no primeiro dia, e seis no segundo. Desse grupo de alunos, quatro eram do sexo masculino e sete eram do sexo feminino, com faixa etária de 14 a 18 anos de idade. Identificamos os alunos no trabalho com a letra E, de estudante, seguido de um número diferente para cada um. E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7 eram estudantes do 1º ano, de turmas diversas; E8, E9 e E10 eram do 2º ano, também de turmas diferentes e E11 era aluno do 3º ano.

Durante a inscrição da oficina tivemos contato com alguns participantes, que contaram suas motivações para participar da oficina. Uns já tinham blogs, um blog individual e queriam aprender a mexer mais nele e outro colega tinha um em parceria, querendo criar um para ele; e um outro não tinha blog e gostaria de ter uma página para falar de moda, colocar fotos, pois era modelo.

A dupla acompanhada foi a formada por E8 e E9, por conta das experiências diferentes dos alunos com o blog, pois E8 não sabia direito o que era um blog e gostaria de aprender sobre a ferramenta e suas funcionalidades e E9 já possuía um e queria obter mais informações de uso do blog, fazer publicações e divulgar a página na web. Faz-se importante destacar as informações e experiências dos

estudantes antes da oficina para melhor observarmos as possibilidades de aprendizagem e apropriação dos sujeitos na experiência a ser vivenciada.

O aluno E8 demonstrava uma personalidade calma, ouvinte, com pouca interação nas discussões com o grande grupo, falava quando solicitado. Sua dupla, E9, embora parecesse com o colega, também calmo e ouvinte, interagiu mais com a turma, fazia perguntas às professoras durante o processo de trabalho com o blog, conversava com o colega sobre as atividades que estavam sendo feitas. Ele estimulava o colega a falar, por vezes falava o nome dele para chamar atenção das professoras, para que elas solicitassem E8 a se expressar para a turma. No trabalho em dupla, E8 acompanhava o que o colega fazia, que já tinha blog antes da oficina, e esse narrava o que estava fazendo e o que iria fazer, pedia opinião, e comentava sobre o que conhecia da temática do blog deles. Quando estava com o notebook, E8 pesquisava e postava no blog sobre a temática do blog, colocando em prática algumas das ações feitas por E9 anteriormente e outras ações estimuladas na oficina, como adicionar figuras, textos, alteração de plano de fundo, discutida na seção adiante, de análise dos dados.

4.4 Os Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta utilizados foram:

- 1- Questionário (Apêndice A);
- 2- Atividade inicial para percepção de mundo digital dos alunos (Apêndice B).
Esse momento não fazia parte do planejamento da oficina;
- 3- Observação de momentos da oficina (Apêndice C e D), previstos no seu planejamento e
- 4- Entrevista em grupo no término da mesma (Apêndice E).

O questionário foi utilizado para obter informações sobre acesso e uso da internet, assim como as expectativas dos alunos com relação à oficina, de modo a conhecer os perfis de nossos jovens mediadores e suas possibilidades de inserção na ação educativa na oficina. Um questionário objetiva, segundo Gil (2011, p. 121),

“obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas [...]”. Esse questionário (Apêndice A) contribuiu para coletarmos o perfil dos jovens participantes da oficina com relação a acesso e atividades na internet, assim como interesse em participar da oficina de blog, perspectivas de inclusão digital. Assim como Cunha (2010), consideramos por perspectiva “[...] o que os jovens esperam do projeto para a sua vida e sua inclusão digital” (CUNHA, 2010, p. 91).

A atividade inicial e a observação da oficina foram registradas por uma câmera filmadora, seguindo o roteiro de filmagem (Apêndice C) e algumas anotações da pesquisadora, no diário de campo, tendo em vista as discussões e os atos mediadores ocorridos na oficina, pelos professores e estudantes. Na observação houve registros, escritos no diário de campo e filmados pela câmera, da turma nas discussões gerais e o acompanhamento de uma dupla, no manuseio do blog criado, para ter um olhar mais específico da mediação ocorrida. Para facilitar a observação e aprofundar a análise, concentraremos a observação em um grupo. Observar, segundo Triviños (1987), é selecionar dentro de um conjunto ou contexto um ponto específico, dando uma atenção mais apropriada a essa escolha. Conforme o mesmo autor,

Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. (TRIVIÑOS, 1987, p.153, grifo no original).

Por se tratar de um contexto de oficina, inserida num ambiente escolar e trabalhada num determinado período de tempo, foram escolhidos pontos específicos do conjunto da oficina para serem observados com mais atenção, de acordo com os objetivos da pesquisa. Esses momentos foram:

- 1- Reflexões sobre inclusão digital – dentro da discussão sobre inclusão digital promovida pelas professoras do Programa de Extensão, foi observado como a temática foi problematizada, quais as concepções dos jovens sobre o fenômeno, se houve mudanças em relação às respostas dadas durante a

discussão e se a mediação influenciou ou não para alguma mudança dessas impressões. Compreendemos por concepção “o conceito que os jovens dão a questão da Inclusão Digital mais especificamente” (CUNHA, 2010, p. 91);

- 2- Discussões sobre blog: conceito, características, uso, pesquisa de blogs – foi observado o que foi discutido sobre blog, como os jovens viam a ferramenta, a mediação dos jovens durante a pesquisa de blogs, o que os mesmos pesquisaram e apresentaram à turma como exemplos de blogs e suas características, discussão junto com os mediadores do programa após essa apresentação;
- 3- Criação do blog: escolha do tema, organização da página, primeira postagem – observamos como ocorreu o processo de construção do blog pelos jovens, a mediação das professoras do programa e dos jovens entre si, no trabalho com o blog;
- 4- Visualização dos blogs: troca de links pela turma, visitação dos blogs produzidos, comentários, e divulgação na rede – nesse momento foi observado quais blogs foram vistos pelos colegas, quais foram comentados e o que foi comentado, se houve mudanças no blog após os comentários dos colegas ou não.

Ressaltamos que os quatro primeiros momentos foram registrados com auxílio de uma câmera filmadora e de anotações da pesquisadora.

O último instrumento de coleta, a entrevista semiestruturada em grupo, ocorreu no momento da avaliação da oficina e foi realizada com os estudantes. Por entrevista semi-estruturada, entendemos como um instrumento de coleta

que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo   medida que se recebem as respostas do informante (TRIVI OS, 1987, p. 146).

Seguindo essa premissa, organizamos a entrevista semiestruturada em grupo com os alunos (APÊNDICE E), com perguntas que auxiliaram a identificar se houve mudanças nas concepções e perspectivas de inclusão digital após a oficina, e se

houve influência dessas visões por parte da mediação ocorrida e a contribuição nas produções digitais com blogs feitas pelos alunos. Essa entrevista foi realizada em grupo no intuito de os alunos se expressarem seguindo o ritmo da oficina, com perguntas relacionadas ao que foi vivenciado, complementando ou discordando da resposta do colega, no exercício de fala e escuta.

4.5 Procedimentos de análise: a análise de conteúdo

Utilizamos a análise de conteúdo, conceituada como “um *conjunto de técnicas de análise das comunicações*” (BARDIN, 2004, p. 27, grifo no original), para analisar os dados dessa pesquisa.

Para determinar as Unidades de Análise, Franco (2008) defende a importância de definir os objetivos da pesquisa, o referencial teórico, assim como os instrumentos de coleta dos dados, no qual foi apresentado anteriormente ressaltando que os mesmos podem ser redefinidos e melhor estruturados em prol do desenvolvimento da pesquisa. As Unidades de Análise, são divididas pelo autor em Unidades de Registro e Unidades de Contexto. A Unidade de Registro é tida como “a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (FRANCO, 2008, p. 41).

A partir dos objetivos da pesquisa e das temáticas discutidas nesse trabalho, a unidade de contexto escolhida foi a observação de momentos da oficina. A Unidade de Contexto, que “deve ser considerada e tratada como a unidade básica para a compreensão da unidade de registro” (FRANCO, 2008, p. 47) fez-se necessária a pesquisa para melhor compreendermos as mensagens ditas por nossos sujeitos com relação aos temas escolhidos, a partir de suas mensagens verbais, escrito ou falado, ou não-verbais, gestos, expressões, lembrando que

qualquer que seja a forma de explicitação, fique claro o contexto a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) que permitam identificar o contexto específico de vivência, no bojo do qual foram construídas, inicialmente, e, com certeza, passíveis de transformações e reconstruções (FRANCO, 2008, p.49).

É importante ressaltar o contexto considerado por ser uma pesquisa qualitativa e também por se tratar de um ato educativo, cujos sujeitos, carregados de experiências prévias, presentes na oficina escolhida a partir de suas expectativas e interesses, foram estimulados, intencionalmente ou não, por outros sujeitos também envolvidos no processo.

Na fase de Pré-Análise, houve leituras prévias à coleta de dados, que auxiliaram na construção do referencial teórico apresentado, assim como na metodologia, seu percurso e escolha dos instrumentos de coleta, e na própria apreensão do pesquisador quanto ao seu objeto de estudo. Dentre as categorias de análise, elencamos as categorias a priori, definidas a partir do referencial teórico desenvolvido até o momento. Essas são:

- Perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes da oficina de blog do Proi-Digit@I: para percepção das perspectivas dos estudantes diante da experiência de oficina a ser vivenciada;
- Concepção de inclusão digital dos jovens: para investigação de concepções de inclusão digital dos participantes para análise das relações de mediações ocorridas; e
- Produção digital: para investigação da influência da mediação pedagógica nas produções com blogs feitas pelos estudantes.

Essas categorias auxiliaram na primeira leitura dos dados coletados, como também na organização das categorias de análise e sua classificação. E essa organização auxiliou na descrição dos dados. Para Bardin (2004), a categorização organiza as unidades de registro, conforme suas similaridades, podendo ser por tema, sentido das palavras, expressão. Ao classificar são investigados os pontos em comum dos elementos para agrupá-los, atividade essa fundamental em pesquisas científicas. Feitos esses procedimentos, passamos ao processo de análise dos resultados, destrinchados a seguir, na próxima seção.

5 DIALOGANDO COM OS RESULTADOS: UMA ANÁLISE DE EXPRESSÕES

5.1 A oficina de blog na escola

As etapas da oficina foram pensadas para se discutirem temáticas envolvidas na blogosfera, com abrangências para a web, já que essa ferramenta digital está atrelada ao ciberespaço, ressaltando que essas temáticas são condizentes com a própria proposta do Programa de Extensão, estimulando a leitura crítica, reflexão e produção de conteúdos digitais. Na coleta de dados, as atividades observadas fazem parte do planejamento da oficina, criado pelas professoras do Proi-Digit@I, e o questionário, a conversa sobre mundo digital e a entrevista em grupo foram instrumentos formulados para desenvolver a pesquisa e somar à observação realizada.

No primeiro dia de oficina, os momentos vivenciados foram: aplicação do questionário da pesquisa; discussão sobre mundo digital, feito com a pesquisadora; discussão sobre inclusão digital; blog e suas características; ética e autoria da rede; criação do blog e apresentação dos blogs. No segundo dia: edição dos blogs; apresentação dos mesmos; postagens e edição; compartilhar os links; visita aos blogs e avaliação da oficina. Esse último foi feito com a turma pela pesquisadora, em formato de entrevista em grupo.

Dos quinze inscritos, onze participaram do primeiro dia de oficina, sendo que E11 precisou sair mais cedo para ir ao trabalho. O segundo dia contou com a presença de E5, E6, E7, E8, E9 e E11, ao todo seis alunos.

5.1.1 Primeiro dia de oficina

Durante a organização do laboratório de informática, foi aplicado o questionário com os alunos. Percebeu-se que seria necessário esperar o ligamento das máquinas, estabilização da internet, organização da turma para depois aplicar o questionário. Com isso, optou-se pelo questionário impresso para otimizar o tempo da oficina e andamento da pesquisa.

Para a oficina, as professoras trabalharam com o planejamento da mesma, com alguns ajustes para o andamento da pesquisa. O momento inicial foi modificado para a discussão sobre mundo digital, utilizando um vídeo disponível no Youtube, no qual é apresentado Rafinha, um rapaz vivente da geração C, que segundo o vídeo é a geração do conhecimento, conteúdo, no mundo digital, com seu estilo e suas atividades⁵. Essa atividade foi trabalhada com os alunos pela pesquisadora, por meio da exibição do vídeo e perguntas sobre o mesmo, para identificar percepções de mundo digital que a turma tinha. Após esse momento, as professoras do Programa de Extensão iniciaram seus trabalhos da oficina.

Na discussão de inclusão digital, as professoras fizeram perguntas a turma, sobre o que seria inclusão digital, se já ouviram falar sobre, se eles se consideravam incluídos digitalmente. Uma imagem de crianças visualizando um monitor de computador foi mostrada ao grupo, seguida da pergunta de como esta imagem podia estar relacionada com as palavras cidadania, direito de todos, tecnologia, aprendizagem, inclusão digital. As palavras eram ditas uma a uma, e a turma fazia suas considerações. Tanto essa discussão como as outras ocorridas estimulavam os alunos a se expressarem. Alguns interagiam mais que outros, os que tinham pouca interação eram estimulados pelos colegas e algumas professoras a participar, de modo a saber suas considerações, tanto nas discussões gerais quanto nas perguntas diretivas, como também para dinamizar a proposta da oficina.

Na conceituação de blog e suas características, as professoras utilizaram slides e um vídeo, que contava a história de três profissionais que optaram pelo blog em seus trabalhos, apresentando o que seria o blog e seus elementos. Após a exibição os alunos falaram o que acharam do vídeo, comentaram sobre o que seria o blog e suas partes componentes. Os que tinham blogs e visitavam outros falaram sobre as temáticas da página e dos blogs que possuíam.

Na sequência, a turma dialogou sobre direitos autorais e ética em rede com as professoras, e estas estimularam a discussão a partir de slides e fatos ocorridos. Foi discutida a importância da autoria, a atenção ao compartilhar e divulgar informações, tendo conhecimento e confiabilidade na fonte inicial. O grupo dialogou sobre as produções deles, os que já tinham e os que iriam fazer na oficina, para

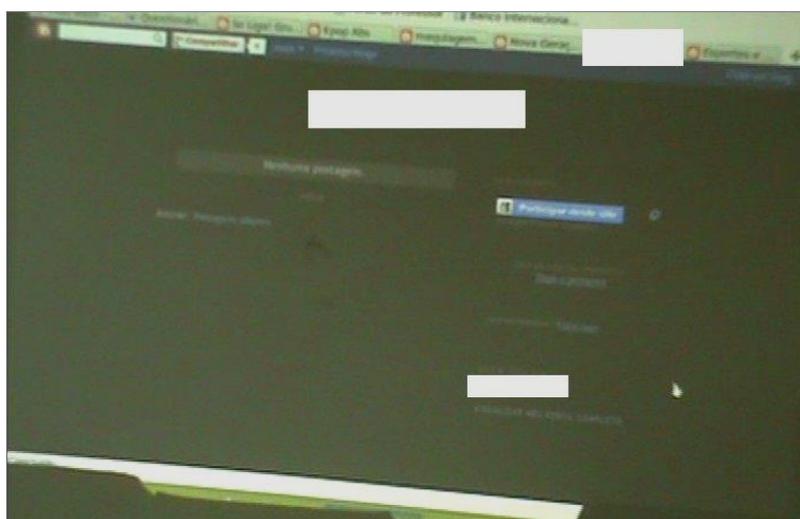
⁵ Vídeo disponível no Youtube em: <http://www.youtube.com/watch?v=b63NgeGeQHQ>

refletirem sobre essas questões nas atividades feitas na web, como também fora dela.

Para construção dos blogs, os alunos foram divididos em duplas. A maioria já tinha o colega que iria trabalhar, tendo só uma dupla criada no momento, por serem de turmas diferentes. Um aluno precisou sair mais cedo pois tinha que ir trabalhar. As duplas acordaram sobre os temas dos blogs e os criaram pela plataforma Blogger, utilizando emails individuais, ou seja, cada aluno tinha o email a ser utilizado no blog, sem precisar criar um email específico para manipular o blog. Nesse dia, cinco blogs foram criados pela turma:

- a) Blog A: chamado de “Bocas caladas, mentes barulhentas”, essa página criada pela dupla E1 e E3 discutiria sobre assuntos de interesse da dupla, reclamações, trazendo reflexões sobre garotas caladas, mas com mentes ativas que gostariam de se expressar. A dupla também tinha o propósito de escrever textos para ajudarem as pessoas que sentem dificuldades em expressar seus pensamentos e sentimentos a falarem sobre essas questões. Podemos visualizar o Blog A na imagem⁶ a seguir:

Figura 2: Imagem do Blog A no primeiro dia de oficina

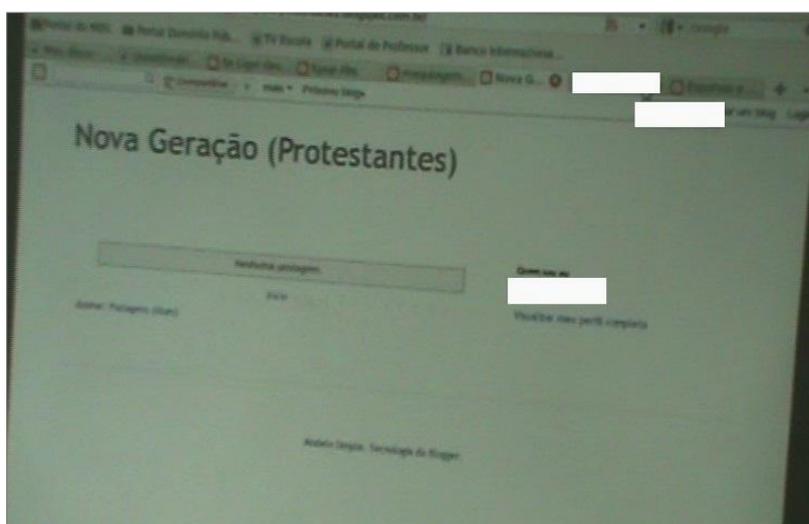


Fonte: registro videográfico, 2013.

⁶ As imagens dos blogs desse subtópico foram retiradas do registro videográfico feito no primeiro dia de oficina (ver Apêndice C). Os retângulos em escalas de branco e cinza que aparecem em algumas imagens de blogs dessa pesquisa são utilizados para proteger dados pessoais dos participantes.

- b) Blog B: feito por E2 e E4, o blog “Nova Geração Protestantes” teria o formato de um diário, com postagens de textos, versículos, vídeos de cantores da área gospel. A ideia surgiu porque os alunos compartilhavam da mesma crença religiosa e gostariam de divulgar a palavra de Deus para as pessoas. A seguir vemos a imagem do Blog B:

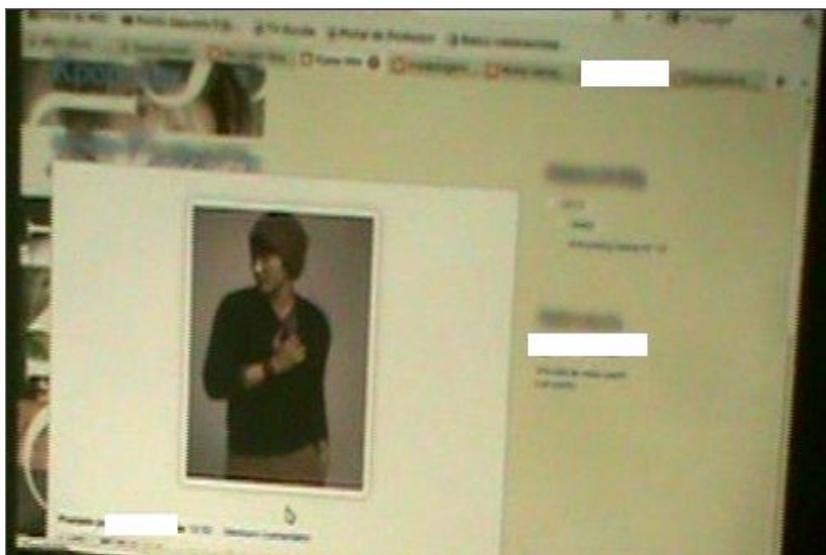
Figura 3: Imagem do Blog B no primeiro dia de oficina



Fonte: registro videográfico, 2013.

- c) Blog C: inicialmente a dupla E5 e E7 teve dificuldade em pensar um tema em comum, por terem gostos diferentes. A ideia do blog “Kpop Abs” surgiu quando a dupla estava vendo um vídeo que gostava. O blog tinha como foco principal falar sobre abdômens sarados de coreanos, trazendo imagens e outros recursos disponíveis na internet. Vejamos o blog C na Figura 4:

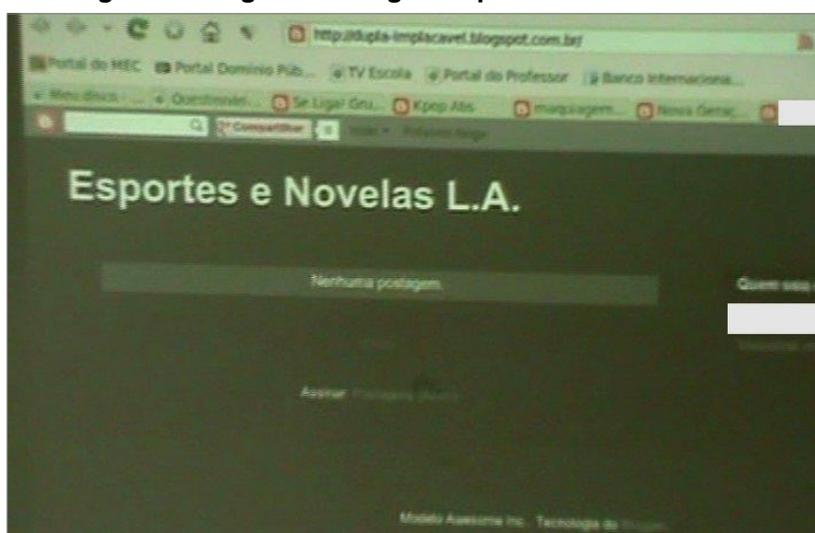
Figura 4: Imagem do Blog C no primeiro dia de oficina



Fonte: registro videográfico, 2013.

- d) Blog D: “Esportes e Novelas LA” surgiu porque E8 gostava de novelas e E9 de esportes e eles queriam juntar as duas temáticas, vistas como distintas, num único espaço, trazendo informações de sites de esportes e novelas, com o intuito de atingir diferentes públicos. O blog D pode ser visto, em seu formato inicial, na Figura 5:

Figura 5: Imagem do Blog D no primeiro dia de oficina

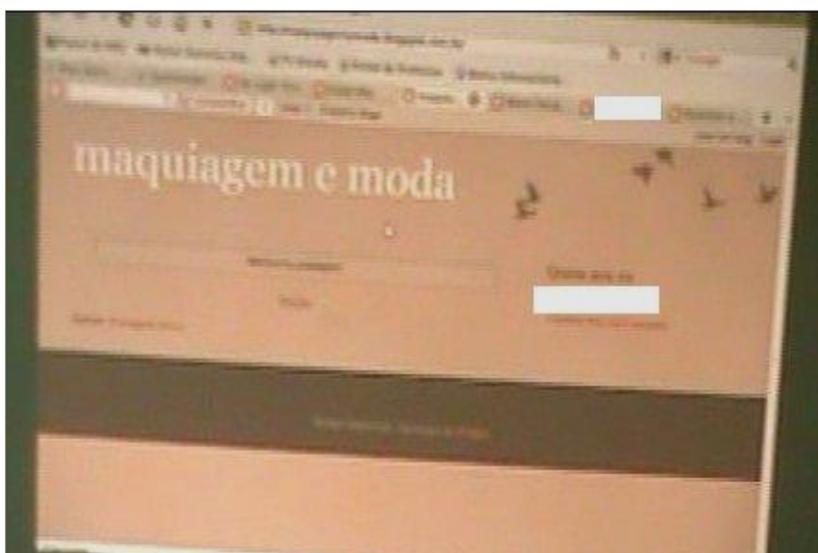


Fonte: registro videográfico, 2013⁷.

⁷ As imagens do Blog D durante a oficina foram extraídas do registro videográfico feito de alguns momentos da oficina, e nos auxiliam a perceber como a produção digital da dupla E8 e E9 estava

e) Blog E: por E10 gostar de maquiagem e E6 de moda, o blog “Maquiagem e moda” trataria sobre tipos de maquiagem, maquiagens para o cotidiano, ocasiões especiais, como festas e casamentos, roupas de diferentes tendências para os diversos tipos de público, ajudando as pessoas a fazerem suas escolhas. Para E6, o seu blog poderia ser considerado um blog educativo. Na Figura 6 vemos uma imagem do Blog E.

Figura 6: Imagem do Blog E no primeiro dia de oficina



Fonte: registro videográfico, 2013.

O primeiro dia finalizou com a apresentação dos blogs recém criados. A seguir é possível visualizar o resumo das informações dos blogs e responsáveis no Quadro 3, abaixo:

Quadro 3: Blogs criados no primeiro dia de oficina

Simbologia do Blog	Título do Blog	Estudante(s) responsável(eis)
Blog A	Bocas caladas, mentes barulhentas	E1 e E3
Blog B	Nova Geração Protestantes	E2 e E4
Blog C	Kpop Abs	E5 e E7
Blog D	Esportes e Novelas LA	E8 e E9
Blog E	Maquiagem e moda	E6 e E10

Fonte: dados da pesquisa, 2013.

O dia seguinte foi dedicado às postagens, edição de página, visitação dos blogs dos colegas, com discussão visando melhorias nas páginas, apresentação final dos blogs e avaliação da oficina, com entrevista em grupo com os alunos.

5.1.2 Segundo dia de oficina

No segundo dia, participaram E5, E6, E7, E8, E9 e E11. Pela manhã, E10 informou à pesquisadora e à P4 que não poderia ficar pra oficina, pois precisava ir ao trabalho. Os alunos E1, E2, E3 e E4 não foram, pois acharam que a oficina era só de um dia, apesar dos informes na divulgação e das professoras no primeiro encontro.

Como E11 havia saído mais cedo no dia anterior, E10 não pode ir para a oficina e E6 preferiu criar um blog individual, dois blogs foram criados no segundo dia de oficina, o Blog F, o “Avenged Sevenfold” de E11, que trazia informações sobre uma banda de heavy metal, seus álbuns, e o Blog G, o “Doce Garota” de E6, com características de um diário, abordando temas de seu interesse.

O segundo encontro foi dedicado ao trabalho nos blogs, discussão sobre as ferramentas de um blog, edição de página, novas postagens. Houve um momento para visualização dos blogs, troca de ideias para melhoria e continuidade do produto digital criado, divulgação dos blogs nas redes sociais, para quem quisesse, e avaliação da oficina com a pesquisadora. As professoras criaram um grupo no Facebook para os alunos publicarem os endereços dos blogs, como exercício de divulgação, e também para manterem contato com a turma para acompanhar os

blogs, tirar dúvidas após a oficina e, se eles criassem blogs com outras temáticas, poderiam compartilhar no grupo para elas e os colegas visitarem.

Antes das atividades do segundo dia foi feito um resumo sobre o dia anterior, com P1 e P4 dialogando com os alunos sobre inclusão digital, autoria, lembrando alguns pontos discutidos. Em seguida, os alunos dedicaram-se a fazer postagens em seus blogs. Como alguns alunos faltaram, houve criação de mais dois blogs e E6 preferiu dedicar-se também ao seu blog novo, um resumo de informações dos blogs manipulados no segundo dia pode ser visualizado no Quadro 4⁸:

Quadro 4: Blogs manipulados no segundo dia de oficina

Simbologia do Blog	Título do Blog	Estudante(s) responsável(eis)
Blog C	Kpop Abs	E5 e E7
Blog D	Esportes e Novelas LA	E8 e E9
Blog E	Maquiagem e moda	E6 e E10
Blog F	Avenged Sevenfold	E11
Blog G	Doce Garota	E6

Fonte: dados da pesquisa, 2013.

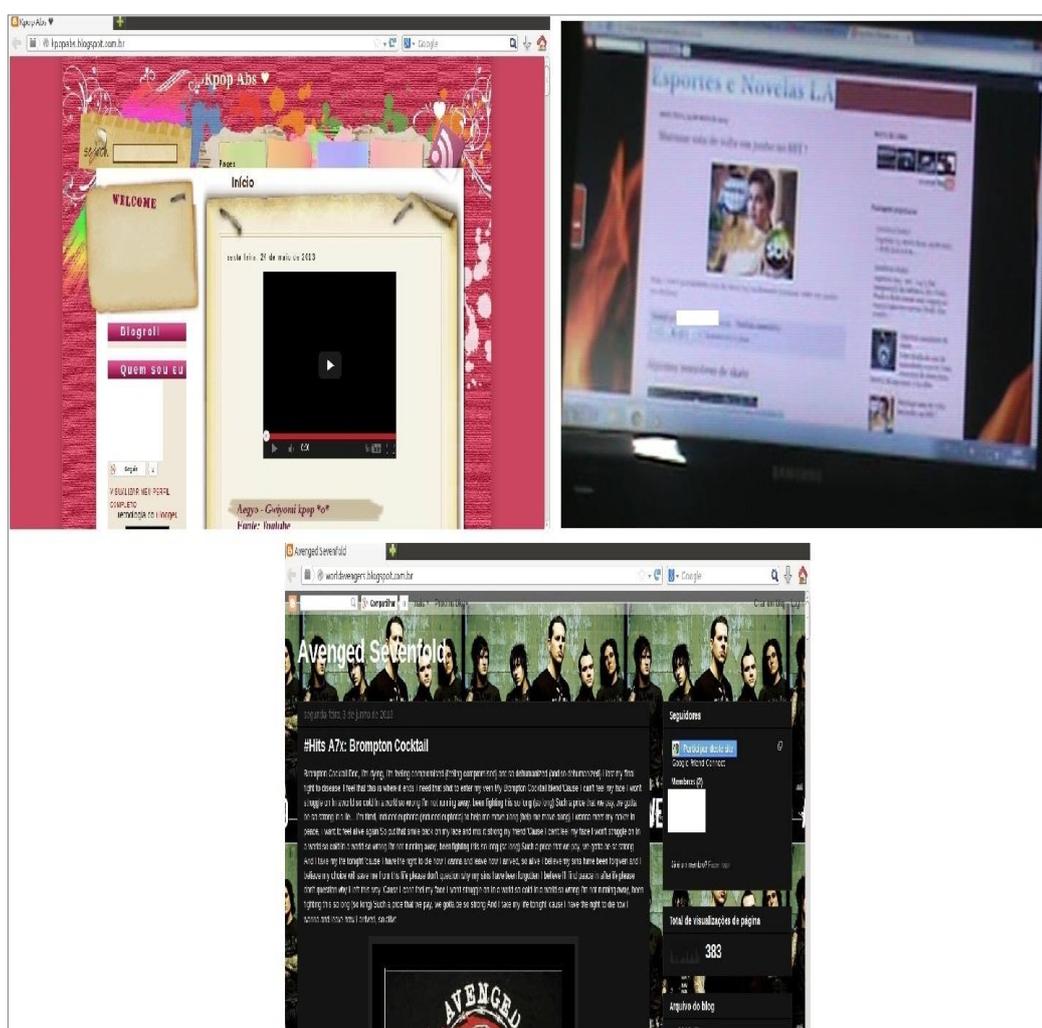
Outro momento da oficina foi a conversa sobre edição de um blog, elementos dentro da estrutura do blog que podem ser alterados e adicionados à escolha de seus desenvolvedores. Planos de fundo, aplicativos, alteração de cores no texto, logomarca, foram alguns elementos discutidos com a turma que contribuem para definir e afirmar a cara do blog, ou seja, a expressão de identidade do(s) criador(es). Após essas informações, os alunos tiveram um tempo disponível para se dedicar a essa organização e a novas postagens.

A lista com os endereços dos blogs foi projetada para a próxima atividade do grupo: visitar os blogs dos colegas para conhecerem o trabalho feito, conteúdo, organização. As duplas e os alunos que trabalharam individualmente nos blogs escolheram um endereço a ser visitado, podendo também visitar os outros blogs e conhecer as páginas. Após o intervalo, foi feita uma roda de conversa para exporem

⁸ No Quadro 4 trazemos a identificação dos blogs, tema e alunos criadores dos blogs que foram trabalhados no segundo dia de oficina. Como E10 havia faltado no segundo dia, o Blog E foi trabalhado por E6, esta manipulando o blog coletivo e o seu individual.

o que foi visto nos blogs. Os blogs foram apresentados um a um, e cada aluno e duplas falaram dos blogs criados, organização da página, postagens publicadas e ideias para as próximas, assim como os outros compartilharam o que tinham percebido dos blogs dos colegas, os pontos interessantes e propostas de melhoria das páginas. Em seguida os alunos foram incentivados a compartilhar os blogs no grupo do Facebook criado para essa oficina e, quem quisesse, poderia compartilhar em suas redes sociais para seus contatos. Vejamos abaixo como os blogs ficaram com a experiência da oficina:

Figura 7: Blogs C, D e F



**Fontes: kpopabs.blogspot.com.br, registro videográfico, 2013
e worldavengers.blogspot.com.br.**

Os blogs C, D e F apresentam elementos de plano de fundo, imagens e

vídeos, que complementam as páginas criadas pelas duplas. Na próxima imagem, a Figura 8, podemos ver como ficaram os blogs manipulados por E6:

Figura 8: Blogs E e G



Fontes: maquyagemymoda.blogspot.com.br e garotadocelilas.blogspot.com.br

E6, que ficou responsável por alimentar o Blog E, criado junto com E10, e o Blog G, o seu blog individual, assim como os colegas, utilizou de imagem, vídeo, entre outros elementos, para produzir suas páginas, relacionando cada qual com sua preferência.

Ao término do dia, foi feita a avaliação da oficina com a pesquisadora, discutindo questões com a turma sobre discussões feitas, de inclusão digital e blog, da construção dos produtos digitais, participação dos alunos e professoras no processo. A turma conversou pouco, uns alegaram timidez e foi percebido cansaço pelo dia vivenciado.

Na dupla E5 e E7 houve uma dificuldade em achar um ponto em comum para iniciar o blog mas, depois entraram num consenso. Já E8 e E9 usaram seus gostos distintos para criar a temática do Blog D. E6 tinha decidido fazer um novo blog porque queria um tema que gostasse mais, ficando ao final da oficina com dois blogs, um com sua dupla E10 e outro blog só dela. E E11 brincou com a turma falando que “foi bom trabalhar comigo mesmo”, que poderia trabalhar melhor no blog por ter a sua opinião e a tomada de decisão não precisaria entrar num acordo com outra pessoa. Os alunos acharam interessante participar da oficina, alguns afirmaram que os posicionamentos das professoras e dos colegas ajudaram no

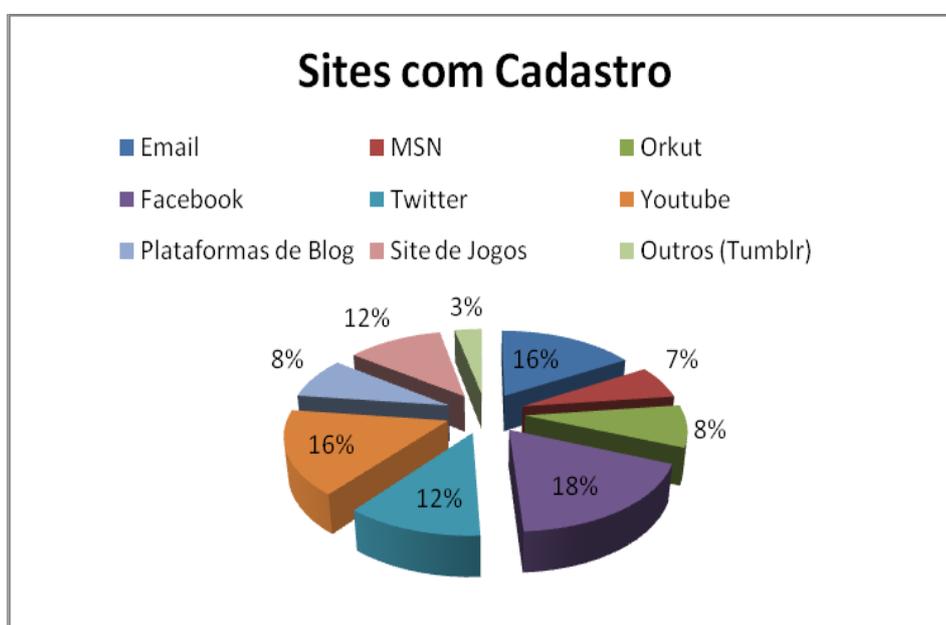
trabalho realizado.

5.2 Perfil e percepções digitais dos alunos

Dentre o grupo de alunos participantes, onze no total, todos assinalaram acessar a internet, sendo a maioria, dez dos onze jovens, com acesso de suas casas. Outros locais com maior destaque foram: casa de amigos, com cinco respostas e *lan house* com quatro afirmativas.

Com relação aos sites em que os participantes possuem conta/login, no gráfico abaixo podemos visualizar as marcações dos jovens nos seguintes sites:

Gráfico 1: Sites que os alunos possuem cadastro



Fonte: dados da pesquisa, 2013.

A maioria das respostas foi Facebook, conta(s) de email e Youtube. Na categoria Outro(s), com 3% estavam relacionados aos que responderam possuir conta no Tumblr. 8% das marcações indicavam estudantes que tinham contas em plataformas que constroem blogs, podendo evidenciar que os mesmos possuem uma vivência na blogosfera, salvo as peculiaridades de cada experiência. Essa experiência em rede pode contribuir nos processos seguintes da oficina, na construção de blogs, postagens, design de página, para guiá-los na rede, tirar

dúvidas dos colegas e até mesmo esclarecer as próprias, entrem em contato com outras possibilidades até então não experienciadas.

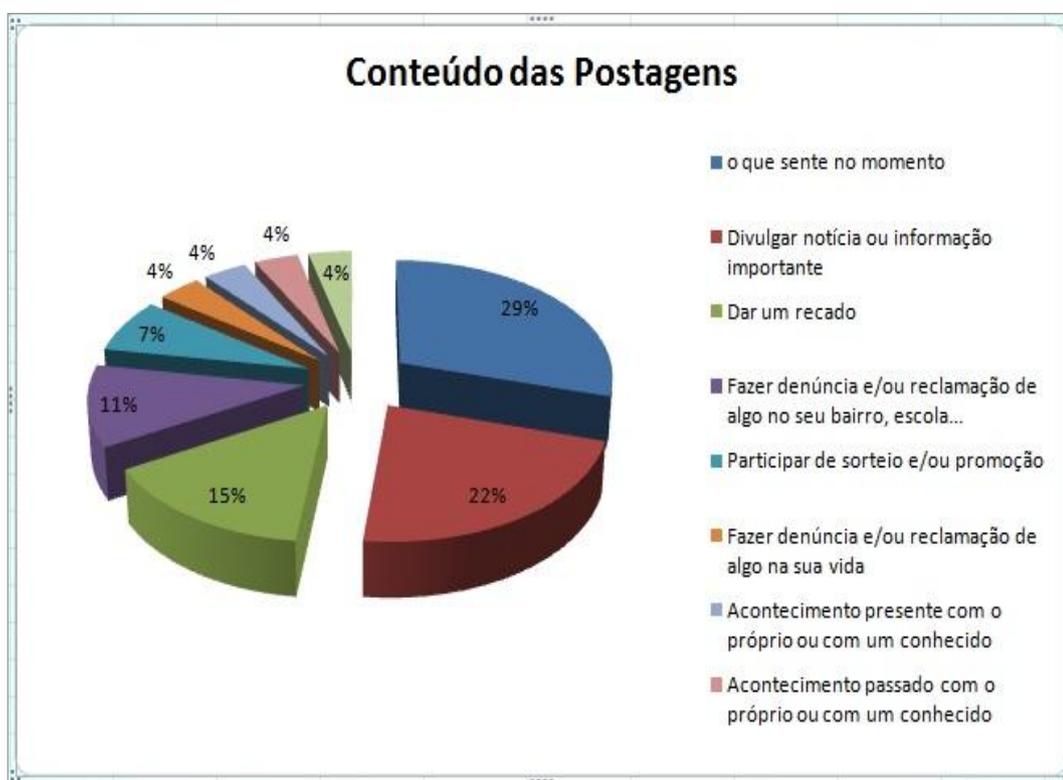
Na questão sobre as atividades feitas nesses sites, todos marcaram a opção de assistir a vídeos, dez marcaram conversar com amigos, oito fazem pesquisas para escola e postagens na rede, sete para jogos e outras diversões.

Lembramos que Moran (2003) afirma que qualquer situação vivenciada pelo sujeito pode auxiliar no conhecimento do mesmo, seja para uma nova perspectiva como para uma confirmação do que já era sabido. Essa afirmação nos auxilia a compreender que, dentro um momento vivenciado, podemos utilizar uma e/ou várias situações para adquirir informações a serem usadas em outros espaços, para fins semelhantes ou adaptados. Dentro de um processo educativo, esse ato tende a ser mais evidente.

Com relação às postagens na internet, as formas de postagens assinaladas foram todas as disponíveis, vídeo, texto, música, imagem. A menos assinalada foi a de vídeo, com seis marcações. Percebemos que, por mais que todos os participantes assistissem a vídeos nos sites em que possuíam cadastros, há uma diferença entre as atividades de assistir e postar na rede. Porém, pela questão não especificar postagens em quais espaços na rede, além dos tipos de vídeo, tornando abrangentes as respostas. Esses pontos podem ter influenciado na escolha do sujeito ou os mesmos podem optar por postagens com outras formas de expressão, como os textos e imagens. Outra situação percebida nessa questão foi que quatro dos alunos assinalaram as opções música e vídeos e sete assinalaram música e textos, podendo ter relações entre essas respostas.

Na questão seguinte, sobre os conteúdos das postagens, as maiores evidências foram, é o que estou sentindo no momento, com sete marcações, e divulgar uma notícia ou informação importante, com seis marcações. Dar recados a algum amigo e fazer denúncia ou reclamação sobre sua escola, cidade tiveram marcações quatro e três, respectivamente. Na opção Outro(s), apareceu que o conteúdo da postagem era o que achava bonito, respondido por E7, não precisando necessariamente estar vinculado às outras opções apresentadas, como a sentimentos, ocorrências ou reclamações. No Gráfico 2, observaremos essas marcações:

Gráfico 2: Conteúdos das postagens feitas pelos alunos



Fonte: dados da pesquisa, 2013.

Percebemos as diferentes evidências apresentadas e as possibilidades de uso de uma forma de comunicação nas redes, nesse caso as postagens. Como não foi especificado qual site estava vinculada à questão sobre conteúdos das postagens, é possível abranger mais situações que impulsionarão o uso delas. Dentre a variedade de funções de uma postagem, pode-se vincular informações, expor opiniões, divulgar produções, tendo como maiores evidências as marcações de o que sentia no momento, com 29%, seguido de divulgar notícia ou informação importante, com 22%. Um jovem que faz postagens com determinados elementos ou temáticas pode ser influenciado a experimentar outras situações, sejam estas pouco vivenciadas ou não, ou até mesmo visualizar outras formas de se expressar por conta desse contato com o outro, seja ele aluno também ou professor.

No quesito de percepções de mundo digital, percebe-se que os alunos veem a tecnologia possibilitar rapidez e experiências diferentes aos seus usuários. Ao

debaterem sobre o mundo de Rafinha⁹, palavras como facilidade, compartilhamento e interação foram usadas para expressar esse mundo. E10 comentou sobre a facilidade do personagem em conseguir algo utilizando a tecnologia, como “se ele quiser, vamos supor, eu quero um milk shake agora ele vai mandar (*faz movimento com as mãos representando digitação no teclado*) chegar lá, tudo fácil [...]” (E10), representando a possibilidade de pedir um alimento utilizando a rede com certa rapidez e facilidade em comparação ao deslocamento a um estabelecimento que comercializa o produto. E1 destacou o “tudo que ele faz ele compartilha, desenvolve mais”, que ao compartilhar suas atividades, Rafinha pode aprender, divulgar, entrar em contato com compartilhamentos de outros usuários, favorecendo seu mundo. No quesito de interação, o sujeito pode interagir com outras pessoas, não se restringindo a uma roda social, afirmou E11. Independente de espaço geográfico, o usuário pode conversar, trocar ideias.

Com as informações do vídeo e a discussão sobre o mesmo, E3 identificou-se com o que foi exposto, afirmando ser o seu mundo, que já nasceu fazendo essas atividades, que ao chegar em sua residência

a primeira coisa é ligar o notebook. Não precisa nem de cabo, já vou puxando os cabos, ligando os modems mexendo lá (*faz sinal com os braços como se tivesse puxando os cabos e ligando os modems*). Se a internet cair (*coloca as mãos na cabeça*) “Ai, meu Deus do céu! O que é que vou fazer?” (depoimento do estudante E3).

A estudante em questão acessa todos os dias a internet, de sua casa, possui contas em email, Facebook, Tumblr, plataforma de blog, Youtube, no qual utiliza os mesmos para pesquisa escolar, conversa com amigos, para diversão, assistir vídeos, publicação de postagens como vídeos, textos, imagens, músicas, em diferentes páginas. E o conteúdo dessas publicações pode ser algo relacionado aos seus sentimentos, expressão de acontecimentos ocorridos em tempo presente ou passado e a utilização de postagens para informar algo a algum conhecido. Apesar desse gosto em estar na internet e essa identificação com o personagem do vídeo, E3 relatou que não trocaria atividades com os amigos para ficar acessando a

⁹ Personagem do vídeo apresentado na atividade de percepção de mundo digital, trabalhado com os alunos pela pesquisadora.

internet.

Já E9 prefere a vida fora da internet, e afirmou “eu não vivo tanto no computador, prefiro lá fora [...] livre, fora do computador porque é onde me sinto bem melhor [...]” (E9). O estudante tem acesso à internet numa frequência de mais de três vezes por semana, na sua casa e na biblioteca e possui conta de email, MSN, Facebook, Youtube, plataforma de blog e site de jogos, fazendo atividades como assistir a vídeos, jogar, conversar com amigos e pesquisa para escola. E9 afirmou não se interessar tanto em postar no Facebook, pois não sente muita vontade, que prefere olhar as postagens de seus contatos.

Com essas informações iniciais sobre os perfis dos sujeitos participantes, destrincharemos as categorias de análise escolhidas, comentadas e analisadas no tópico a seguir.

5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir dos estudos realizados apresentados nas seções anteriores, apresentamos a seguir a análise dos dados, no intuito de alcançar os objetivos da pesquisa. A análise foi norteadada pelos estudos de Franco (2008) e Bardin (2004) sobre análise de conteúdo, trazendo alguns elementos desse tipo de análise de pesquisa científica. Em se tratando de mediação pedagógica, trazemos no percurso da análise elementos da mediação ocorrida, que contribuíram para identificar e analisar seu impacto na ação educativa extensionista. Para análise de conteúdo, foram utilizados os dados da observação dos momentos da oficina, sendo o diário de campo, os dados do perfil e percepções de mundo digital, que foram coletados no questionário e na atividade inicial, e a produção digital em blogs após a oficina como complementos da análise de conteúdo feita.

As categorias da análise de conteúdo feitas foram: perspectivas de inclusão digital, concepções de inclusão digital e produção digital. A seguir, apresentamos o Quadro 5, que mostra as categorias e sub-categorias identificadas, que auxiliaram a responder os questionamentos norteadores da pesquisa.

Quadro 5: Categorias e sub-categorias identificadas

Perspectivas de inclusão digital	Concepções de inclusão digital	Produção Digital
INICIO DA OFICINA: conceito e características do blog; criação/divulgação do blog; ferramentas de manipulação do blog; publicação no blog; interação com usuários na rede; pesquisa em blogs	DURANTE A DISCUSSÃO DE INCLUSÃO DIGITAL: recurso técnico; interação/compartilhamento; aprendizagem; conceituação abrangente.	Identidade autoral; Identidade do blog Experiência nova
MOMENTOS FINAIS DA OFICINA: continuidade do blog; criação de novo blog	APOS A DISCUSSÃO DE INCLUSÃO DIGITAL: recurso técnico; conceituação abrangente	

Fonte: dados da pesquisa, 2013.

Inicialmente, apresentaremos a discussão sobre a categoria Perspectivas de inclusão digital, seguida da categoria Concepções de inclusão digital e, por último, a de Produção digital.

5.3.1 Perspectivas de inclusão digital

Nessa categoria discutimos sobre as perspectivas de inclusão digital dos estudantes com relação à participação na oficina de blog, o que era esperado antes e depois dessa experiência.

Antes da oficina, tivemos as informações coletadas a partir do questionário, que trazia uma questão relacionada ao que o aluno esperava aprender na oficina de blog, e do momento de discussão sobre o conceito de blog e suas características, observado na oficina. Essa categoria apresenta elementos tratados na pesquisa de Andrade (2013) como Expectativa para Oficina e na de Cunha (2010) como Expectativa da Participação, porém as informações estavam relacionadas à aprendizagem na oficina, fazendo dessa categoria mais específica do que a dos estudos citados anteriormente. E dentre as expectativas para a oficina, tivemos evidências bem próximas nas opções apresentadas, como podemos ver no Gráfico 3

mais adiante. As informações coletadas mostram o interesse do público está relacionado a aspectos de comunicação, aprendizagem de ferramentas e características dessa ferramenta digital. A seguir podemos observar o Gráfico 3 com a porcentagem de marcações feitas pelos participantes.

Gráfico 3: Expectativas para a oficina de blog



Fonte: dados da pesquisa (2013).

Dentre as informações coletadas inicialmente, relacionadas às expectativas iniciais de aprendizagem, tivemos como subcategorias: conceito e características do blog; criação/divulgação do blog; ferramentas de manipulação e publicações no blog; pesquisa em blogs; interação com usuários na rede, destrinchadas a seguir.

- a) Conceito e características do blog: nessa seção marcada por alguns dos estudantes, percebemos o interesse em saber o que seria um blog, sua serventia e características.

Foi evidenciado um interesse nas informações da ferramenta a ser

trabalhada. É possível que essa vontade esteja relacionada à experiência de participar de uma oficina de blog e que além de criar, poderia conhecer sobre a mesma. Dos que apresentaram suas visões na discussão da oficina sobre o conceito de blog, um havia assinalado no questionário o interesse em saber o que seria blog. E10 comentou sobre o blog ser uma espécie de diário que qualquer pessoa poderia acessá-lo, assim como tem blog utilizado como fonte de renda do blogueiro. Como exemplo, E10 comentou sobre um blog de maquiagem que acompanhava, e que uma empresa de cosméticos “começou a dar maquiagem pra ela, maquiagem pra ela fazer diferente e acabou ela recebendo, ganhando dinheiro pra fazer o que ela mais gosta: ficar em casa, frente um computador, se maquiando” (E10).

Esses tipos de blogs expressados acima apresentam elementos do tipo pessoal e profissional elencados por Primo (2008) e que esses poderiam desencadear nos gêneros encontrados pelo pesquisador, de acordo com a análise de suas postagens. O participante em questão apresentou algumas informações sobre tipos de blog, podendo conhecer outros durante a discussão.

- b) Criação/divulgação do blog: os alunos assinalaram entre as opções de criar um blog e divulgar seu blog na internet.

Dos que assinalaram a opção criar um blog, dois já possuíam conta em plataforma(s) de blog, E6 tinha cinco blogs e E11 havia criado a conta para administrar o blog de um amigo. Compreendemos o interesse desses participantes em aprender possibilidades diferentes de criar um blog, lembrar outras, agregar novas informações, ressignificando os conhecimentos adquiridos. Na opção “Outros” o sujeito E10 tinha o propósito de fazer um blog de maquiagem e moda.

Com a vontade de ter um espaço na rede e poder compartilhar com pessoas, sejam elas conhecidas ou não, faz com que os jovens se interessem pelo blog, como apontado por Rosa e Islas (2009). Houve também o interesse em divulgar o blog, com o possível propósito de ser conhecido a partir de sua página, da produção digital colocada no ar.

- c) Ferramentas de manipulação do blog: as marcações feitas estavam

relacionadas à aprendizagem das ferramentas do blog, tanto o conhecimento delas quanto um possível aprofundamento do que já sabiam.

Todos os alunos esperavam conhecer as ferramentas do blog e dentre os que possuíam blogs antes da oficina, eles assinalaram a vontade de aprender mais sobre as ferramentas, que poderia aprender mais informações sobre a edição de seus blogs, tirar dúvidas e abrir para outras possibilidades. Isso nos remete aos achados de Andrade (2013), cujos participantes tinham vontade de conhecer os recursos audiovisuais e, na oficina de blog o anseio em aprender como utilizar as ferramentas do blog e/ou aprofundar conhecimentos já possuídos por alguns dos alunos, nos faz perceber a vontade do aprender a manipular ferramentas, atividade diretamente relacionada às demais funções de um blog é imprescindível, tendo em vista a necessidade da apropriação para expressão de ideias.

- d) Publicações no blog: estavam voltadas à publicação de postagens feitas pelos alunos e divulgação relacionadas a aspectos da escola, comunidade, entre outros.

Nove (9) alunos gostariam de publicar seus textos, imagens e divulgar o blog na internet que, para Silva e Rösing (2013), a postagem é uma forma que o blogueiro utiliza para se expor na internet. As postagens podem estar relacionadas a notícias do bairro ou escola, servindo como fonte de informação como também de temáticas à escolha do blogueiro. O usuário pode tornar-se conhecido a partir do que posta e divulga, tendo essa prática como impulsionadora de conhecimento.

- e) Interação com usuários na rede: essas opções foram destacadas por alguns, devido ao interesse em se comunicar e conhecer pessoas na web, a partir de sua página.

Um dos pontos característicos do blog é a possibilidade de interação com outras páginas e seus respectivos donos. A partir da visita em outros blogs e os

leitores da sua página é possível se comunicar com pessoas na caixa de comentários, assim como por email ou link para uma rede social.

É possível conhecer e interagir com outros usuários a partir de comentários no blog, espaço disponível após cada postagem. Para Silva e Rösing (2013), é uma atividade que promove essas ações, além da possibilidade de divulgar expressões de leitores daquela postagem e “ampliam a visão daquilo que está sendo tratado e despertam a curiosidade daqueles que percebem a movimentação em torno de determinada postagem ou blog” (SILVA; RÖSING, 2013, p. 133). Essa ação pode ser trabalhada com os alunos, para darem voz aos seus pensamentos diante de uma produção vista, contribuindo para o exercício de expressão comunicativa, interpretativa, analítica e/ou crítica, como também um retorno ao blog visitado e ao(s) respectivo(s) dono(s). Como afirmam Dayrell (2007), Rosa e Islas (2009) e Pimentel (2010) sobre a vontade de participar do jovem, de ser reconhecido pelos seus atos, se comunicar com pessoas de gostos comuns, formar grupos e marcas linguísticas no ambiente.

- f) Pesquisa em blogs: a atividade de pesquisa, assinalada por alguns estudantes como expectativa de aprendizagem na oficina, pode estar relacionada a temáticas de interesse pessoal, escolar entre outros que possam utilizar blogs como fontes de informação.

É sabido que a internet possui variadas fontes de informação e que o blog pode ser utilizado para conhecer diversos assuntos, tirar dúvidas, gerar questionamentos e análises críticas. Dentre os gêneros de blogs apontados por Primo (2008), podem-se obter informações com enfoques específicos de situações ou temáticas, buscadas na web. Com essas possibilidades os alunos podem aprender mais e conhecer opiniões de outras pessoas, contribuindo na construção de seu conhecimento.

A pesquisa possibilita o aprender e, como compreende Bonilla (2005), que os conhecimentos transformam-se assim como os sujeitos que os produziram, e eles podem ser ampliados e utilizados como significação em outros ambientes e discussões. A visão de pesquisa em blogs pode auxiliar o aluno a ver o blog como

uma fonte de informação e conhecimento, tanto o blog que visita quanto o manipulado por ele, estimulando-o a alimentar a página e organizá-la coerente e qualitativamente o exposto nela.

Dentre as perspectivas de inclusão digital voltadas às expectativas de aprendizagem assinaladas mostram a heterogeneidade de expectativas dos participantes, tanto dos alunos que não possuíam blog antes da oficina quanto os que possuíam. Dos seis (6) que não possuíam conta em plataforma(s) de blog, as opções assinaladas por todos foram conhecer as ferramentas do blog e publicar seus textos, imagens etc. As outras variaram entre quatro (4) e cinco (5) marcações e já os outros cinco alunos, a opção marcada em comum foi a de conhecer as ferramentas do blog, assim como os demais colegas. Já dos alunos que tinham conta em plataforma(s) de blog, a linearidade das marcações foi aprender mais sobre as ferramentas do blog, com a maioria querendo saber mais sobre elas, e a maioria, quatro (4) de cinco (5), estavam interessados na divulgação do blog na internet, assim como três (3) desses também estavam interessados em publicar seus textos e demais produções no blog.

Compreendemos que essas expectativas evidenciam a vontade do jovem de se expressar, registrando sua identidade, conforme as discussões de Dayrell (2007), tendo a cultura na rede como um espaço que possibilite essas ações. Afirmando a colocação de Rosa e Islas (2009), tendo o blog como uma ferramenta popular para divulgação dessas informações e desses autores, estimulando a participação e colaboração entre eles. Na oficina de blog, essa parceria pode ocorrer no momento presencial, nos dias de atividades, como também nos blogs criados, com a continuidade do produto construído.

No momento de visualização dos blogs e divulgação nas redes sociais, parte final da oficina observada, no qual cada blog foi mostrado no projetor cada dupla ou aluno falava sobre o que tinha na página, tendo o momento do(s) responsável(is) pelo blog falar e o(s) colega(s) que visitaram a produção expuserem sua opinião. Como podemos ver no extrato abaixo, P2 organizou a turma para que um colega ou dupla visitasse um blog produzido na oficina, para no momento seguinte, na apresentação dos blogs, serem comentados junto com o(s) responsável(is) pela

página, destacados pontos e outras opiniões.

P2: e aí, quem foi pra qual? A dupla aqui (*falando com E5 e E7*), qual o blog vocês vão escolher pra dar um olhada?

E7: a gente vai ver o world...

P2: worldavengers (*Blog F*)? Pronto. E E11, vai olhar o quê?

E9: pega o meu, pega o meu.

E11: vou, dupla implacável (*Blog D*).

P2: dupla implacável. E sobrou o kpop abs (*Blog C*) pra dar um olhadinha.

[...]

P2: [...] nesse momento gente, vocês vão dar um olhada no blog dos amigos, vê como tá a estrutura deles, tá ok gente? Dá um olhada, pode comentar também (*Extrato do momento de organização dos alunos para visitarem os blogs produzidos*).

Os alunos visitaram os blogs dos colegas para, no momento de visualização dos blogs, serem discutidos os elementos presentes nas páginas e propostas futuras a mesma e, ao final dessa seção e na entrevista em grupo foram identificados quereres pós-oficina dos estudantes. Nessas ações foi possível perceber as perspectivas de inclusão digital após os trabalhos de criação e manipulação dos produtos, separadas nas seções de continuidade do blog e criação de novo blog, apresentadas a seguir:

- a) Continuidade do blog: os apontamentos dos jovens estavam voltados para continuar os blogs criados, com ideias para sua alimentação.

A possibilidade de discutir sobre a produção digital estimulou os jovens a traçarem planos para a produção feita na oficina e apresenta elementos da mediação de transcendência e de conduta compartilhada (FEUERSTEIN apud TÉBAR, 2011), pelo fato de ter ocorrido estímulo aos alunos a expressarem os próximos passos dos blogs criados, de ouvir e trocar informações com os colegas sobre as produções, ampliando o olhar aos seus produtos digitais.

No blog criado, E11 comentou sobre a banda temática do blog, e na apresentação do blog a turma, surgiram ideias de como o alimentaria posteriormente, com comentários sobre a banda, informações recentes e gerais que os fãs gostariam de saber. Na Figura 9 vemos uma postagem feita após a oficina,

esclarecendo uma dúvida sobre o nome da banda.

Figura 9: Postagem no Blog F sobre o significado do nome da banda

Avenged Sevenfold: Maio 2013 - Mozilla Firefox

Avenged Sevenfold: Ave... Avenged Sevenfold: As 10...

worldavengers.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html

Avenged Sevenfold

sexta-feira, 31 de maio de 2013

Qual o significado do nome: Avenged Sevenfold

Muita pessoas se questionam de onde os integrantes da banda tiraram esse nome: "Avenged Sevenfold".
 Pois bem, irei agora esclarecer essa dúvida.
 Avenged Sevenfold significa (Vingado sete vezes) é uma referencia ao livro de gênesis onde Caim é setenciado a viver em exílio porque matou seu irmão Abel, com isso Deus o marcou e ninguém poderia matá-lo e quassquer que o matasse seria vingado sete vezes (*Gênesis, capítulo 4, versículo de 8 à 15*).
 Várias pessoa tem muita dificuldade em pronuiciar o nome "Avenged Sevenfold" por conta disso é muito comum ver só a sigla "A7x".
 Então por hoje é só Avengers, comentem, compartilhem, divulguem... Em breve voltarei com mais novidades do Mundo Avengers!

Seguidores

Participar deste site

Google Friend Connect

Membros (2)

Já é um membro? [Faça login](#)

Total de visualizações de página

424

Arquivo do blog

2013 (5)

Junho (2)

Maio (3)

Qual o significado do nome: Avenged Sevenfold

As 10 Melhores do A7x

Avenged Sevenfold

Qual o significado do nome: Avenged Sevenfold

Muita pessoas se questionam de onde os integrantes da banda tiraram esse nome: "Avenged Sevenfold".
 Pois bem, irei agora esclarecer essa dúvida.
 Avenged Sevenfold significa (Vingado sete vezes) é uma referencia ao livro de gênesis onde Caim é setenciado a viver em exílio porque matou seu irmão Abel, com isso Deus o marcou e ninguém poderia matá-lo e quassquer que o matasse seria vingado sete vezes (*Gênesis, capítulo 4, versículo de 8 à 15*).
 Várias pessoa tem muita dificuldade em pronuiciar o nome "Avenged Sevenfold" por conta disso é muito comum ver só a sigla "A7x".
 Então por hoje é só Avengers, comentem, compartilhem, divulguem... Em breve voltarei com mais novidades do Mundo Avengers!

Fonte: worldavengers.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html

Percebemos que os jovens podem continuar alimentando os blogs criados de acordo com o que pensavam no momento em que apresentavam as produções aos colegas na oficina, e que as informações veiculadas poderiam ajudar na compreensão da temática.

- b) Criação de novo blog: a opção de criar novos blogs também foi considerada por alguns alunos, posteriormente.

E9 considerou a opção de criar um blog de negócios, afirmando que “lá pra frente quem sabe criar um blog de negócios pra ta podendo ganhar dinheiro com a internet” (E9).

Com relação a essa seção, percebemos que a experiência de participar impulsionou o pensamento em outras atividades, indo além das feitas pelos alunos. E7 e E9 consideraram a criação de um novo blog num momento adiante, sendo que o primeiro não expôs a finalidade da sua próxima página, e E9 tinha uma ideia de lucrar com o blog, mas não apresentou aprofundamentos desse negócio. Com relação a esse tipo de blog, Primo (2008) afirma que, de acordo com o tipo de blog escolhido, esse pode ser a principal fonte de renda do usuário como também não ser o enfoque específico do blog, tendo outras atividades de uso da página e o lucro ser uma ação secundária. O blogueiro decide como manipulará sua página e os direcionamentos cabíveis ao seu objetivo. Diferente dos achados de Cunha (2010) e Andrade (2013), cuja parte das perspectivas identificadas estavam relacionadas à empregabilidade, com desejo de arrumar um emprego, a ideia de um blog de negócios citado por E9 precisaria de mais elementos para estar diretamente relacionada à empregabilidade, já que o sujeito em questão não firmou uma vontade de emprego futuro relacionado ao blog, podendo ser um desejo futuro do blog ser sua principal fonte de renda ou uma renda complementar.

Temos como perspectiva de inclusão digital apresentada pelos alunos no início e na finalização da oficina as sub-categorias abaixo no Quadro 5, para melhor visualização.

Quadro 6: Sub-categorias de perspectivas de inclusão digital na oficina de blog

Início da oficina	Momentos finais da oficina
Conceito e características do blog	Continuidade do blog
Criação/divulgação do blog	Criação de novo blog
Ferramentas de manipulação do blog	
Publicações no blog	
Interação com usuários na rede	
Pesquisa em blogs	

Fonte: dados da pesquisa, 2013.

Pudemos perceber nos estudos de Feuerstein (apud TÉBAR, 2011) que os indivíduos podem potencializar suas capacidades e, em se tratando desses jovens, essa vivência na rede, suas experiências, quereres e indagações acerca de interesses, até então individuais por conta das marcações do questionário, podem se tornar coletivas ao trabalhar em grupo, com um influenciando o aprender do outro. Conforme nos lembra Vigotski (2007) e Fontana (2005), a relação entre pares contribui na construção de conhecimento e, em se tratando de participantes de uma mesma oficina, estes podem envolver o(s) colega(s) no processo, influenciando e podendo estimular a participação, resolução de desafios, a descoberta do novo, elementos esses marcantes numa situação educativa, e estimulante de aprendizagens. Como também é possível que essa interação impulse pretensões futuras desses jovens com relação à ferramenta digital trabalhada.

De acordo com um dos objetivos da pesquisa, de analisar o impacto da mediação na concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens, pudemos perceber que, dentre as buscas dos alunos na oficina, inicialmente evidenciadas pelo questionário, formaram caminhos abrangentes dentro do trabalho. No questionário, buscamos obter informações acerca de expectativas da oficina com relação a alguns conhecimentos e ações em um blog, e no grupo havia os que conheciam a ferramenta e os que estavam prestes a conhecer. No decorrer do trabalho observado, as perspectivas dos alunos de saber o conceito, publicação, conhecer ferramentas, entre outras, foram atendidas de acordo com o planejamento e encaminhamentos da oficina com a atuação das professoras e alunos. Ao fim, compreendemos que a continuidade do blog e a criação de novos impulsionarão essas pretensões iniciais, possivelmente de maneira interligada, e outras, de acordo com as vontades do aluno.

5.3.2 Concepções de inclusão digital

Para atender ao objetivo específico de analisar a relação da mediação pedagógica na concepção de inclusão digital dos alunos, destrinchamos os achados de acordo com o momento observado, que foi a discussão de inclusão digital feita pelas professoras do Proi-Digit@I, e a entrevista em grupo no término da oficina. Em

se tratando de analisar a relação da mediação ocorrida, faz-se necessário acompanhar o processo do início e durante a discussão, destacando e analisando as reflexões dos estudantes, e as ideias expressas ao fim do trabalho.

Nessa categoria, percebem-se as nuances das concepções de inclusão digital expressadas pelos alunos no decorrer do processo discursivo observado, no qual percebemos as sub-categorias: Recurso Técnico; Interação/compartilhamento; Aprendizagem e Conceituação Abrangente, destrinchadas na sequência.

- a) Recurso Técnico: as primeiras impressões estavam relacionadas aos recursos técnicos, de acesso ao equipamento e as informações, manusear a ferramenta, apresentando também diferenciações entre ter acesso, condições e posse de equipamento.
- b) Interação/compartilhamento: foi destacada a interação com grupos diferentes, o compartilhar equipamento, fotos, vídeos.
- c) Aprendizagem: nessa seção houve considerações voltadas à aprendizagem em aulas de informática, quando pesquisa algum assunto, seja um trabalho da escola ou movido pela curiosidade.
- d) Conceituação Abrangente: foram percebidas algumas indagações mais abrangentes, devido às somas feitas no andamento da discussão, como o uso do equipamento de uma forma correta e em seu benefício e o despertar para as atividades já feitas, como também novas experiências, que possibilitam formas de inclusão digital.

Com relação aos recursos técnicos, esses são relacionados por Brandão (2010) e Lemos e Costa (2005) à dimensão e capital técnico da inclusão digital. Nessa perspectiva, temos o comentário de E3 sobre uma informação veiculada no jornal sobre um programa de inclusão digital que

ia dar um computador pra cada escola, no começo era um só na escola mas depois eles iam abrir, abrindo, até que a população tivesse toda conectada, iam baixar o preço da internet pra que todo mundo pudesse ter acesso as mesmas informações (E3).

Compreende-se que a situação apresentada objetiva uma inclusão digital que

garanta possibilidades de acesso no espaço escolar. Como aponta Brandão (2010), essa questão é bem presente em projetos em prol da inclusão digital dos sujeitos, disponibilização de equipamentos para possibilitar acesso.

Já E10 apresentou outra vertente, também vinculada à dimensão técnica, das pessoas terem acesso à internet, com diferenciação de quem possui computador e quem não possui, ressaltando que acesso à internet o público tem, fazendo sinal de entre aspas com as mãos, com diferenciação do tipo e condições de acesso as informações. Percebe-se uma compreensão entre posse e uso, uma não estando necessariamente ligada a outra, sendo possível o acesso sem possuir o produto em casa.

O acesso e o uso do equipamento eletrônico foram relacionados de maneira diferente na discussão de inclusão digital feita na oficina de blog. E3 comentou uma experiência vivida em outra escola, relacionada ao laboratório de informática.

[...] eu estudei numa escola que é assim. Eu fazia 1º, 2º, 3º e 4º série lá. Aí chegou um computador na 3º série. Meu irmão, eu tô fazendo 1º ano aqui e ele terminou de fazer a 4º série lá. Vieram dar aula com os computadores esse ano. Começaram a aula de informática. [...] o que é inclusão digital na prática, na teoria é uma coisa, a prática é, nem começaram ainda (E3).

Percebemos que o trabalho de inclusão digital, para E3, está relacionado ao acesso à ferramenta e seu uso com objetivos educacionais, de aprendizagem, como exemplo a aula de informática no espaço escolar. Porém, em se tratando de aulas de informática, é possível pensar em aulas com enfoques técnicos, de manuseio do equipamento e seus programas básicos, com possibilidade mínima de aprofundamento nos programas ou uso de outros com objetivos de criação e/ou reflexão crítica.

No início da discussão, a partir da pergunta inicial feita pelas professoras, se já escutaram falar sobre inclusão digital e o que seria esse fenômeno, alguns alunos expuseram suas visões sobre a temática. Durante a discussão, com os comentários iniciais dos colegas e questionamentos das professoras e ao serem indagados se eram incluídos digitalmente e se Rafinha¹⁰ era incluído digitalmente, surgiram outras

¹⁰ Personagem do vídeo.

relações de inclusão digital, somando as concepções apresentadas pelos alunos, como podemos ver no extrato a seguir:

P2: porque vocês acham que são incluídos digitalmente?

E10: porque eu mexo no computador quase todos os dias e querendo ou não to digitando todos os dias.

Os alunos murmuram.

P1: então inclusão digital é isso, entrar na internet todos os dias, é estar no Twitter todos os dias, Facebook (*E10: tá no Facebook todo o dia*), independente de onde eu esteja. Isso é estar incluído digitalmente pra vocês, assim pelo que vocês entendem? É?

Alguns dizem que não.

P1: Sim ou não?

Alguns alunos dizem que é.

P1: Rafinha é incluído digitalmente porque ele tá no fotolog, no blog é... em todas as redes, em todas as contas que ele tem? Será que é só por isso?

Um aluno diz achar que sim.

P1: será que pelo fato dele, será que pelo fato dele ter uma máquina em casa, um computador, dele ter todos aqueles aparelhos que passou no video, será que isso também faz parte...

P5: o que faz uma pessoa ser incluído? Só porque tem um computador e acesso a internet? O que me faz ser incluída? Que faz?

P1: será que ela está incluída digitalmente porque ela sabe mexer na câmera que ela tá usando agora?

E10: não.

E3: Não porque, acho assim, que ele é incluído porque ele tem alguns meios. Ele tem um grupo que ele participa, ele pode fazer as coisas com outras pessoas. Se eu tenho um computador, eu tenho acesso a internet, eu só faço aquelas coisas com o mesmo grupo de pessoas todo santo dia não sou meio que incluída eu sou meio que já robotizada para fazer aquelas mesmas coisas. Eu tenho que fazer coisas diferentes em outros grupos para aprender a pensar diferente (*Extrato da discussão inicial sobre inclusão digital com a turma*).

De início, para E10, as atividades feitas no computador, sem uma diferenciação específica, fazem parte do processo de inclusão digital, como o mexer e o digitar, expresso na fala. Remetendo a elementos de uma inclusão digital de caráter técnico, no manusear da ferramenta, somando as suas considerações iniciais, que destacavam essa dimensão. Porém com as indagações das professoras, E10 começou a adicionar elementos à sua concepção, de não ser só o fato de possuir o equipamento. Já E3 fez uma outra consideração sobre essas atividades. Foi destacada a interação com outras pessoas, como formas de aprender e vivenciar diferentes situações, nos remetendo a elementos da dimensão

comunicativa e educativa de Brandão (2010). Nesse comentário de E3 percebe-se que as diferentes atividades feitas podem contribuir no processo de inclusão digital por estar aprendendo e experienciando novas situações.

Durante a discussão, as visões de inclusão digital de alguns sujeitos foram complementadas. Para E3 “Inclusão digital não é só usar o computador ou a internet ou o que tem, é utilizar de uma forma correta. É utilizar as coisas que tem ao seu favor” (E3). Compreendemos que a ação e a escolha feita pelo indivíduo contribuem na sua inclusão digital, e que elas estejam relacionadas a um uso correto, sem problemas ou ilegalidades.

O estudante E10 refletiu sobre as ações antes não percebidas, que estavam relacionadas à aprendizagem do mesmo

[...] tecnologia não é só um computador, que a gente, querendo ou não, tem um mundo social, [...] a gente compartilha, [...] aprende alguma coisa quando a gente tá no computador a gente acaba sendo um leitor mesmo que a gente não goste de ler, tipo, eu não gosto de ler livro, querendo ou não eu to no computador eu aprendo a ler [...] vamos supor, eu não sabia que [...] eu procurava maquiagem, procurava eu aprendia alguma coisa, eu sabia. Agora eu sei querendo ou não [...] a gente aprende (E10).

Leitura, compartilhamento e pesquisa foram algumas ações apontadas, abrangendo a relação de computador e sujeito no que tange a sua aprendizagem. Percebemos nos sujeitos E3 e E10 que, a cada inserção na discussão, suas afirmativas vinham com mais elementos, sendo estimuladas pela atividade proposta. Elementos da dimensão técnica de Brandão (2010), ressaltadas no início da discussão foram sendo somadas às ações de interação, pesquisa de conteúdos e uso consciente das ferramentas, como elementos da concepção de inclusão digital.

Ao término dessa discussão, P1 afirmou que elementos relacionados à inclusão digital estavam presentes nas colocações dos alunos, que essa ação não se resume somente à posse do computador, que a interação, o compartilhamento e a produção fazem parte da mesma, destacando a importância de contribuir de uma forma consciente no ciberespaço, ser autor nesse mundo digital. Conforme afirma Varela (2007), que o mediador utiliza seu repertório intelectual e ideológico, a discussão de inclusão digital trouxe essas questões para a conversa.

Nessa discussão de inclusão digital foram percebidos elementos da mediação de Feuerstein (apud TÉBAR, 2011) de intencionalidade, ao apresentar a turma a discussão para reflexão do tema, dos objetivos do Programa de Extensão; de significado expressa quando foi discutida a importância do papel deles na rede, para não serem totalmente passivos às informações disponibilizadas; e a mediação de transcendência quando P1 remeteu a ação de ser autor, destacando a autoria como forma de contribuição ao ciberespaço, não só produção no blog, mas também em outros espaços.

Na discussão anterior foi refletida sobre as considerações da turma sobre inclusão digital no momento de discussão sobre a temática, com dinâmica planejada pelo grupo de professoras. Adiante é tratada sobre as reflexões dos alunos no dia seguinte após esse momento de discussão e na entrevista em grupo, no final dos trabalhos.

Ao serem indagados sobre a discussão de inclusão digital, no início e fim do segundo dia de oficina, foi percebido que alguns alunos se mostravam tímidos e cansados por conta das atividades do dia. Dentre as subcategorias, temos: Recurso Técnico e Conceituação abrangente.

- a) Recurso técnico: foi apresentada a necessidade de ter um aparelho eletrônico próximo ao sujeito, para afirmar que o mesmo tem uma postura de incluído digital.
- b) Conceituação abrangente: foram dadas afirmativas que iam além do acesso e uso do equipamento, como a possibilidade de participar do meio digital e com o que o mundo pede ao sujeito e as posturas que relacionam a inclusão digital, como falas, modo de ser.

Como forma de iniciar o segundo dia, P1 indagou a turma sobre inclusão digital, buscando relembrar a discussão feita no primeiro dia, e pediu um exemplo de inclusão digital, conforme podemos acompanhar no extrato a seguir.

E11: a internet, o computador.

P1: sim, mas porque a internet e o computador é um exemplo de

inclusão digital?

E9: porque tá na vida, no mundo da tecnologia. Inclusão digital não é só o computador mas sim ter câmeras. No caso você tá incluído no mundo gerado de tecnologia.

P1: mas será que está incluído no mundo de tecnologia é só ter esses objetos?

E9: não.

P1: é o que inclusão?

E11: é cadeira, óculos, relógio.

E6: Ar condicionado.

P1: sim, mas é só poder ter esses objetos tecnológicos? Isso é estar incluído digitalmente? Porque eu tenho computador, porque eu tenho um mp4, porque eu tenho um (E9 diz: celular) Iphone, porque eu tenho um Android, porque eu tenho tudo isso eu sou incluído digitalmente? É só por isso?

E8 e E9 olham atentos a professora. Balançam a cabeça lentamente, de forma negativa.

P4: não? E é por quê?

E11: a maioria já tá incluído só que muitas coisas a gente não percebe (*risos*).

P4: é, vamos pensar. A gente tem acesso a esse mundo todinho que P1 falou de tecnologia. E ter só acesso a ele a gente tá totalmente incluído ou só uma parte ou o que é que tá faltando?

[...]

P4: não falta mais nada por quê?

E9: difícil de explicar, mas...

P1: relembro, o que a gente viu ontem. Inclusão digital é o que a gente pode ter acesso a todas essas tecnologias e o que ela nos oferece, mas a gente pode também interferir nesse mundo tecnológico não é? Criar coisas que, pro meu bem, pro bem da sociedade [...] Então isso também é estar incluído digitalmente. É um grande propósito da inclusão digital, você poder interferir nesse mundo tec, de tecnologias, não só receber as coisas. Receber, receber. O que eu faço? Não faço nada, só recebo. Então, eu tenho que agir também, ser autor, poder fazer alguma coisa na internet. E é isso que o blog é uma dessas possibilidades, é uma dessas possibilidades de poder... (*Extrato do início do segundo dia de oficina, quando a turma é indagada sobre a discussão de inclusão digital feita no primeiro dia*).

Percebemos, inicialmente, que inclusão digital para os alunos estava relacionada a equipamentos, sejam eles TIC ou tecnologias em geral, com relação direta com a dimensão técnica (BRANDÃO, 2010) e seus equipamentos. Mas, ao serem estimulados a aprofundarem a visão do fenômeno discutido, houve dificuldades em expressar o pensamento e explicar a indagação. Quando E11 afirma que a maioria está incluída sem ter noção do fato, podemos compreender numa perspectiva de inclusão espontânea, pontuada por Lemos e Costa (2005) como

atividade consequente da vivência e uso de equipamentos tecnológicos. Essa afirmativa do aluno seguiu o caminho de suas reflexões do dia anterior, afirmando que as pessoas estavam incluídas nesse mundo digital, seja por querer ou não.

Foi percebida também uma dificuldade em expressar sua concepção de inclusão digital de maneira clara. E8 e E9 ao acompanharem o questionamento das professoras de se só os destaques aos equipamentos contemplam a inclusão digital, eles perceberam a necessidade de complementação, porém foi encontrada uma dificuldade de explicar, conforme dito por E9. Ao perceber essa dificuldade, P1 retomou os enfoques do dia anterior nas ações de inclusão digital promotoras de expressividade de ideias, de sujeitos ativos no espaço virtual que interfiram e produzam conhecimentos em prol de si e da sociedade.

Na entrevista em grupo, ao serem indagados sobre como seria uma postura de alguém incluído digitalmente, E6 afirmou a importância de “andar sempre com algum aparelho eletrônico dentro da bolsa, ou dentro do bolso da calça. Tá sempre com alguma coisa eletrônica porque é o único jeito de saber se ela tá realmente no mundo digital” (E6). Remetemos ao que Cazaloto (2008) afirma sobre a hegemonia do computador, dos equipamentos eletrônicos como formas decisivas de inclusão digital, vias de acesso carimbadas. Lembramos que o discurso da posse e acesso é muito forte ao ponto de ser visto como etapa primordial e contemplatória de inclusão digital, discurso esse bem veiculado aos ventos, sendo necessário abranger as visões do fenômeno, com uso objetivo e transformador de realidades, conforme compreendido a partir das discussões apontadas (BRANDÃO, 2010; WARSCHAUER, 2006; LEMOS; COSTA, 2005).

Sobre a conceituação abrangente da inclusão digital, destacamos a reflexão de E9, ao dizer que as professoras passam a visão de inclusão digital pela roupa, jeito de falar

até mesmo no visual dasicineiras dá pra perceber que o que elas estão fazendo de acordo é, de acordo com o que elas elegem. Porque geralmente quem é roqueiro veste uma coisa preta, com corrente. Aí como elas é de inclusão digital aí o vestimento, a fala, o jeito de ensinar tem tudo a ver com o tema que elas tão fazendo porque tem gente que pronto tá falando de matemática mas se veste tipo como um professor de biologia aí uma coisa nada a ver com a outra. Aí o visual e o assunto ajudou no curso (E9).

Percebemos que a visão da professora apresenta elementos de intencionalidade previstos na mediação (FEUERSTEIN apud TÉBAR, 2011), e carrega as compreensões de estudos, objetivos do Programa de Extensão, que estimulam a reflexão dos jovens com relação ao fenômeno.

Quadro 7: Sub-categorias de concepções de inclusão digital na oficina de blog

Durante a discussão de inclusão digital	Após a discussão de inclusão digital
Recurso Técnico	Recurso técnico
Interação/compartilhamento	Conceituação abrangente
Aprendizagem	
Conceituação Abrangente	

Fonte: dados da pesquisa, 2013.

Por mais que a ação extensionista contribua na percepção de inclusão digital dos participantes, concordamos com Andrade (2013) com a impossibilidade do projeto de atender a todas as dimensões de inclusão digital apontadas pelos estudos, devido à intencionalidade da ação, como também acrescentamos a própria complexidade do conceito. Na discussão de inclusão digital observada elementos como autoria, compartilhamento, ferramentas tecnológicas foram destacados pelos alunos e professoras. Alguns foram intencionados pela discussão e pela atividade de relacionar palavras com a foto apresentada, mas o registro, a relação desses elementos com a inclusão digital e o próprio teor significativo ao contexto fica a cargo de cada aluno, diante do que mais lhe interessou nessa experiência. Nesse quesito, concordamos com Moran (2003) da validade da experiência para ampliar o conhecimento, entrar em contato com novas visões e a maturidade de um conceito é de acordo com o sujeito aprendente, se ele considera um conhecimento válido e significativo para o seu contexto.

5.3.3 Produção Digital

Para atender ao objetivo específico dessa pesquisa, o de investigar a

influência da mediação pedagógica na produção de conteúdos digitais com blogs, tratemos nessa seção de elementos referentes à produção digital e seus processos, de modo a analisar a relação dessas mediações de professores e alunos nos blogs, trazendo elementos observados nos momentos da oficina de criação e manipulação do blog. As seções são divididas em: Identidade autoral; Identidade do blog e Experiência Nova.

- a) Identidade autoral: sobre essa sub-categoria foi percebida na construção da ideia do blog e postagens, criação da logomarca, como processo de construção da autoria dos alunos.

Em se tratando de autoria, algumas professoras trouxeram em suas falas a importância na produção digital. Foi percebido o estímulo à produção na rede, autoria e compartilhamento de ideias. Dos alunos que tinham blogs antes da oficina, dois afirmaram publicar textos que eles próprios escreviam. O estudante E9 tinha um blog no qual postava manobras do esporte que praticava, o skinboard. A alimentação da página era com imagens de manobras e vídeos feitos pelo próprio aluno. No blog de E3 eram postados textos relacionados aos seus sentimentos, afirmando “quando eu tô com raiva, quando eu tô apaixonada eu escrevo versos, textos, cartas, bilhetes. Eu escrevo e posto” (E3).

Ao serem incentivados a pensar numa ideia de tema para o blog, no momento de criação do blog observado na oficina, foram percebidos elementos de autoria. No Blog D, a dupla concordou na junção de dois temas para serem publicados na mesma página, podendo atrair mais leitores. Sobre a ideia temática do Blog D, E9 comentou

a gente escolheu esse tema porque são duas coisas bem distintas e que num blog só a gente pode reunir as duas coisas e a pessoa vê dois assuntos numa coisa só. Porque é interessante quando, tudo bem, eu gosto de esporte radical, ele gosta de novela mas se eu ver alguma coisa que é dele eu também posso me interessar e ele ver o que é meu. Então duas coisas que são distintas mas que ao mesmo tempo podem ser iguais [...] (E9).

A ideia do blog foi retirada de um acordo da dupla para realização da

atividade. Porém, o conteúdo textual estava de acordo com a proposta do blog expressa pelo aluno, do blog trazer sites que publicavam sobre novelas e esportes. Sobre a ideia e postagens do Blog D, percebemos elementos relacionados ao blog grupal de gênero informativo, segundo Primo (2008), ao tratar de republicações de sites sobre temáticas de interesse da dupla, considerando que estavam em processo de aprendizagem para construção de autoria.

Sobre autoria de imagem, P5 comentou com a turma ao trabalhar na edição de blogs, que eles poderiam buscar sites de criação de logotipos para criarem suas imagens e adicionarem ao blog deles:

outra coisa importante é você criar uma logomarca pro seu blog. Porque eu vi que muitos de vocês colocaram o nome normal, Maquiagem e Moda, mas vocês podem criar uma imagem pro blog de vocês, de graça [...] vocês podem criar o nome de vocês, com uma letra diferente e depois salvar essa imagem no blog de vocês pra ficar bem bonito (P5).

A partir do estímulo da professora, os alunos E8 e E9 buscaram um site gratuito de criação de logomarca, visualizaram as opções de letra, escolheram a cor mais apropriada. A partir da possibilidade de criar utilizando plataformas online com estruturas prévias, é permitido ao usuário expressar a sua ideia e disponibilizá-la em rede. Diante da possibilidade de expressar sua identidade autoral, a ideia do blog, na logomarca, os alunos utilizam uma linguagem visual para representar o elemento autoral. É compreendido que a expressão de identidade autoral no blog pode ser em qualquer linguagem, não se restringindo apenas à textual, por ser uma considerada forte nessa ferramenta digital.

Durante a oficina, a maioria das postagens era publicações de vídeo, textos e imagens já existentes na web. Como uma postagem do Blog D, ação descrita abaixo.

E9 esta na página de nova postagem do blog e coloca o título "A história do surf".

E9: buscar o link daquela imagem. Ainda tá no Google.

E9 insere a imagem escolhida na postagem e seleciona o texto da Wikipedia, contando sobre a história do surf.

P5: aí vocês colocam que é da Wikipedia.

E9: vou colocar aqui embaixo (E9 fazendo a postagem do Blog D).

Com relação aos indícios de autoria, as marcas percebidas em algumas postagens estavam relacionadas à identificação de outros sujeitos e não dos alunos, conforme a ação de postagem do Blog D. Como a funcionalidade do blog era de informações gerais sobre esportes e novelas, os alunos faziam as postagens, utilizando outras fontes mais específicas, porém apresentaram o processo de autoria quando dissertaram suas opiniões entre concordância e discordância. Sobre a construção de postagem, apresentamos abaixo um momento de construção por E8 e E9 no Blog D:

E9 e E8 conversam pra fazer a postagem. Estão no título
 E9: algo mais aí.
*Estão fazendo o título. Fica “Algumas manobras com seus detalhes”.
 Seleciona a imagem, que eles tinham salvo no computador, de
 Marcelo D2 num skate, dentro de um túnel. Eles fazem upload da
 foto no post do blog. E voltam a página que eles pegaram a foto para
 copiar o endereço para colocar na postagem.
 A foto carrega e aparece na página de edição de postagem. E9
 diminui o tamanho da foto e embaixo digita “Foto tirada do site de
 marcelod2.com.br” e coloca o site onde ele encontrou a manobra.
 Eles comentam sobre a foto.*
 E9: Isso aí tá saindo. Parece um cano de obra. Um túnel.
*E9 digita o que eles perceberam da foto “uma manobra feita dentro
 de um”*
 E8: cano?
 E9: dentro de um túnel (*Extrato de uma construção de postagem no
 Blog D*).

Podemos perceber que os alunos estavam construindo a postagem, que a escolha da imagem foi feita por eles em concordância. A conversa entre eles para a atividade estava relacionada à expressão da temática do blog na postagem.

Para Possenti (2002), é importante que haja existência de marcas para identificação de autoria dos sujeitos, de modo que os mesmos possam se expressar a partir das possibilidades de seu caminho. E, apesar de os alunos apresentarem dificuldades em expressar sua autoria interpretativa devido à própria compreensão na temática escolhida, os blogs produzidos não deixaram de expressar sua identidade enquanto autoria. Romão (2008) propõe a abrangência no conceito de autoria, que é “marcada por vozes que vão se apoiando em superfícies patinadas por outras vozes” (ROMÃO, 2008, p. 176), cuja construção auxilia no processo de

autoria, em se tratando de sujeitos que se sentem estimulados a criar um espaço para socialização de ideias e se consideram autores de uma página na web no qual possam adicionar elementos informativos.

Em se tratando de usuários que se expressam de acordo com as diferentes linguagens disponíveis na web, interligadas entre si, o que é uma característica do nativo digital (PRENSKY, 2001), torna-se importante destacar que aspectos de identidade autoral fazem-se presentes nessas construções. A produção digital compõe elementos midiáticos expressos nos diversos seguimentos e o seu processo de construção influencia e norteia os trabalhos. Experiências educativas auxiliam nos processos de construção e, em se tratando de produtos digitais, essas também contribuem no processo de autoria, que segue somado aos elementos e às ferramentas disponíveis na rede e auxiliam no decorrer do caminho para que ações críticas e interpretativas se façam mais presentes e expressas no trabalho.

- b) Identidade do blog: no processo de manipulação do blog foram percebidos elementos de sua identidade na escolha do plano de fundo, postagens escolhidas.

Quando tratamos de identidade do blog, nos remetemos às pequenas particularidades dos sujeitos que criaram e se expressaram a partir do blog e suas ferramentas.

Na discussão de edição do blog, P5 comentou sobre a importância na estrutura da página e que era possível importar de outros sites elementos para compor os blogs, como widgets, logomarcas, planos de fundo além dos disponíveis na plataforma Blogger, destacando que “algo muito importante no blog é a identidade, pra chamar a atenção do leitor” (P5). Outro ponto destacado na organização do blog foram as cores escolhidas para plano de fundo e fonte da letra da postagem, temática presente no planejamento da oficina, que pode influenciar na leitura das postagens, alertada por P1 ao dizer

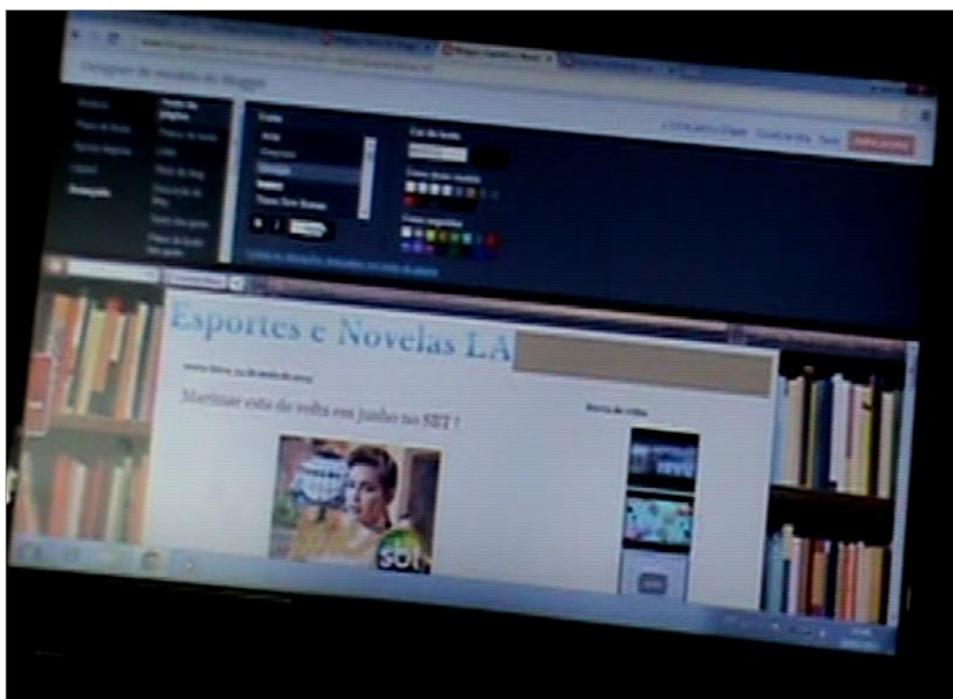
é interessante que vocês se preocupem na hora de fazer, escrever o texto no blog de vocês na combinação das cores. Preto, o branco ele se sobressai no preto. E também a fonte. Será que o leitor, a pessoa que for ler esse blog, será que ela não vai se cansar porque a letra tá

pequena, enfim, essas coisas têm que se preocupar também em quem vai ler o blog de vocês (P1).

Compreende-se que a organização do blog pode influenciar o leitor a visitar e conhecer o conteúdo disponível na página, ou seja, além de mostrar o que o blog retrata pode trazer leitores que se identifiquem com o produto digital encontrado.

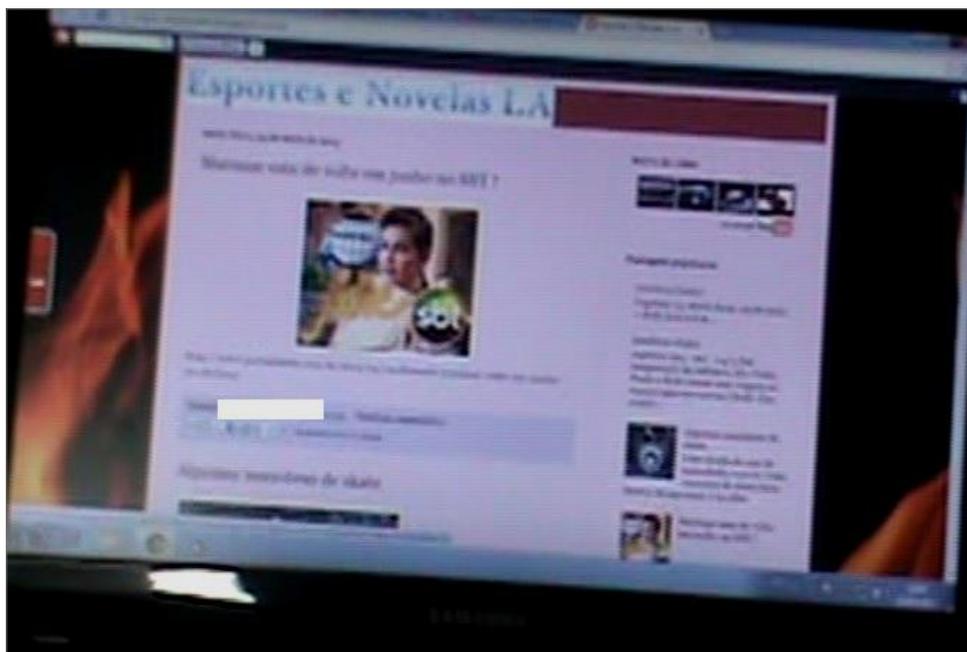
No processo de organização da página, o Blog D mudou três vezes o seu plano de fundo. Inicialmente, a página estava com um plano de fundo preto, após a discussão de edição, o plano de fundo do Blog D mudou duas vezes, como vemos nas Figuras 10 e 11 a seguir:

Figura 10: Segunda alteração no plano de fundo do Blog D



Fonte: registro videográfico, 2013.

Figura 11: Terceira alteração no plano de fundo do Blog D



Fonte: registro videográfico, 2013.

Da mudança do segundo para o terceiro plano de fundo, conforme percebido pelas figuras, houve uma discussão entre a dupla E8 e E9, pois E9 não acreditava que o plano de fundo com livros combinaria com a temática de esportes e novelas. Após conversarem, o plano de fundo foi alterado para o que visualizamos na Figura 11, imagem representando fogo. Nessa ação de mudança de plano de fundo, com o propósito de encontrar um que melhor retrate a ideia da dupla, são percebidas as partículas de identidade no trabalho. Compreende-se que a própria temática de esportes e novelas, escolhida pela dupla, evidenciou particularidades desses sujeitos, juntas numa única página. E esse blog funciona como um espaço representativo de elementos integrantes da identidade daqueles sujeitos. Se tratamos dessa página de internet como um espaço que representa uma identidade ou umas identidades, já que são dois alunos, nos remetemos ao que Recuero (2002) aponta sobre o blog ser um espaço de configuração da identidade do blogueiro.

Com relação às postagens e seus contributos ao blog, foi percebida a atenção de E9 para publicar postagens referentes ao universo escolhido para o Blog D, no quesito de esportes, em “eu vou dar uma pesquisada nos próximos campeonatos de surf e skinboard. Porque esporte não é uma coisa só, é geral” (E9). Para o aluno,

fazem-se importantes publicações que tragam informações de esportes variados, estando de acordo com a proposta do blog da dupla, de atender à expectativa do público ao visitar o blog e encontrar conteúdos do tema.

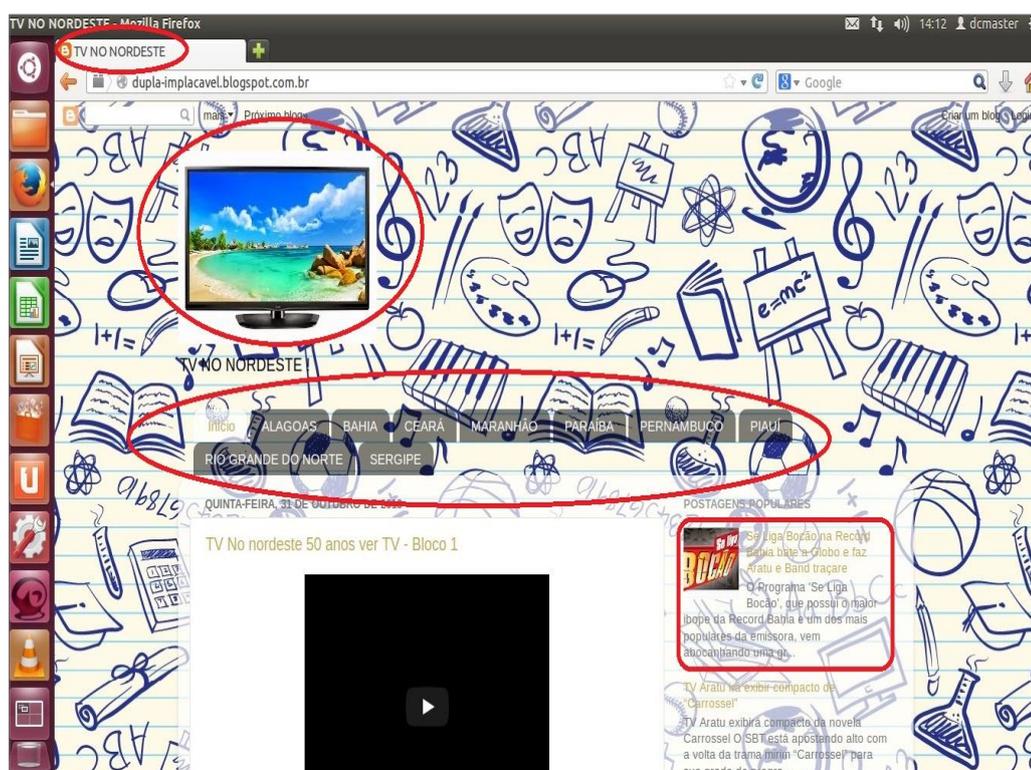
Dentro das informações que eles escolheram veicular no blog, há elementos de identidade naquela página. O “eu” interessado em novela junto com o “eu” de esportes configuram-se nas postagens publicadas. Como afirma Hall (2006), o indivíduo pode assumir identidades diversas em situações distintas. Para a realização do blog, os sujeitos escolheram um “eu” para ser expresso na página, em conjunto.

A intenção da atividade, ao destacar a importância da estrutura do blog e a busca de elementos para adicionar à página criada, postagens condizentes com a temática escolhida, atualização do blog para ele se manter em movimento na internet, para não ser esquecido pelos visitantes trazem pontos relacionados ao processo de mediação, ao ser compartilhado com a turma os propósitos das atividades feitas, atribuindo significados, como os porquês de uma página estruturada, de postagens atualizadas, para que os alunos percebam os motivos das ações e sintam vontade de fazê-las, não por ser uma obrigação, mas por se sentirem envolvidos no processo, conscientes da intencionalidade da ação educativa, havendo trocas no ato vivenciado, conforme apontam os critérios de Feuerstein (apud TÉBAR, 2011), os de mediação de significado e intencionalidade.

Para incentivar o olhar crítico às produções digitais feitas, as professoras estimularam a turma a buscar pontos positivos e apontar melhorias nos blogs dos colegas, numa forma de somar ao trabalho. E os alunos, ao visitarem os blogs, tendem a dar opiniões valorativas, assim como sugestões de troca e postagens futuras. Quando P4 perguntou à turma se mudariam ou acrescentariam algo no Blog F, os estudantes E7 e E9 sugeriram, respectivamente, que o plano de fundo, de início da cor preta, fosse trocado por uma foto da banda, e a postagem de alguns vídeos da mesma, tocando suas músicas. Nesse momento, percebem-se elementos da mediação de conduta compartilhada e de intencionalidade (FEUERSTEIN apud TÉBAR, 2011) ao incentivar alunos a participarem da atividade, dando sugestões, num ambiente favorável a interações, com os estudantes se sentindo à vontade para se expressarem.

Essas mudanças no layout e postagens referentes às temáticas do blog continuaram no Blog D após a oficina. Como podemos visualizar a seguir, o título, plano de fundo, abas, imagem, postagem destacadas na Figura 12 são condizentes com a temática abordada no período, assim como foi na organização do blog no período da oficina, que tratava de novelas e esportes.

Figura 12: Blog D após oficina



Fonte: dupla-implacavel.blogspot.com.br

O Blog D teve alterações de acordo com a temática escolhida pelo blogueiro que o alimentava, o E8. Supomos essa questão devido às assinaturas nas postagens, à divulgação na rede referente à programação de televisão e à temática que deu sequência à alimentação da página. Sobre a questão de manipular o blog com enfoque de publicações sobre televisão, em específico do Nordeste, encontramos uma parcela de identidade de E8 expressa no blog. Essa imagem foi percebida no período de outubro de 2013, e entre dezembro e janeiro de 2014 o blog teve como enfoque um *reality show* apresentado por uma destacada rede de televisão brasileira, com postagens e planos de fundo relacionados a essa temática,

que acreditamos acompanhar a expressão em paralelo à exibição do programa, relembrando a afirmativa de Goffman (2003), cujo papel atual do sujeito é o dado de mais importância no momento.

c) Experiência nova

Em se tratando de uma oficina de blog no qual os alunos se inscreveram de acordo com seus interesses, cada qual possuía ideias e expectativas a serem materializadas nessa ação educativa. Como também havia uma organização prévia, o planejamento da oficina, em que as professoras se nortearam para trabalhar com esses jovens. As educadoras, com suas experiências e intencionalidades, proporcionaram esses momentos em prol dos objetivos a serem alcançados com a turma.

Por mais que os alunos possuíssem experiências prévias na rede e já tinham feito atividades semelhantes às ocorridas numa plataforma de blog, em se tratando principalmente de postagens, foi percebido que novas experiências podiam surgir para os não habituados com o blog como também para os que já tinham blogs antes da oficina.

E9 tinha blog antes da oficina mas não tinha passado pela experiência de fazer um blog coletivo, ainda mais com seu colega. E esse, o E8, não sabia o que era blog e nunca tinha manuseado um. Decisões tomadas, escolha de aplicativos, imagens, plano de fundo, resolução de problemas, foram situações vivenciadas pelos alunos compostas no trabalho observado. Em relação a isso, E9 afirmou:

[...] todo um trabalho assim que você comece você já não cai de cara nele, sempre faz uma pesquisa antes e quando é em grupo você procura debater o que você vai fazer naquele trabalho, o que você vai incluir nele. Então você nunca, por exemplo, trabalho de colégio em grupo, você já cai direto fazendo. Não, você conversa com todos os outros pra saber o que vai fazer. Foi a mesma coisa na oficina de blog. Cada um deu sua opinião e acabou ajudando pra criar o blog (E9).

Além dos alunos passarem pela experiência de aprendizagem, as

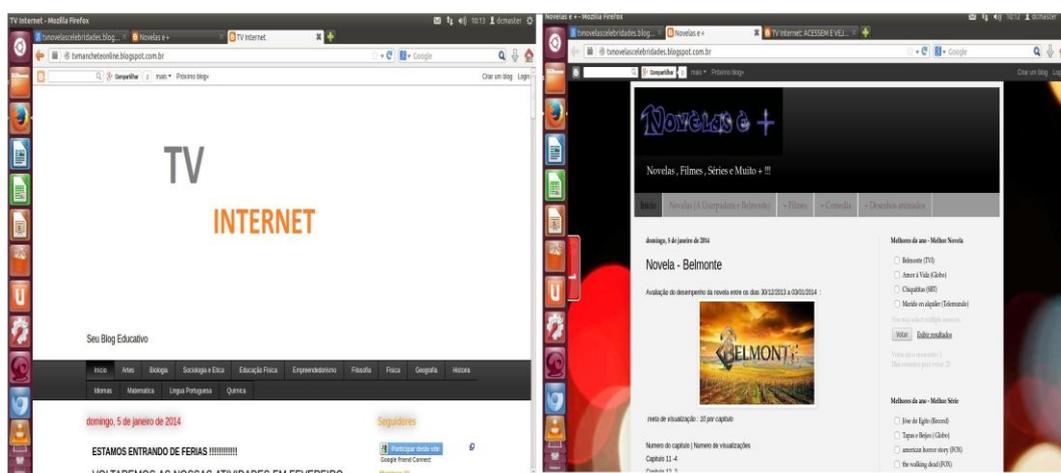
professoras, por também estarem incluídas no processo, tiveram essa experiência com os alunos e entre elas. A partir das temáticas dos blogs de E11, e da dupla E5 e E7, algumas professoras tiveram o primeiro contato com elas, de conhecer um pouco sobre a banda de *heavy metal* e integrantes da cultura pop coreana. Essa situação despertou a curiosidade dessas professoras, que poderiam, em outro momento, pesquisar e obter mais informações sobre essas temáticas em outros espaços.

Ao trabalhar a organização do layout do blog, P5 trouxe novas informações ao grupo. Alunos e professoras conheceram algumas possibilidades fora da plataforma Blogger que podem ser incluídos no blog criado, como planos de fundo, aplicativos, logomarca, gratuitos e livres para serem utilizados, ou seja, importados ao blog, evidenciando que, a prática educativa traz elementos para aprendizagem de alunos e professores, e por mais que o planejamento objetive trabalhar os alunos, os educadores se envolvem e também aprendem com eles, visto as individualidades e experiências trazidas pelo grupo estarem presentes naquela aula. E que o pensar seja transformado e a junção deles traga novos saberes, sendo o indivíduo consciente de sua transformação, conforme nos faz refletir Freire (2006).

Faz-se importante destacar o envolvimento de E8 com a ferramenta digital blog no quesito de novas experiências. Durante a oficina, E8 acompanhava, na maior parte do tempo, o que sua dupla fazia no blog. Com olhos e ouvidos atentos às conversas e ações na página, e às orientações das professoras, acordava as inserções e mudanças no Blog D junto a E9, e fazia as postagens sobre novela para firmar a temática escolhida.

É possível que, em outras circunstâncias, essa atitude tímida dificultasse a percepção de aprendizagem e impacto de mediação nesse aluno, por conta de ferramentas de análise insuficientes para alcançar a dimensão de aprendizagem de um sujeito, não por ser falha, mas por conta da complexidade e das ramificações que o conhecimento e a aprendizagem significativa de um sujeito podem alcançar e se modificar. A partir do acompanhamento e divulgação do blog, contato com as professoras e o grupo do Facebook da oficina foi possível identificar duas produções digitais de E8, criadas após a oficina, que podemos visualizar a seguir.

Figura 13: Blogs criados por E8 após a oficina



Fontes: tvmancheteonline.blogspot.com.br e tvoctelascelebridades.blogspot.com.br

Esses blogs têm temáticas relacionadas à televisão e o primeiro, intitulado Tv internet foi criado no intuito de homenagear uma emissora já extinta no Brasil. A partir do interesse de E8 em expressar seus gostos na internet foram criados esses blogs. Essa ação pós-oficina nos faz perceber que a experiência vivenciada causou um impacto nesse aluno, estimulando-o a criar blogs individuais, diferenciando da primeira experiência. Rearfirmado a colocação de Moran (2003) que o aprender depende do estudante, e dar significância ao trabalho e à informação depende dele, do quanto aquela situação pode mexer com o seu contexto, como também com o cognitivo e emocional e, se essa não é significativa, não é aprendida de forma plena. Trazemos essa questão e destacamos essa ação por E8 ter participado da oficina sem saber o que era blog, como ele informou, e que suas perspectivas de saber, poder criar, aprender as ferramentas, publicar, divulgar a página foram alcançadas e, somando à experiência ocorrida, intencionada pela mediação de professoras e colegas, impulsionou a intensificação dessas atividades não só no blog grupal, mas também nos blogs pessoais criados posteriormente. Percebemos o impacto e a influência da mediação pedagógica durante a oficina e depois dela, por sua vivência ter dado subsídios para um trabalho posterior.

Quando nos remetemos ao objetivo geral dessa pesquisa, o de analisar qual a contribuição da mediação pedagógica na produção de conteúdos digitais com blogs no programa de extensão Proi-Digit@I, para a concepção e perspectiva de

inclusão digital dos jovens participantes de oficina de blog em Recife, encontramos elementos de intencionalidade, participação, estímulo à colaboração que cercaram a experiência acompanhada na oficina de blog. Percebemos vontades guiando as produções e acordos feitos entre colegas, assim como concepções de inclusão digital somadas no decorrer da discussão, devido às inserções dos mediadores, alunos e professoras, que estimulavam a reflexão de afirmativas, (re)significando o dialogado.

No decorrer das produções digitais, vemos um conjunto de parcelas de identidade expressas nas linguagens de texto, imagem, vídeo, num processo de representação de uma parte do “eu” de cada aluno, ao escolher temáticas e elementos de postagem, assim como a identidade autoral em seu processo de construção, utilizando os diversos meios disponíveis na internet. A ideia de criar e se sentir autor daquele blog estimula buscas e construções, assim como criações futuras, trabalhando aspectos de inclusão digital que norteiam a oficina do Programa de Extensão estudado, do sujeito ser participativo, autor, divulgador de ideias, usando a rede e as ferramentas digitais a seu favor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluída na problemática de uso de TIC com jovens em uma oficina de blog de um programa de extensão da UFPE, essa pesquisa teve como pergunta norteadora a questão de como a mediação pedagógica promovida nas oficinas de blog do Proi-Digit@I contribui na produção de conteúdos digitais com blogs numa perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes? Ao longo do trabalho, remetemos a essa questão buscando atender ao objetivo geral da pesquisa, o de analisar qual a contribuição da mediação pedagógica na produção de conteúdos digitais com blogs no programa de extensão Proi-Digit@I, para a concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes de oficinas em Recife, e nos objetivos específicos tratando de investigar a influência da mediação pedagógica dos professores e dos jovens na produção de conteúdos digitais com blogs; e analisar a relação destas mediações na concepção e perspectiva de inclusão digital dos jovens participantes durante a oficina de blog.

Identificamos elementos que nos auxiliaram a perceber a relação dessa mediação nas concepções e perspectivas de inclusão digital dos alunos da oficina de blog de um Programa de Extensão que estimula seus alunos a interpretar, refletirem e se expressarem suas ideias, a partir de ferramentas tecnológicas, e atingirem outros espaços, ou até mesmo espaços conhecidos, podendo estes serem vistos de maneira diferente.

Vimos no caminhar da discussão de inclusão digital, as primeiras percepções surgirem, quando a estudante E3 traz uma ideia, encontrada num jornal, de inclusão digital bem conhecida em projetos, da disponibilização de equipamentos para possibilitar um maior acesso ao público. E como E10 expressou a importância do acesso, do estar na internet diariamente, e perceber, no decorrer da mediação, que ações de pesquisa, sejam elas de cunho escolar ou de curiosidade também são elementos da inclusão digital. É perceptível na análise da categoria de concepções de inclusão digital o envolvimento de ideias, de alunos e professoras, dentro da discussão, e os questionamentos das educadoras nas respostas que relacionavam o fenômeno aos equipamentos tecnológicos, objetivando a ampliação do olhar, adicionando o elemento “eu” no espaço tecnológico, um “eu” objetivo, interpretativo,

autoral, contribuinte no ambiente vivenciado. Assim como Andrade (2013) detectou, percebemos certa dificuldade de alunos em expressar uma concepção do fenômeno, porém isso não impediu de os alunos serem impactados pela discussão, de adicionarem elementos à ideia de inclusão digital.

As perspectivas de inclusão digital, voltadas à aprendizagem na participação da oficina de blog, nos permitiram evidenciar alguns dos propósitos de escolha da mesma, além do que impulsiona os sujeitos a participarem dela, colaborando no ato educativo, como conhecer mais sobre as ferramentas do blog, saber o que é um blog, fazer publicações e interagir com outros usuários. Identificamos anseios de continuar alimentando os blogs produzidos e de criar novos, após a experiência vivida, evidenciando uma marca deixada pela participação e troca ocorrida nos encontros, diante da possibilidade de extrair novas informações que ampliem nossos conhecimentos (MORAN, 2003).

Na produção digital percebemos as ações da dupla E8 e E9 no seu blog, acordando sobre a ideia de seu blog, buscando informações para composição da página, criando a logomarca, fazendo parte do processo de construção de autoria, podendo desenvolver em outros períodos, ações de interpretação e análise de conteúdos, seja ele no espaço Blogger ou na extensão da rede. Compreendemos como sujeitos capazes de transformar discursos, podendo utilizar as ferramentas a seu favor.

Em se tratando de contributos, faz-se importante destacar as aprendizagens da dupla acompanhada. E9 apesar de já possuir blog e fazer postagens relacionadas ao esporte que praticava, pode aprender junto com o grupo ações de edição de página, como adicionar aplicativos e planos de fundo de outros sites ao blog criado, além da descoberta do blog para negócios, despertando o interesse para um momento a posteriori. Esse novo aprendizado somado ao que já possuía guiou as ações junto ao colega e a sua criação, o Blog D. E9 comentava suas atividades à frente da tela ao amigo E8, em alguns momentos antecipando o que gostaria de fazer e perguntando a opinião do colega, que o olhava e concordava, se expressando oralmente em poucos momentos observados. Quando estava publicando informações sobre novela, E8 adicionava textos e imagens, de acordo com o que já tinha acompanhado o colega fazer e no final expressou que aprendeu

várias coisas nesses dois encontros, que era muito interessante aprender o que não conhecia ainda, nesse caso o aluno desconhecia o que seria a ferramenta digital blog. Firmamos a aprendizagem e impacto da mediação ocorrida com esse aluno ao identificarmos, posteriormente, que E8 estava publicando, além do Blog D criado com o amigo, mais dois blogs, do tipo pessoal, com enfoques televisivos, as facetas do eu expressadas em mais duas páginas da web. E as práticas aprendidas na oficina ganharam mais espaços, num processo de construção de identidade, como também de construção autoral.

Assim, percebemos que nossa hipótese ao problema de pesquisa foi confirmada, ao afirmamos que, a mediação pedagógica, numa perspectiva de inclusão digital, ocorrida na oficina de blog, contribuiu para a produção de conteúdos digitais com blogs, favorecendo e estimulando um espaço de criação durante o processo de ensino e aprendizagem e nas percepções de inclusão digital dos jovens, promovendo a construção de saberes em diversos espaços.

Acreditamos nas implicações de uma ação educativa nos sujeitos participantes, essa podendo atingir objetivos previamente estabelecidos como também alcançar outras instâncias em que nossos olhos e aparatos pedagógicos não possam detectar.

Que a mediação pedagógica possibilite construções de conhecimentos diferentes e (re)posicionamentos acerca de situações vivenciadas, no quesito de somar ao sujeito, fruto intencional do processo, e ao outro, o identificado historicamente da ação. E que essas situações nos ajudem a pensar no quanto essas vivências podem influenciar nas possibilidades de aprendizagem desses alunos e professores. Porém, percebemos que esse conhecimento nos dá indícios de quanto essas atitudes, pautadas da experiência dos alunos na rede e seus anseios com relação à atividade contribuíram nos processos vivenciados. E que o conhecimento dos professores, esses trazendo sua experiência em estudos, planejamento, participação em outros espaços, impulsiona o processo junto com suas turmas. Compreendemos que essas ações podem contribuir na mediação ocorrida na oficina, com envolvimento dos professores e alunos, participantes desse processo, carregados de intencionalidade, experiências e individualidade que influenciam e constroem o ato educativo.

Em se tratando de uma mediação ocorrida numa atividade extensionista, assim como em qualquer ação educativa, faz-se importante a valorização e importância do sujeito e suas experiências, numa atividade de articulação desses saberes múltiplos, para que a extensão ocorra como uma ação social transformadora sem superioridade de ideias e culturas, com respeito ao indivíduo participante (FREIRE, 2006). E extensão universitária tem sua contribuição tanto para o público objetivado como para os que trabalham com ela. Conforme apontamos, os professores envolvidos na extensão aprendem novos saberes e (re)significam visões de espaço e mundo, trazendo ganhos à sua formação profissional como também na pessoal, pois se trabalha com parcelas de realidade que transformam a si e ao outro a partir da escolha de participação.

Como sugestões para trabalhos futuros, para melhor compreender a contribuição da mediação na concepção e perspectiva de inclusão digital dos alunos, serem identificadas previamente suas ideias desse conceito, individualmente, conforme feito por Andrade (2013), para que na discussão com a turma possam ser percebidas as ênfases, complementos e possíveis alterações diante das múltiplas visões expressadas. Na discussão em grupo observada por essa pesquisa percebemos opiniões dos alunos que se dispuseram a se expressar, já que a participação era livre e as professoras respeitaram o silêncio em alguns momentos. É compreendida a dificuldade e até mesmo a timidez de iniciar uma discussão, cabendo aos colegas mais falantes fazerem essa ação. Por conta disso, sugerimos essa coleta individual antes da “roda” de discussão, para que os alunos possam expressar suas ideias, previamente, e quem sabe sendo feita essa ação anteriormente eles se sintam estimulados a dizê-las ao grupo.

Outra sugestão seria a captura de tela das ações dos alunos durante a oficina. A utilização de um programa de captura, que não foi possível nessa pesquisa por conta da mudança de equipamentos e a impossibilidade de instalação em tempo hábil, auxiliaria no acompanhamento de mudanças feitas nas páginas do blog. Percebemos que no blog da dupla acompanhada com mais proximidade, os alunos mudaram três vezes o plano de fundo, além das alterações nas postagens realizadas. Alguns puderam ser vistos no registro videográfico, porém as alterações de postagem apresentaram dificuldades de visualização do texto, por conta do

alcance da imagem.

Em se tratando da contribuição da mediação pedagógica em oficinas de um Programa de Extensão, a observação em mais grupos possibilitaria a análise de mais elementos, com aprofundamento das categorias escolhidas e um entendimento maior dessa ação. Com a observação de mais grupos também seria possível analisar os impactos de cada espaço onde as oficinas se realizam, buscando elementos que influenciem na ação extensionista. O debruçar no processo de construção do planejamento da oficina e nos perfis dos professores da extensão para identificar as ideologias, identidades e relações com a formação profissional, com o propósito de analisar esses elementos que se fazem presentes numa ação educativa, sejam eles perceptíveis ou não durante o processo. Isso contribuiria para pensarmos que a mediação ocorre de acordo com os perfis dos indivíduos, dos elementos organizados objetivamente e a imprevisibilidade dos fatos, por se tratarem de sujeitos com individualidade, intensidade e intencionalidades diversas, que modificam e influenciam o caminhar de alunos e professores durante a ação e deixam marcas nos próximos passos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (orgs.). **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-53.

AMORIM, C. C. de. **Compartilhando e construindo conhecimento**: ação mediada entre crianças e adolescentes no desenvolvimento de blog pedagógico-literário em uma biblioteca pública da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. 178 p.

ANDRADE, M. H. M. de. **O Ato Narrativo Audiovisual e Inclusão digital**: concepções e perspectivas por jovens de periferia. 2013. 258f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação, Recife, 2013.

ARAÚJO, M. M. U. de. **Potencialidades do uso do blog em educação**. 2009. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BONILLA, M. H. S. **Escola aprendente**: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quarter, 2005. p. 17-36.

BONILLA, M. H. S.; OLIVEIRA, P. C. S. de. Inclusão digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, M. H. Silveira; PRETTO, N. De L. (Org.). **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. v.2. p. 23 – 48.

BORGES NETO, H.; RODRIGUES, E. S. J. O que é inclusão digital? Um novo referencial teórico. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n.27, p.345-362, jul./dez. 2009.

BRANDÃO, M. **Dimensões da inclusão digital**. São Paulo: All Print Editora, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **PROEXT 2013 - PROEXT 2013 - Edital nº 02.** Disponível em: <http://sigproj1.mec.gov.br/edital_blank.php?id=480> Acesso em: 9 set. 2013.

CAMACHO, L. M. Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v.22, n.2, p. 325-343, jul./dez., 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALHEIRO, J. dos S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n.11/2, p. 67-81, dez. 2008.

CAZELOTO, E. **Inclusão digital:** uma visão crítica. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

COUTINHO, C. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. **Blog e Wiki:** Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0 . SIIE'2007 – atas do Simpósio Internacional de Informática Educativa, Porto, Portugal, 2007. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7358>> Acesso em: 20 ago. 2012.

CUNHA, C. R. C. da. **Cibercultura e inclusão digital:** perspectivas e concepções. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação, Recife, 2010.

CUNHA, M. I. da. Estudo um: A indissociabilidade do ensino com a pesquisa e a extensão como referente da qualidade na universidade brasileira: um discurso em tensão. In: CUNHA, M. I. da (Org.). **Qualidade da graduação:** a relação entre ensino, pesquisa e extensão e o desenvolvimento profissional docente. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2012. p. 17 – 38.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n.100 - Especial, p.1105-1128, out. 2007.

FONTANA, R. A. C. F. **Mediação pedagógica na sala de aula.** 4ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FOUCAULT, M. O que é um Autor? 2001. p. 1-44. In: Foucault, M. **Ditos e Escritos:**

Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Extensão ou comunicação?** 13ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREITAS, J. M. A. de. **Estilos de aprendizagem no virtual: as preferências do discente do ensino superior a distância**. 2013. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação, Recife, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405>> Acesso em: 02 jan. 2013.

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, M. J. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa. Leiria, Portugal, 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>> Acesso em 1 jul. 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEDEGAARD, M. A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In: DANIELS, H. (org.). **Uma introdução à Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002. p.199-227.

KENSKI, V. M.. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003.

_____. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

KIST, S.; CARVALHO, M. J. S.. Um laptop por criança e as práticas de leitura e escrita: perspectivas para a inclusão digital. In: TEIXEIRA, A. C.; PEREIRA, A. M. de O.; TRENTIN, M. A. S. (Org.). **Inclusão digital**: tecnologias e metodologias. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 139-170.

LEMOS, A.; COSTA, L. F.. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 8, n. 6, p. 1-15, Sep. 2005.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, L. C. A democratização das organizações educativas e a participação como ingerência: contribuições de Paulo Freire. **Fórum 31**, p. 81-94, Jan-Jun. 2002. Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12201/1/A%20Democratiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Organiza%C3%A7%C3%B5es%20Educativas%20e%20a%20Participa%C3%A7%C3%A3o%20como%20Inger%C3%A7%C3%A3o%20Contribui%C3%A7%C3%B5es%20de%20Paulo%20Freire.pdf>> Acesso em: 13 abr. 2014.

LOPES, H.; MELO FILHO, C. E. B. de; PADILHA, M. A. S. **Oficina de animação**: formação e mediação na inclusão digital. X Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, Recife, 2012.

MALACARNE, T. T. et al. Aspectos sociais da experiência do mutirão pela inclusão digital: resgatando cinco anos de atividade. In: In: TEIXEIRA, A. C.; PEREIRA, A. M. de O.; TRENTIN, M. A. S. (Org.). **Inclusão digital**: tecnologias e metodologias. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 207-224.

MANTOVANI, O.; DIAS, M. H. P.; LIESENBERG, H. Conteúdos abertos e compartilhados: novas perspectivas para a educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 257-276, jan./abr., 2006.

MARQUES, W. R.; SOUZA, C. V. de; ALVES, A. E. da S. **Cibercultura, som e inclusão digital**. Anais do ENPECPOP – Encontro Nacional de Pesquisadores(as) em Educação e Culturas Populares, Uberlândia, 2011.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003. p. 133-172.

MATTA, A. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história**: utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MATIAS, P. C. et al. **Proi-Digit@I e a articulação de conteúdos no blog**: da expansão, produção, política de uso e direitos autorais. VI Simpósio Nacional da ABCiber – Entretenimento Digital. Novo Hamburgo, RS, 2012.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-29.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7ed. Campinas: Papirus, 2003. p. 11-65.

NOVA ESCOLA. **Guia de Tecnologia na Educação**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2012.

PADILHA, M. A. S. et al. Proi-Digit@I: leitura, interpretação e produção de conteúdos digitais: perspectivas de inserção social através de ações educativas de inclusão digital na periferia de Recife, Olinda e Caruaru. In: MACHADO, L. B.; BARBOSA, M. L. F. de F. (Org). **Práticas de extensão no Centro de Educação**: um resgate de sentidos e experiências. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

PASCHOAL, S. B. de N. **Mediação cultural dialógica com crianças e adolescentes:** oficinas de leitura e singularização. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PIMENTEL, C. **Blog:** da internet à sala de aula. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. 174f.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 01, p. 105-124, jan./jun., 2002.

PRENSKY, M. **Digital Natives, digital immigrants.** In: On The Horizon. MCB University Press, vol. 9, n. 5, oct, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>

PRIMO, A. **Blogs e seus gêneros:** avaliação estatística dos 50 blogs mais populares da língua portuguesa. In: Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Natal, 2008.

RECUERO, R. da C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. 2002. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>> Acesso em 6 jan. 2014.

ROMÃO, L. M. S. A autoria na rede eletrônica: considerações sobre o sujeito-navegador. In: TFOUNI, L. V. (org). **Múltiplas faces da autoria:** análise do discurso, psicanálise, literatura, modernidade e enunciação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, p. 159-178.

ROSA, H.; ISLAS, O. Contribuições dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação. In: AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (orgs.). **Blogs.Com:** estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p. 161-177.

SANTOS, B. de S. **A universidade pública no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, B.; CALDAS, J. **Interacção, Mediação, Identidade.** In: PACHECO, J. et. al. (orgs.). Actas V Colóquio sobre Questões Curriculares (I Colóquio Luso-basileiro). Braga: Universidade do Minho, 2002. p. 918-930. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/1822/14660>> Acesso em: 20 ago. 2012.

SILVA, E. M. dos S. et al. **Autoria Audiovisual e inclusão digital**: criando vídeos digitais com jovens de periferia. VI Simpósio Nacional da ABCiber – Entretenimento Digital. Novo Hamburgo, RS, 2012.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica... 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SILVA, T. M. da; RÖSING, T. M. K. Blogs: práticas de escrita instantânea e interativa na sociedade da aprendizagem. In: TEIXEIRA, A. C.; PEREIRA, A. M. de O.; TRENTIN, M. A. S. (Org.). **Inclusão digital**: tecnologias e metodologias. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 113-138.

SILVEIRA, M. R. **Blog**: eu te lendo e tu te escrevendo. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2010. 143p.

SORJ, B.; GUEDES, L. E. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos Estudos**, Cebrap, n. 72, p. 101-117, Jul., 2005.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARELA, A. **Informação e autonomia**: a mediação segundo Feuerstein. São Paulo: Editora Senac, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

WHITE, D. S.; LE CORNU, A. Visitors and Residents: a new typology for online engagement. **First Monday**, vol 16, n. 9, set. 2011. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049>> Acesso em: 16 jan. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário para os participantes da oficina de Blog

Caro(a) aluno(a),

esse questionário tem como objetivo levantar informações sobre o acesso e uso da internet, e as expectativas dos alunos com relação a oficina de blog. As informações dadas contribuirão para a pesquisa feita nessa oficina.

Desde já agradeço pela participação!

Att,

Patricia Carvalho Matias

Nome	
Idade	
Série	

1- Você acessa a internet?

Sim Não

2- Com que frequência você acessa a internet? (Marque uma opção)

- () Todos os dias
 () Mais de 3 vezes por semana
 () 1 ou 2 vezes por semana
 () 2 vezes por mês
 () Raramente

3- Em que local(is) você costuma acessar a internet? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Na sua casa
 () Na casa de parentes
 () Na casa de amigos
 () Na casa do seu vizinho
 () Na escola
 () Lan House
 () Biblioteca

() Outro(s). Qual(is): _____

4- Você tem algum login em site na internet?

() Sim () Não

5- Qual(is)? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Email (Hotmail, Yahoo, Gmail...)
 () MSN
 () Orkut
 () Facebook
 () Twitter
 () Youtube
 () Blog (Blogger, Wordpress...)
 () Site de jogos
 () Outro(s). Qual(is): _____

6- O que você faz nesses sites? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Converso com meu(s) amigo(s)
 () Jogo
 () Pesquisa para escola
 () Assisto a videos (clipes, filmes...)
 () Diversão
 () Faço postagens (Orkut, Twitter, Facebook, Blog...)
 () Outro(s).Qual(is): _____

7- Você gosta de postar na internet?

Sim Não

8- Se sim, o que você gosta de postar?
(Pode marcar mais de uma opção)

- () Músicas
 () Textos (poemas, crônicas, letras de música, entrevistas)
 () Vídeos
 () Imagens
 () Outro(s). Qual(is): _____

9- Sobre o conteúdo das postagens, o que você posta na internet (música, vídeo, textos): (Pode marcar mais de uma opção)

- () É o que estou sentindo no momento
 () Algo que aconteceu comigo ou com alguém conhecido
 () Algo que está acontecendo comigo ou com alguém conhecido
 () Dar um recado para um(a) amigo(a)
 () Participar de algum sorteio ou promoção
 () Divulgar uma notícia ou informação importante
 () Fazer alguma denúncia ou reclamação de algo que não esteja gostando na sua vida
 () Fazer alguma denúncia ou reclamação de algo que não esteja gostando na sua

escola, bairro, cidade...

() Outro(s). Qual(is): _____

10- Com relação a oficina, o que você espera aprender nela? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Saber o que é um blog e suas características
 () Criar um blog
 () Conhecer as ferramentas do blog
 () Aprender mais sobre as ferramentas do blog (HTML, gadgets)
 () Buscar informações num blog
 () Publicar meus textos, imagens, etc.
 () Comunicar com outras pessoas pelo blog
 () Divulgar informações ou notícias da minha escola e/ou bairro
 () Divulgar meu blog na internet
 () Outro(s). Qual(is): _____

APÊNDICE B - Perguntas que nortearão a atividade inicial com os jovens

Rafinha e mundo digital

- Como vocês viram o mundo de Rafinha?
- Vendo o mundo de Rafinha, como vocês veem o seu mundo? Que diferenças e semelhanças vocês encontram entre o mundo de Rafinha e os seus?
- Como é a vida de Rafinha? Como vocês veem a vida de Rafinha?
- Que semelhanças e diferenças vocês veem em relação a vida de Rafinha e as suas?

APÊNDICE C – Roteiro de filmagem dos momentos da oficina

Primeiro dia

Momento 1: Rafinha (Eu?) e o mundo digital – serão registradas as reações dos jovens referente ao vídeo apresentado e os questionamentos feitos pela pesquisadora.

Câmera: plano aberto da turma porque permite captar a visão de todos os participantes, intercalando com close aos que estiverem se expressando verbalmente.

Momento 2: Reflexões sobre inclusão digital – dentro da discussão sobre inclusão digital promovida pelos mediadores do programa, é pretendido registrar como a temática será problematizada, as impressões dos jovens, seus comportamentos e indagações.

Câmera: plano aberto da turma, intercalando com close aos que estiverem se expressando verbalmente.

Momento 3: Discussões sobre blog: conceito, características, uso, pesquisa de blogs – serão registradas as discussões sobre blog, opiniões dos jovens sobre a ferramenta, pesquisa de blogs, os caminhos e as escolhas, o que os mesmos pesquisarão e apresentarão a turma como exemplos de blogs e suas características, discussão junto com os professores do programa após essa apresentação;

Câmera: inicialmente será feito um plano aberto da turma, com corte para iniciar o plano sequência para captar as opiniões. Na pesquisa dos blogs câmera posicionada próxima ao grupo pesquisado, com plano fechado intercalado para os jovens e a tela do computador.

Momento 4: Discussões sobre políticas de uso, ética e direitos autorais – NÃO FAZ PARTE DA COLETA

Momento 5: Criação de email, organização dos grupos para criação de blog - NÃO FAZ PARTE DA COLETA

Segundo dia

Momento 1: O que fizemos no dia anterior? – será registrado o resumo do que for discutido com a turma no primeiro dia de oficina, principalmente as reflexões sobre inclusão digital e blog.

Câmera: plano aberto para captar a visão de toda a turma, com close nos sujeitos que estiverem se expressando.

Momento 2: Criação do blog: escolha do tema, organização da página, primeira postagem – serão registrados os comportamentos dos jovens no processo de construção do blog, interação com a plataforma Blogger;

Câmera: posicionada próxima ao grupo pesquisado, com plano fechado intercalado para os jovens e a tela do computador.

Momento 3: Visualização dos blogs: troca de links pela turma, visitação dos blogs produzidos, comentários, e divulgação na rede – registraremos quais blogs serão vistos pelo grupo pesquisado colegas, quais serão comentados e o que será comentado e reação dos jovens com relação aos comentários recebidos do blog produzido;

Câmera: Inicialmente posicionada ao grupo pesquisado, plano fechado. Na apresentação da turma câmera posicionada em plano aberto. Quando cada grupo apresentar seus blogs, câmera posicionada em plano médio, intercalando a tela projetada no Datashow, plano fechado, e a apresentação oral dos participantes.

Momento 4: Avaliação da oficina – será registrado a reação dos jovens referente à participação na oficina, as contribuições significativas dos professores e dos colegas durante o processo referentes às produções digitais e à discussão sobre inclusão digital.

Câmera: plano aberto (para visualizar todos os participantes), com closes aos que se expressarem verbalmente.

APÊNDICE D – Roteiro de observação

Momentos da oficina Atitudes Mediadoras	Momento 1: Reflexões sobre inclusão digital	Momento 2: Blog: conceito, uso, pesquisa	Momento 3: Criação do blog, edição de página	Momento 4: Visualização dos blogs produzidos
Estímulo à participação no processo educativo				
Atribuição de significado ao que é trabalhado				
Estímulo à reflexão das ações do sujeito, para que o que for aprendido possa ser utilizado em outro(s) espaços				
Estímulo à reflexão para tomada de decisões e responsabilidade				
Debater as dúvidas				
Orientação quando existirem dificuldades nas atividades propostas				
Troca de experiências				
Estímulo à percepção das diferenças entre sujeitos (concepções, identidades, opiniões)				
Estímulo à cooperação entre os sujeitos				
Incentivo (emocional) à participação nas atividades, mostrando que os sujeitos são capazes de realizá-las				
Estímulo ao planejamento da ação, traçar metas para alcançar os objetivos				
Estímulo à busca de novos caminhos, novas formas de aprender				
Incentivo à reflexão para mudança, buscando melhorias				
Incentivo à resolução de problemas, encarar desafios				
Estímulo à percepção dos sujeitos enquanto integrantes de uma cultura, de uma comunidade				

APÊNDICE E – Entrevista em grupo com os jovens

- Vocês acham que as discussões foram importantes para a produção do blog? (sobre a contribuição dos professores e dos colegas)
- Que postura/ação dos professores vocês acham que contribuiu/ajudou na produção do blog?
- Que postura/ação dos professores vocês acham que não ajudou ou atrapalhou na produção do blog?
- Que postura/ação dos seus colegas vocês acham que contribuiu/ajudou na produção do blog?
- Que postura/ação dos seus colegas vocês acham que não ajudou ou atrapalhou na produção do blog?
- Vocês acham que os conteúdos discutidos (inclusão digital, direitos autorais, ética, edição do blog) podem ser usados em outro espaço além do blog? Como?
- Para vocês, que postura/ação dos professores contribuiu na discussão e reflexão sobre inclusão digital?
- E a que não ajudou ou atrapalhou nessa reflexão sobre inclusão digital?
- E com relação aos seus próprios colegas, que postura/ação contribuiu nessa discussão de inclusão digital?
- E a postura/ação deles atrapalhou ou não ajudou nessa discussão?
- Vocês acham que as opiniões dos professores contribuíram para a sua visão sobre inclusão digital após a oficina? E a dos colegas?
- Vocês acham que o que aprenderam sobre inclusão digital, sobre blog, pode ser usado depois da oficina? Como?